O sermão da montanha

Santo Agostinho

Santo Agostinho

O Sermão da Montanha

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

O sermão da montanha

Santo Agostinho

Introdução[1]

1

Na mesma época em que escrevi o **Comentário literal sobre o Gênesis**, compus também um livro sobre **O sermão da montanha**, segundo São Mateus.

Quanto ao que se lê na primeira parte deste livro: *Bem-aventurados os pacíficos, por que serão chamados filhos de Deus!*[2], *A sabedoria é a partilha dos pacíficos, nos quais tudo é regulado, nada se revolta contra a razão e tudo está submetido ao espírito da pessoa que obedece a Deus*[3], é preciso que eu me explique.

Não é possível a ninguém nesta vida, não ter em seus membros uma lei que repugne a lei do espírito. Mesmo quando o espírito humano resiste a essa lei a ponto de jamais sua vontade falhar, a repugnância e a luta ainda ali estarão. As palavras *nada se revolta contra a razão* só devem ser tomadas no sentido de que os pacíficos domam as concupiscências da carne para um dia chegarem à paz plena e completa.

---

[1] Das *Revisões*. Livro I, cap. XIX.
[2] Mateus 5: 9.
[3] Livro I, cap. 11.

2

Desta forma, quando em seguida, repetindo a frase do Evangelho: *Bem-aventurados os pacíficos, por que serão chamados filhos de Deus!*, eu acrescentei: *Tudo isso pode se realizar nesta vida, como acreditamos que aconteceu com os apóstolos*[4], isto não deve ser entendido no sentido de que os Apóstolos, em vida, não experimentavam nenhum impulso da carne contrário ao espírito, mas que se pode chegar até onde os Apóstolos chegaram, ou seja, na perfeição completa na medida em que ela pode ser conseguida nesta vida.

Eu não disse "Tudo isso pode se realizar nesta vida, pois acreditamos que aconteceu com os apóstolos", mas *como acreditamos que aconteceu com os apóstolos*. De sorte que, chega-se a isso como eles chegaram, ou seja, na perfeição que eles atingiram e que é aquela possível nesta vida presente, não aquela que esperamos um dia possuir na paz perfeita, quando diremos: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão*[5].

3

Em outro lugar[6], ao fazer esta citação: *Ele concede o Espírito sem medidas*[7], eu não tinha compreendido que esta passagem só se aplica com verdade a Jesus Cristo. De fato, se Deus desse seu espírito ao ser

[4] Livro I, cap. 12.
[5] 1 Coríntios 15: 55.
[6] Livro I, cap. 17.
[7] João 3: 34.

humano sem medidas, Eliseu não teria pedido o dobro do que tinha recebido Elias[8].

Ao expor estas palavras: *Passarão o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da Lei*[9], eu disse que elas só podem ser compreendidas como a expressão veemente da perfeição[10]. Naturalmente que podem me perguntar se essa perfeição pode ser entendida no sentido de que seja verdadeiro que ninguém, usando de seu livre arbítrio, pode viver neste mundo sem pecado.

Por quem, de fato, pode a Lei ser cumprida com perfeição, se não é por aquele que observa todos os preceitos divinos? Ora, nesses preceitos há um que nos ordena dizer: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido*[11]. Esta prece, a Igreja inteira a recita e a recitará até o fim dos séculos. Assim, todos os preceitos são considerados como cumpridos, quando tudo o que não se deve fazer é perdoado.

4

Seguramente o que disse o Senhor: *Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja e ensinar assim às pessoas, será declarado o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os guardar e os*

---

[8] 2 Reis 2: 9. *Tendo passado, Elias disse a Eliseu: "Peça-me algo, antes que eu seja arrebatado de ti. O que posso fazer por ti?" Eliseu respondeu: "Seja-me concedida uma porção dobrada do teu espírito".*
[9] Mateus 5: 18.
[10] Livro I, cap. 20.
[11] Mates 6: 12.

ensinar será declarado grande no Reino dos céus. Digo-vos, pois, se vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos céus[12], eu expliquei muito melhor nos meus textos posteriores. Mas seria muito longo repeti-los neste momento.

O sentido dado aqui a estas palavras[13] é que aqueles que dizem e fazem, possuem uma justiça maior do que a dos escribas e fariseus, pois Nosso Senhor diz dos fariseus e escribas: *Dizem e não fazem*[14].

Nós compreendemos também muito melhor mais tarde[15] estas palavras: *Todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes*[16]. Os manuscritos gregos não trazem "sem causa", como eu coloquei, embora o sentido seja o mesmo. De fato, eu disse que era preciso considerar o que é se irar contra seu irmão. Ora, não é se irar contra seu irmão se irritar com o pecado de seu irmão. Aquele então que se irrita, não contra o pecado, mas contra seu irmão, se coloca em ira sem uma causa.

5

Da mesma forma, quando eu escrevi: *O mesmo devemos dizer com relação ao pai, à mãe e a todos com os quais temos laços de sangue. Neles devemos odiar o que arrasta toda pessoa para a necessidade*

[12] Mateus 5: 19 e 20.
[13] Livro I, cap. 21.
[14] Mateus 23: 3.
[15] Cf. *A cidade de Deus*. Livro 21, cap. 27.
[16] Mateus 5: 22.

de nascer e de morrer[17], parece que eu quis dizer que esses laços naturais não existiriam, caso o ser humano não tivesse pecado e, assim, ninguém seria submetido à morte. Este sentido eu já reprovei.

Haveria, de fato, parentesco e alianças, mesmo se o pecado original não tivesse acontecido e o gênero humano tivesse crescido e se multiplicado sem morrer.

O que deve servir para resolver de forma diferente esta questão: por que Deus nos ordenou amar nossos inimigos[18], quando, em outro lugar, ele nos ordena odiar nossos pais e nossos filhos[19]?

Ela não deve ser resolvida como fizemos aqui, mas como fizemos muitas outras vezes posteriormente. A saber: devemos amar nossos inimigos para ganhá-los para o reino de Deus e odiar nossos parentes, se eles nos afastam dele.

6

Assim também, o preceito que proíbe um marido rejeitar sua esposa, se não for por causa de fornicação[20], eu discuti aqui com o maior dos escrúpulos[21].

---

[17] Livro I, cap. 41.
[18] Cf. Mateus 5: 44. *Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem.*
[19] Cf. Lucas 14: 26. *Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*.
[20] Cf. Mateus 5: 32. *Ego autem dico vobis : quia omnis qui dimiserit uxorem suam, excepta fornicationis causa, facit eam mœchari : et qui dimissam duxerit, adulterat*.
[21] Livro I, cap. 43.

Mas, que fornicação é esta que faz o Senhor permitir o repúdio? É aquela considerada como um dos crimes vergonhosos ou é aquela da qual se diz: *Perdestes os que fornicam longe de vós*[22], que inclui a primeira, pois, não é cometer fornicação contra o Senhor, corromper os membros de Cristo e transformá-los em membros de uma cortesã? É isto o que se deve examinar, pesquisar e meditar profundamente.

Em uma matéria tão importante e tão difícil, eu não gostaria que o leitor pensasse que minha discussão basta. Que ele procure, pelo contrário, ler outros escritos; sejam aqueles compostos posteriormente, sejam aqueles que foram melhor redigidos e meditados por outros. Que ele mesmo consulte, se puder, seu intelecto, com sagacidade e prudência, sobre as razões que podem corretamente ser invocadas aqui.

De fato, nem todo pecado é uma fornicação. Deus não perde todos os pecadores. Ele diariamente ouve os santos que lhe pedem: *Perdoai nossas ofensas*. No entanto, ele condena, ele perde, todo aquele que comete uma fornicação contra ele.

Qual é então essa fornicação? Como entendê-la e como delimitá-la? Se, por causa dela, é permitido repudiar uma esposa, esta é uma questão das mais obscuras.

Quanto a repudiar baseado na fornicação enquanto crime vergonhoso, não há dúvida. Apenas, quando eu disse que esse repúdio era permitido mas não ordenado, eu não me atentei para estas outras pala-

[22] Salmo 72: 27. *Perdidisti omnes qui fornicantur abs te*.

vras das Escrituras: *Aquele que mantém uma adúltera é um tolo e um ímpio*[23].

Que fique bem entendido que eu não chamaria de adúltera a mulher para quem o Senhor disse: *"Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar"*[24], contanto que ela o tenha obedecido.

7

Em outro lugar eu defini o pecado mortal contra um irmão, do qual São João diz: *Há pecado que é para morte; não digo que se reze por este*[25], eu o defini, repito, com estas palavras: *Esse pecado do irmão que conduz à morte acontece quando, após ter conhecido Deus, pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, atenta-se contra a união fraternal e, desprezando a graça da reconciliação, se é atormentado pelos fogos do ciúme*[26].

Eu não provei minha afirmação por que a enunciei como sendo apenas meu pensamento. Mas, seria preciso acrescentar: se, no entanto, se termina esta vida nessa atroz perversidade, pois não se deve jamais desesperar neste mundo, mesmo com relação aos mais ímpios e se tem razão em rezar sempre por aquele por quem não se desespera.

---

[23] Provérbios 18: 22. *Qui autem tenet adulteram stultus est et impius*.
[24] João 8: 11.
[25] 1 João 5: 16.
[26] Livro I, cap. 73.

8

No segundo livro eu digo: *Não será possível para ninguém ignorar o reino de Deus, quando seu Filho unigênito vier do céu __ de uma maneira não apenas espiritual, mas também visível e como homem do Senhor __ para julgar os vivos e os mortos*[27].

Não penso que se possa utilizar corretamente a expressão *homem do Senhor*, para o Mediador entre Deus e a humanidade, para Jesus Cristo humano, pois ele é o Senhor. Qual é, de fato, o homem de quem se possa dizer, em sua santa família, que é o homem do Senhor?

Se utilizei esta expressão foi por que a li em alguns escritores católicos, intérpretes das santas Escrituras. Eu gostaria de não tê-la empregado em toda parte onde fiz isso.

De fato, eu vi mais tarde que ela não é absolutamente adequada, embora possa ser defendida com algumas boas razões.

Também eu disse: *Talvez ninguém possa seriamente odiar Deus*[28]. Eu não deveria ter falado assim, pois há pessoas das quais se diz: *Não olvideis os insultos de vossos adversários e a soberba crescente dos que vos odeiam*[29].

---

[27] Livro II, cap. 20.
[28] Livro II, cap. 48.
[29] Salmo 73: 23. *Ne obliviscaris voces inimicorum tuorum : superbia eorum qui te oderunt ascendit semper*.

9

Em outro lugar eu escrevi: *"A cada dia basta o seu cuidado"*[30], *diz o Senhor. Ou seja, já basta a necessidade que nos força a usar as coisas do mundo. Quanto à palavra "cuidado", eu penso que ela foi escolhida para nos indicar que é uma punição para nós, já que ele é o resultado da fragilidade e da mortalidade a que somos sujeitos por causa do pecado*[31].

Eu não me atentei que, no paraíso, alimentos foram fornecidos aos nossos primeiros pais, antes que o pecado lhes tivesse atraído para a morte. Eles eram então imortais dotados de um corpo, não espiritual, mas animal e, nessa condição de imortalidade, eles continuavam a se servir dos alimentos.

Quando eu também disse[32]: *A gloriosa Igreja que Deus escolheu e que não tem mácula e nem ruga*[33], eu não quis dizer que a Igreja fosse atualmente absolutamente assim e em todas as partes. Não se pode duvidar que ela foi escolhida para ser assim quando Cristo, sua vida, aparecer. Ela então aparecerá igualmente na glória e é por isso que ela é chamada de gloriosa.

Da mesma forma, quando o Senhor disse: *Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Por que todo aquele que*

---

[30] Mateus 6: 34.
[31] Livro II, cap. 56.
[32] Livro II, cap. 66.
[33] Cf. Efésios 5: 27.

pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á[34], eu exaustivamente tentei expor no que diferem estas três coias[35]. Mas considero que seria melhor relacioná-las a uma prece perseverante. Isto é o que demonstra a conclusão desta passagem, onde o Senhor diz: *Quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem*[36]. Ele não disse, de fato: àqueles que pedem, que buscam, que batem.

Esta obra começa assim: *Estudando com piedade e prudência o sermão que Nosso Senhor Jesus Cristo pronunciou na montanha*.

[34] Mateus 7: 7 e 8.
[35] Livro II, cap. 71.
[36] Mateus 7: 11.

Livro I

Capítulo 1

A regra perfeita da vida cristã descrita no sermão da montanha.

Estudando com piedade e prudência o sermão que Nosso Senhor Jesus Cristo pronunciou na montanha, tal como lemos no evangelho segundo São Mateus, ali encontraremos, eu acho, tudo o que diz respeito aos bons costumes e um perfeito modelo da vida cristã.

Eu não me aventuro ao dizer isso, pois me fundamento nas próprias palavras do Senhor. Com efeito, ao concluir esse discurso, o Senhor deixa entender que ele reuniu ali todos os preceitos próprios a formar nossa vida, já que ele diz: *Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína*[37].

Não apenas dizendo "quem ouve minhas palavras", mas "quem ouve *estas* minhas palavras", o Senhor indicou bem, me parece, que as

[37] Mateus 7: 24-27.

palavras que ele pronunciou na montanha podem imprimir, à conduta daqueles que querem colocá-las em prática, uma perfeição tal que se poderá justamente compará-lo a uma pessoa que construiu sua casa sobre a rocha. Eu digo isto para mostrar que esse discurso reúne todas as regras da perfeição cristã e retornaremos com mais detalhes sobre este capítulo.

Capítulo 2

O significado da montanha.

Eis então a preliminar desse sermão: *Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele. Então abriu a boca e lhes ensinava, dizendo*[38].

Se nos perguntarmos o que significa a montanha, é razoável pensar que ela designa a mais alta importância dos preceitos da justiça, comparativamente àqueles da lei judaica, que lhes são inferiores. No entanto, foi o próprio Deus que, através de seus santos profetas e seus servidores, na exata conveniência do tempo, forneceu mandamentos de menor valor a um povo que ainda precisava ser sujeitado pelo medo e outros, mais preciosos, através de seu Filho, a um povo que ele achou conveniente libertar através do amor.

Mas, ambos, de acordo com suas medidas, foram fornecidos por aquele que é o único a aplicar o remédio adequado aos males do gênero humano. Não há nada de espantoso que o mesmo Deus que fez o céu e a

[38] Mateus 5: 1 e 2.

terra tenha dado preceitos maiores, com vistas ao reino do céu e outros menores, com vistas ao reino da terra. Ora, é dessa justiça maior que fala o rei-profeta: *Vossa justiça é semelhante às montanhas de Deus*[39]. Aí está, precisamente o que significa a montanha sobre a qual ensina o mestre único[40]; o único capaz de ensinar coisas tão grandiosas. E ele se sentou para ensinar, como convém à dignidade de um mestre e seus discípulos se aproximam dele, para ficarem mais perto fisicamente e para ouvirem suas palavras, da mesma forma como já se aproximavam em espírito para realizá-las. *Então abriu a boca e lhes ensinava, dizendo*[41]. A circunlocução "então abriu a boca" talvez tivesse como objetivo, ao retardar um pouco o começo do discurso, indicar que ele será muito longo; a menos que se veja aí uma alusão ao que se lê frequentemente na antiga lei: que Deus abria a boca dos profetas, enquanto que aqui é ele próprio que abre a sua.

Capítulo 3

O reino dos céus é dos pobres de espírito.

O que diz então o Salvador? *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus!*[42] Dizemos, com relação às coisas temporais: tudo é vaidade e presunção de espírito[43]. Ora, presunção de espírito quer dizer audácia e orgulho. Diz-se vulgarmente, com efeito,

[39] Salmo 35: 7.
[40] Cf. Mateus 23: 8.
[41] Mateus 5: 2.
[42] Mateus 5: 3.
[43] Cf. Eclesiastes 1.

dos orgulhosos, que eles têm um espírito elevado __ um *magnus spiritus* __ e com razão, pois a palavra *spiritus* quer dizer também vento. Como lemos no salmo: *fogo e granizo, neve e neblina; espírito proceloso*[44]. E quem ignora que se dá também aos orgulhosos o nome de inflados, como se diz para aquilo que está cheio de vento? Daí vem também aquelas palavras do Apóstolo: *A ciência incha, a caridade constrói*[45].

Por isso há razão para se entender aqui as palavras *pobres de espírito* como sendo as pessoas humildes e tementes a Deus, ou seja, que não têm um espírito que se infla. Ora, a beatitude não poderia absolutamente ter outro princípio, pois ela deve atingir a soberana sabedoria, em que *O temor do Senhor é o começo da sabedoria*[46], enquanto que, pelo contrário, *o princípio de todo pecado é o orgulho*[47].

Que os orgulhosos ambicionem e amem então os reinos da terra, mas, *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus!*

---

[44] Salmo 148: 8. *Ignis, grando, nix, glacies, spiritus procellarum*
[45] 1 Coríntios 8: 1.
[46] Eclesiástico 1: 16 e Salmo 110: 10.
[47] Eclesiástico 10: 15.

Capítulo 4

Os mansos possuirão a terra.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra![48] Essa terra, eu acho, é aquela mencionada pelo salmista: *Vós sois meu refúgio, meu quinhão na terra dos vivos*[49]. Entende-se o Senhor aqui como uma herança sólida, firme, perpétua, onde a alma encontra, através de seus bons afetos, o lugar de seu repouso, como o corpo o encontra na terra e dela tira seu alimento; assim é o repouso dos santos.

Ora, os mansos são aqueles que cedem às injustiças, não opõem resistência ao mal e triunfam dele através do bem[50]. Portanto, que aqueles que são privados desta virtude discutam, disputem entre eles os bens terrenos e passageiros, mas, *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!* e essa herança ninguém poderá lhes tirar.

Capítulo 5

Os que choram serão consolados.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados![51] O luto é a tristeza causada pela perda das coisas que se ama. Ora, aqueles que se convertem a Deus perdem, por este simples ato, tudo o que amam no mundo, pois seu prazer não está mais onde estava antes e até que os bens eternos sejam objeto de sua afeição, eles experimentam

[48] Mateus 5: 5.
[49] Salmo 141: 6.
[50] Cf. Romanos 12: 21.
[51] Mateus 5: 4.

uma certa tristeza. Eles serão então consolados pelo Espírito Santo, que é chamado por isso de Paráclito, que quer dizer Consolador. De sorte que, ao perder os prazeres do tempo, eles desfrutam aqueles da eternidade.

Capítulo 6

Os que têm fome de justiça serão saciados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados![52] O Salvador fala aqui daqueles que são ávidos pelo bem verdadeiro e imutável. Eles serão, portanto, saciados com esse alimento que o Senhor fala: *Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra*[53], que é o que consiste, propriamente, a justiça. Eles serão também saciados com a água mencionada pelo Senhor: *O que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água, que jorrará até a vida eterna*[54].

Capítulo 7

Os misericordiosos alcançarão a misericórdia.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia![55] Ele chama de bem aventurados aqueles que socorrem os infelizes, por que, em recompensa, eles próprios serão libertados da infelicidade.

---

[52] Mateus 5: 6.
[53] João 4: 34.
[54] João 4: 14.
[55] Mateus 5: 7.

Capítulo 8

Os puros verão Deus.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus![56] São insensatos aqueles que procuram Deus com os olhos do corpo, já que ele é visto com os olhos do coração, como está escrito: *Procurai-o na simplicidade do coração*[57]. Um coração puro é um coração simples e, da mesma forma como a luz só pode ser percebida por olhos puros, assim também Deus só pode ser visto se o que pode vê-lo também está puro.

Capítulo 9

Os pacíficos serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus![58] A perfeição está na paz, que exclui todo combate. É por isso que os pacíficos são chamados de filhos de Deus, por que neles nada resiste a Deus e por que os filhos devem se parecer com o Pai.

Ora, são pacíficos propriamente todos aqueles que controlam todos os movimentos de sua alma e os submetem à razão, ou seja, à inteligência e ao espírito, que dominam todos os apetites da carne e se tornam o reino de Deus, onde tudo é ajustado de tal maneira que a parte principal e melhor do ser humano comanda __ sem experimentar resis-

[56] Mateus 5: 8.
[57] Sabedoria 1: 1.
[58] Mateus 5: 9.

tência __ as outras partes, que nos são comuns aos animais, enquanto que ela mesma, ou seja, a inteligência e a razão, permanece submissa à uma autoridade maior, que é o Filho único de Deus, a própria Verdade. Ninguém pode comandar forças inferiores se não se submeter a uma força superior.

Esta é a paz reservada na terra às pessoas de boa vontade[59]; é a vida de uma pessoa perfeita, no ápice da sabedoria. Desse reino, onde a paz e a ordem estão em sua plenitude, está excluído o príncipe deste século, que domina os corações perversos e rebeldes à ordem. Essa paz interior, uma vez estabelecida e consolidada, quaisquer que sejam as tempestades provocadas por aquele que foi jogado para fora, elas só fazem aumentar a glória de quem está de acordo com Deus. Nada abala seu edifício e a impotência das máquinas voltadas contra ele lhe mostra com que solidez ele está construído em seu interior. Eis o porquê de lermos em seguida: *Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!*[60]

Capítulo 10

A gradação admirável das oito beatitudes.

Estas são as oitos beatitudes, pois, em seguida o Salvador se dirige em particular àqueles que estavam lá, dizendo: *Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem fal-*

[59] Cf. Lucas 2: 14.
[60] Mateus 5: 10.

samente todo o mal contra vós por causa de mim[61], enquanto que antes ele se dirigia a todo mundo.

Com efeito, ele não disse "Bem aventurados os pobres de espírito, por que *a vocês* pertence o reino dos céus", mas sim, "por que *a eles* pertence o reino dos céus". Ele não disse "Bem aventurados os mansos, por que *vocês* possuirão a terra", mas sim, "por que *eles* possuirão a terra". E assim por diante, até a oitava frase: *Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!* Mas, dali por diante ele fala àqueles que estavam presentes, se bem que o que ele disse antes se dirigia também a eles e tudo o que ele parecia lhes dizer especialmente convinha igualmente àqueles que estavam ausentes o que deveriam nascer em seguida.

Por isso, é preciso prestar uma grande atenção ao número oito. A primeira beatitude é aquela que provém da humildade: *Bem aventurados os pobres de espírito*, ou seja, aqueles que não são inflados, cuja alma se submete à autoridade divina e que temem ser entregues ao suplício após a morte, mesmo que possam se considerar felizes nesta vida. Daí ela chega ao conhecimento das santas Escrituras, onde deve se mostrar mansa por espírito de piedade, para não se pôr a atacar o que os ignorantes tratam como absurdo e se tornar indócil com discussões opiniáticas. Assim ela começa a compreender por quais laços ela está presa a este século, por meio da atitude e do pecado.

[61] Mateus 5: 11.

Por consequência, no terceiro grau, que é aquele da ciência, ela chora a perda do soberano bem, se vendo retida na outra extremidade. O quarto grau é o do trabalho, dos esforços violentos que a alma faz para se afastar do prazer envenenado que a captura. Aí é onde se tem fome e sede de justiça e a coragem é fortemente necessária, por que não se deixa sem dor o que se possui com alegria. No quinto grau é dado, àqueles que perseveraram no trabalho, um conselho para se libertar, pois, sem a ajuda de uma força superior, ninguém é capaz de se livrar de misérias tão grandes e tão complicadas. E este conselho é de ajudar a fraqueza de um inferior, se se quer receber a ajuda de um superior. Por consequência: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!*

O sexto grau consiste na pureza do coração que, fortalecido pela consciência das boas obras, é capaz de contemplar o soberano bem, que só é viável para o intelecto sereno e puro. O sétimo é a própria sabedoria, ou seja, a contemplação da verdade, que pacifica o ser humano inteiro e o torna semelhante a Deus. Daí esta conclusão: *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!*

A oitava beatitude retorna, por assim dizer, à primeira, já que, mostra e prova o que está consumado e aperfeiçoado.

Bem aventurados os pobres de espírito, por que a eles pertence o reino dos céus. Depois, bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus. Isto é o mesmo que

dizer: *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada?*[62]

Há, portanto, sete graus no trabalho da perfeição, pois o oitavo resume tudo na glória, mostra o que é perfeito e retorna ao primeiro, para refazer os oitos graus, do primeiro ao último.

Capítulo 11

Os sete graus da perfeição igualmente marcados em Isaías, mas por gradação descendente.

Parece-me que as sete operações do Espírito Santo, descritas por Isaías[63], correspondem a estes graus e a estas sentenças do Salvador. Mas a ordem não é a mesma, pois lá, começa-se pelo superior e aqui pelo que é inferior.

Com efeito, a profecia menciona em primeiro lugar a sabedoria e em último o temor a Deus. Mas, *o temor ao Senhor é o princípio da sabedoria*[64]. Se então seguimos a ordem ascendendo, o primeiro grau é o temor a Deus, o segundo é a piedade, o terceiro é a ciência, o quarto é a força, o quinto é o conselho, o sexto é o entendimento e o sétimo é a sabedoria.

O temor a Deus convém aos humildes e daí se diz que "bem aventurados os pobres de espírito", ou seja, aqueles que não são inflados e

[62] Romanos 8: 35.
[63] Isaías 11: 2 e 3.
[64] Eclesiástico 1: 16 e Salmo 110: 10.

nem orgulhosos e para os quais o Apóstolo diz: *Não te ensoberbeças, antes teme*[65], ou seja, não se envaideçam.

A piedade convém àqueles que são mansos, pois quem procura de maneira santa, honra as santas Escrituras, não critica o que ainda não compreende e, por isso mesmo, não resiste. É nisto que consiste propriamente a mansidão, da qual se fala: *Bem aventurados os mansos*.

A ciência é própria daqueles que choram, que aprenderam com as santas Escrituras a conhecer em quais males eles estão implicados; males que eles cobiçam em sua ignorância, como coisas boas e úteis. Deles se diz: *Bem aventurados aqueles que choram*.

A força é a partilha daqueles que têm fome e sede. Eles trabalham, com efeito, no objetivo de obter o desfrute do verdadeiro bem e de afastar seus corações das coisas terrenas e materiais. Deles é dito: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.*

O conselho convém aos misericordiosos, pois o único remédio, o único meio de escapar de tantos males, é perdoar como queremos que nos perdoem, é ajudar os outros com tudo o que estiver em nosso poder, como nós mesmos queremos ser ajudados. Desses é dito: *Bem-aventurados os misericordiosos.*

O entendimento pertence àqueles que tem o coração puro, por que seu olhar purificado pode ver o que o olho do corpo não viu, o que o

[65] Romanos 11: 20.

ouvido não ouviu, o que não chegou até o coração humano[66]. Deles se diz: *Bem aventurados aqueles que têm o coração puro*.

A sabedoria é a partilha dos pacíficos, nos quais tudo é regulado, nada se revolta contra a razão e tudo está submetido ao espírito da pessoa que obedece a Deus[67]. Destes se diz: *Bem aventurados os pacíficos*.

Capítulo 12

O multiforme único prêmio, que varia de acordo com os graus.

Mas o céu, única recompensa para todos, assume diversos nomes de acordo com a diferença dos graus. Primeiramente ele foi nomeado, já que ele é a sabedoria soberana e perfeita da alma racional e foi dito: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus!* É como se fosse dito: "O medo do Senhor é o começo da sabedoria".

A herança é prometida àqueles que são mansos. Este é o testamento paterno em favor daqueles que buscam com santidade: *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!*

A consolação é para aqueles que choram, por que sabem o que perderam e em quais males eles estão mergulhados: *Bem-aventurados os que choram, por que serão consolados!*

A saciedade está prometida àqueles que têm fome e sede, como uma refeição necessária àqueles que trabalham e combatem corajosa-

[66] Cf. Isaías 64: 4 e 1 Coríntios 2: 9.
[67] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 1.

mente por sua salvação: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, por que serão saciados!*

A misericórdia é para os misericordiosos, que colocam em prática a verdade e o bom conselho, para receber de alguém mais poderoso o que eles mesmos concedem aos mais fracos: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!*

Àqueles que têm o coração puro, a faculdade de ver Deus, por que seu olhar purificado pode contemplar as coisas eternas: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*

Aos pacíficos, a semelhança com Deus, por que eles possuem a sabedoria perfeita e são formados à imagem de Deus, através da regeneração do novo ser humano: *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!*

Tudo isso pode se realizar nesta vida, como acreditamos que aconteceu com os apóstolos[68], pois não é possível descrever com palavras essa transformação em forma angélica, que nos é prometida para a outra vida. *Bem-aventurados*, portanto, *os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!*

Esta oitava frase __ que retorna à primeira e mostra o ser humano perfeito __ é, talvez, uma representação da circuncisão da antiga lei, que acontecia no oitavo dia; da ressurreição do Senhor, que aconteceu após o sábado, ou seja, no oitavo dia, que é, ao mesmo tempo, o primei-

[68] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 2.

ro; e da celebração das duas oitavas que observamos: uma por ocasião da regeneração do homem novo e a outra por ocasião de Pentecostes.

Com efeito, sete multiplicado por sete são quarenta e nove, ao que se acrescenta um oitavo dia, para completar cinquenta e retornar, de alguma forma, ao ponto de partida. E nesse dia foi enviado o Espírito Santo, por quem somos conduzidos ao reino dos céus, de quem recebemos a herança, que nos consola, nos alimenta, nos faz misericórdia, nos purifica e nos pacifica, de sorte que, tornados perfeitos, suportemos, pela verdade e a justiça, as perseguições que vem de fora.

Capítulo 13

Sofrer pela justiça e por Jesus Cristo.

Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim[69].

Todo aquele que procura no cristianismo as alegrias deste mundo e a posse dos bens temporais saiba que nossa felicidade é interior, como disse o profeta da alma fiel, filha da Igreja: "Toda a beleza dessa filha do rei é interior"[70], pois de fora só nos prometem maldições, perseguições e calúnias.

No entanto, para tudo isso haverá no céu uma grande recompensa, que já desfrutam interiormente aqueles que são pacientes e que podem

[69] Mateus 5: 11.
[70] Cf. Salmo 44: 14

dizer: *Nos gloriamos até das tribulações. Pois sabemos que a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade e a fidelidade, comprovada, produz a esperança. E a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[71].

Com efeito, não basta sofrer essas tribulações para colher os frutos, mas é preciso suportá-las em nome de Cristo e não somente com paciência, mas com alegria.

Muitos heréticos, que seduzem as almas sob a aparência do cristianismo, suportam provas desse tipo. No entanto, eles não recebem nenhuma parte da recompensa, por que não somente é dito "bem aventurados aqueles que sofrem perseguição", mas é acrescentado "pela justiça", por que o justo vive da fé[72].

Que os cismáticos não se gabem também de obter essa recompensa, por que a justiça não pode estar onde não há caridade, já que *A caridade não pratica o mal contra o próximo*[73]. Se eles a tivessem, não dilacerariam o corpo de Cristo, *que é a Igreja*[74].

[71] Romanos 5: 3-5.
[72] Cf. Romanos 1: 17 e Habacuc 2: 4.
[73] Romanos 13: 10.
[74] Colossenses 2: 24.

Capítulo 14

A diferença entre insulto e difamação.

Pode-se perguntar qual é a diferença entre as expressões q*uando vos caluniarem* e *disserem falsamente todo o mal contra vós*. Caluniar é simplesmente falar mal e outra coisa é lançar uma maldição acompanhada de injúrias no rosto de alguém presente, como quando os judeus disseram para Nosso Senhor: *Não dizemos com razão que és samaritano e que estás possesso de um demônio?*[75] Outra coisa é atingir a reputação de alguém ausente, como também lemos com relação ao mesmo Salvador: *Uns diziam: É homem de bem. Outros, porém, diziam: Não é; ele seduz o povo*[76]. Perseguir é, portanto, fazer violência ou armar armadilhas para alguém, como fizeram aqueles que entregaram Jesus e aqueles que o crucificaram.

Não foi dito simplesmente *disserem todo o mal contra vós*, mas foi acrescentado *falsamente* e também *por causa de mim*. Isto foi feito, eu acho, por causa daqueles que procuram se glorificar por causa das perseguições e da ignomínia lançada sobre seus nomes e que dizem pertencer a Cristo por que se fala muito mal deles, quando só se fala a verdade ao falar de seus erros. E se alguma vez se diz alguma falsidade sobre eles, isso se deve à fraqueza humana. No entanto, eles não sofrem

[75] João 8: 48.
[76] João 7: 12.

estas coisas por amor a Cristo, pois, não é discípulo de Cristo, quem não leva o nome de cristão segundo a verdadeira fé e doutrina católica

Capítulo 15

A recompensa futura nos céus.

Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus[77]. Eu não acho que *céus* aqui deva ser entendido como a parte superior deste mundo visível. Nossa recompensa, que deve ser imutável e eterna, não pode ser encontrada nas coisas sujeitas ao movimento e ao curso do tempo. Mas, *céus* eu acredito que designa o firmamento espiritual onde habita a justiça eterna[78] e, em comparação com a qual, a alma culpada é chamada de *terra*, segundo o que foi dito a Adão pecador: *Porque és pó e pó te hás de tornar*[79]. Foi destes céus que o Apóstolo falou, quando disse: *Nós, porém, somos cidadãos dos céus*[80]. Ora, aqueles que gozam dos bens espirituais já desfrutam dessa recompensa, mas ela só será completa quando este corpo mortal tiver se tornado imortal.

Pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós[81]. Agora Cristo faz a perseguição em geral se consistir nas maldições e na difamação e, a propósito disto, ele dá um exemplo, pois, é comum àqueles que dizem a verdade sofrerem perseguições e, no entanto, essa perseguição não impediu os antigos profetas de anunciarem a verdade.

---

[77] Mateus 5: 12.
[78] Cf. 2 Pedro 3: 13.
[79] Gênesis 3: 19.
[80] Filipenses 3: 20.
[81] Mateus 5: 13.

Capítulo 16

O sal da terra.

É, portanto, com muita razão que o Salvador diz em seguida: *Vós sois o sal da terra*[82], mostrando assim que é preciso olhar como insensatos aqueles que procuram a abundância dos bens temporais ou que, temendo ser privados deles, acabam perdendo os bens eternos, que os seres humanos não podem dar e nem tirar.

Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Ou seja, se vocês __ através dos quais os povos devem, de alguma forma, serem temperados __ perderem o reino dos céus, por causa do medo das perseguições temporais, onde se encontrará pessoas para livrarem vocês do erro, já que Deus os escolheu para curar os outros? Se o sal perde o sabor *Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens*. Ora, não é aquele que sofre perseguição que se calca com os pés, mas aquele que, por medo das perseguições, perde sua virtude. Com efeito, só se pode calcar com os pés aquele que está na terra, mas, não está fixado na terra quem, mesmo que sofra muito aqui embaixo em seu corpo, está, no entanto, fixado no céu pelo coração.

[82] Mateus 5: 13.

Capítulo 17

A luz do mundo.

Vós sois a luz do mundo[83]. Como ele disse antes *Vós sois o sal da terra*, agora ele diz: *Vós sois a luz do mundo*. Ora, a terra mencionada antes, não devemos entender aquela que calcamos com nossos pés do corpo, mas as pessoas que habitam nela, inclusive os pecadores, pois, foi para temperá-los e destruir seus maus odores que o Senhor lhes enviou o sal apostólico. E por mundo não devemos entender aqui o céu e a terra, mas as pessoas que estão no mundo, que amam o mundo e que os apóstolos têm a missão de esclarecer.

Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha, ou seja, quando ela está fundada sobre uma grande e impactante justiça; justiça designada também pela montanha sobre a qual o Senhor faz ouvir sua palavra.

Não se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire. Como interpretar estas palavras? "Colocar debaixo do alqueire", significa simplesmente esconder uma lâmpada, como se fosse dito: ninguém acende uma lâmpada para escondê-la? Ou a palavra alqueire tem outro significado? Colocar uma lâmpada sob o alqueire significa preferir as vantagens do corpo à pregação da verdade, de sorte que se deixa de ensinar por medo de sofrer alguma contrariedade nas coisas corporais e passageiras? Seja como for, a palavra alqueire foi bem escolhida; seja por

[83] Mateus 5: 14.

causa da medida com a qual cada um receberá a recompensa do que fez, de acordo com o testemunho do Apóstolo: *Cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo*[84] e segundo outro texto, onde a ideia de medida pessoal também é encontrada: *Com a medida com que tiverdes medido, também vós sereis medidos*[85]; seja por que os bens passageiros, que dizem respeito ao corpo, começam e acabam em um número de dias determinado, indicado talvez pelo alqueire, enquanto que os bens eternos e espirituais não se encerram em tais limites, por que Deus *concede o Espírito sem medidas*[86].[87]

Assim, quem obscurece e esconde a luz da boa doutrina sob as vantagens corporais coloca a lâmpada sob o alqueire, enquanto que coloca-a sobre o candeeiro aquele que coloca seu corpo a serviço de Deus, de sorte que a pregação da verdade fica por cima e a escravidão do corpo fica por baixo. Essa mesma escravidão do corpo faz brilhar a doutrina, que se insinua nas mentes dos ouvintes através da voz, pela língua e pelos outros movimentos do corpo que contribuem para as boas obras.

O Apóstolo coloca então a lâmpada sobre o candeeiro, quando diz: *Assim, eu corro, mas não sem rumo certo. Dou golpes, mas não no ar. Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de*

[84] 2 Coríntios 5: 10.
[85] Mateus 7: 2.
[86] João 3: 34.
[87] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 3.

medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros[88].

Na sequência do sermão: *a fim de que brilhe a todos os que estão em casa*[89], devemos, eu acho, entender a casa como o lugar onde as pessoas moram, ou seja, o mundo, no sentido em que foi dito antes: *Vós sois a luz do mundo*; a menos que se queira ver aí a Igreja, o que não seria absurdo.

Capítulo 18

A glória de Deus deve ser a finalidade de nossas obras.

Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus[90]. Se ele tivesse dito somente *Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras*, teria parecido que o objetivo das obras eram os louvores humanos, que é o que procuram os hipócritas e aqueles que ambicionam as honras e perseguem a mais vã das glórias. Foi contra isso que se escreveu: *Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo*[91]. E o profeta: "Aqueles que agradam aos homens foram confundidos, por que Deus os reduziu a nada" e ainda "Deus quebrou os ossos daqueles que agradam aos homens". E o Apóstolo:

[88] 1 Coríntios 9: 26 e 27.
[89] Mateus 5: 15.
[90] Mateus 5: 16.
[91] Gálatas 1: 10.

Não sejamos ávidos da vanglória[92] e *Cada um examine o seu procedimento. Então poderá gloriar-se do que lhe pertence e não do que pertence a outro*[93].

O Salvador não se contentou, portanto, em dizer *para que vejam as vossas boas obras*, mas acrescentou *e glorifiquem vosso Pai que está nos céus*, para que, mesmo obtendo a aprovação de seus semelhantes para as suas boas obras, o ser humano, no entanto, não coloque aí seu objetivo final, mas atribua tudo a Deus e só busque na aprovação humana a glória de Deus.

É vantajoso, mesmo para aqueles que recebem elogios, atribuí-los a Deus e não ao ser humano; como o Senhor mostrou quando curou o paralítico e a multidão admirou seu poder, como está escrito: *Vendo isto, a multidão encheu-se de medo e glorificou a Deus por ter dado tal poder aos homens*[94]. Paulo, o imitador de Cristo, também nos diz: *Eu era ainda pessoalmente desconhecido das comunidades cristãs da Judéia; tinham elas apenas ouvido dizer: Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora combatia. E glorificavam a Deus por minha causa*[95].

---

[92] Gálatas 5: 26.
[93] Gálatas 6: 4.
[94] Mateus 9: 8.
[95] Gálatas 1: 22 e 23.

Capítulo 19

A integração dos Testamentos.

Após ter exortado desta maneira seus ouvintes a sofrerem tudo pela verdade e a justiça e não esconderem os bens que deveriam receber, mas instruir com a intenção benevolente de ensinar os outros, atribuindo todas as suas boas obra não à sua própria glória, mas à de Deus; após isto, eu dizia, o Senhor começa a esclarecê-los e instruí-los sobre o que devem ensinar, como se eles o tivessem perguntado: "Estamos prontos para sofrer por seu nome, a não esconder sua doutrina. Mas, qual é esta doutrina que você nos pede para não esconder e pela qual você nos ordena a tudo sofrer? Você vai então contradizer o que está escrito na lei?" *Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los à perfeição*[96], ele respondeu.

Capítulo 20

Duas maneiras de cumprir a Lei.

Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los à perfeição. Esta frase encerra dois sentidos, que precisam ser explicados separadamente. Quem diz *não vim para abolir a Lei, mas aperfeiçoá-la*, quer dizer que acrescentará à lei o que lhe falta ou que cumprirá o que ela diz.

[96] Mateus 5: 17.

Falemos primeiro da primeira suposição. Aquele que supriu a falta de alguma coisa não destruiu o que encontrou, mas o confirmou aperfeiçoando-o. Foi por isso que o Salvador acrescentou: *Pois em verdade vos digo: passarão o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da Lei*[97]. Com efeito, quando o que deve fazer o aperfeiçoamento se realiza, com mais forte razão o que forma o começo deve ser executado.

Quanto às palavras *antes que desapareça um só jota, um traço da Lei*, elas só podem ser uma enérgica expressão da perfeição, já que ela foi demonstrada por cada letra em particular. O jota é a menor das letras, por que é feita de um só traço e o ponto é uma parte mínima colocada em cima dele. Com estas palavras o Senhor mostra que na Lei, tudo se cumprirá, até nos mínimos detalhes.

Em seguida, ele acrescenta: *Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no Reino dos céus*[98]. Um jota e um ponto designam aqui então os mandamentos menos importantes. Por consequência, *aquele que violar e ensinar assim*, ou seja, segundo o que violou e não segundo o que encontrou e leu, *será declarado o menor no Reino dos céus*, onde todos os habitantes devem ser grandes. *Mas aquele que os guardar e os ensinar*, ou seja, não violar e ensinar o que não foi violado, *será declarado grande no Reino dos céus*. Ora, aquele que for chamado de grande

[97] Mateus 5: 18.
[98] Mateus 5: 19.

no reino dos céus, estará, necessariamente, no reino dos céus, onde os grandes são admitidos. É a isto que está ligado o que se segue.

Capítulo 21

A justiça mais perfeita sob a lei da graça.

Digo-vos, pois, se vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos céus[99]. Isto é o mesmo que dizer: "Você não entrará no reino dos céus, se não cumprir, não apenas os menores preceitos da Lei que formam o esboço do ser humano, mas também tudo o que eu acrescentei a ela. Eu, que vim não para abolir a Lei, mas para aperfeiçoá-la".[100]

Mas, você me questionará: "Falando antes desses mandamentos mínimos, ele disse que aquele que os violar e os ensinar assim será considerado mínimo no reino dos céus e aquele que os observar e ensinar assim, será considerado grande e, por consequência, será grande no reino dos céus. Qual é a necessidade então de acrescentar algo a esses mínimos mandamentos, se aquele que os cumpre e ensina assim é grande?"

É preciso então que as palavras "aquele que os guardar e ensinar assim será chamado grande no reino dos céus" sejam entendidas, não com relação a esses mínimos mandamentos, mas com relação àqueles que o Senhor vai proclamar. Ora, quais são eles? "Que sua justiça seja

[99] Mateus 5: 20.
[100] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 4.

mais abundante do que aquelas dos escribas e dos fariseus, caso contrário, você não entrará no reino dos céus”.

Portanto, aquele que tiver violado esses mínimos mandamentos e os tiver ensinado assim, será chamado de o menor. Mas aquele que os observou e assim ensinou, não pode achar que já é grande e digno do reino dos céus, mas também não é tão pequeno quanto aquele que os violou. Se ele quer ser grande e próprio para o reino dos céus, ele deve fazer e ensinar como Cristo ensinou naquele momento, ou seja, fazendo com que sua justiça seja mais abundante do que aquela dos escribas e fariseus.

A justiça dos fariseus é não matar e a justiça daqueles que devem entrar no reino dos céus é não se encolerizar sem razão. Assim, é uma coisa mínima não matar e aquele que viola este mandamento será chamado pequeno no reino dos céus, mas aquele que o tiver observado, não matando ninguém, nem por isso será grande e digno do reino dos céus, embora ele já tenha subido um degrau. Mas ele se aperfeiçoará, não se encolerizando sem razão e, se tiver conseguido esta perfeição, estará a uma distância muito maior do homicida. Desta forma, aquele que nos ensina a não matar, não abole a lei que nos proíbe de matar; ele a aperfeiçoa, de sorte que, nos abstendo do homicídio externamente e da cólera internamente, conservamos nossa inocência.

Capítulo 22

Os graus no inferno.

Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal. Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes. Aquele que disser a seu irmão "Raca!",será castigado pelo Grande Conselho. Aquele que lhe disser "Louco!", será condenado ao fogo da geena[101].

Qual é a diferença entre ser submetido ao julgamento, ao conselho ou ao fogo da geena? Esta última punição é a mais grave e o Senhor nos adverte que há graus entre as faltas leves e as faltas graves, até aquela que chega ao fogo da geena. Se o juízo do tribunal é menos temeroso do que o Grande Conselho, o Grande Conselho deve também ser menos do que o fogo da geena. Por consequência, é preciso entender que é menos culpável se encolerizar sem razão contra seu irmão do que lhe dizer "*Raca*!" e menos culpável lhe dizer "*Raca*!" do que lhe dizer "Louco!". Com efeito, a punição não seria graduada, se as faltas também não o fossem.

Capítulo 23

Raca, o impulso da alma em cólera.

Em tudo isso há uma palavra obscura __ *raca* __ que não é grega e nem latina; as outras são usadas em nossa língua. Alguns quiseram

[101] Mateus 5: 21 e 22.

atribuí-la ao grego e traduziram *raca* por esfarrapado, derivando-a de *racos*, trapo. Mas, quando são perguntados como dizem esfarrapado em grego, eles não dizem *raca*. O tradutor latino poderia muito bem ter usado *pannosus* ao invés de *raca* e não empregar uma expressão que não é usada em latim e nem no grego. Eu achei mais razoável o que me disse um judeu que eu consultei sobre isso. Ele me disse que esta palavra não tem um sentido próprio, mas que serve simplesmente para expressar o movimento da alma em cólera. Os gramáticos chamam de interjeição essas partes do discurso que servem para expressar as emoções da alma. Como *Ai!*, por exemplo, que expressa a dor e *Haam!* a cólera. Essas palavras são próprias de cada língua e não são traduzidas facilmente para uma outra. Isso foi o que obrigou os tradutores gregos e latinos a usarem esta palavra, já que não encontraram uma equivalente para elas.

Capítulo 24

Três imputações e culpabilidades.

Há, portanto, gradações entre esses pecados. Primeiramente uma pessoa se encoleriza e contém esse movimento em seu coração. Se sua emoção lhe arranca uma expressão de cólera, que não tem sentido talvez, mas que atesta, por sua impetuosidade, a própria emoção e vai atingir aquele a quem ela é dirigida, isso é mais culpável do que se ele tivesse sufocado em silêncio sua paixão nascente. Se a indignação não se contenta com uma simples exclamação e profere uma palavra que

expressa clara e nitidamente uma execração, podemos duvidar de que a falta é mais grave do que se tudo se tivesse limitado a uma interjeição?

No início só há uma coisa: a cólera; depois, duas: a cólera e a palavra que a expressa; depois, três: a cólera, a palavra que a expressa e a palavra que é a expressão positiva da execração. Vejam agora as três punições: o julgamento, o conselho e o fogo da geena. No julgamento ainda há lugar para a defesa; no conselho, mesmo que o julgamento também esteja nele, é preciso admitir, no entanto, uma diferença, já que se trata de decretar ali a prisão, pois não é mais questão de se decidir se o acusado deve ser condenado, mas os juízes deliberam entre eles a espécie de punição que é preciso aplicar a ele. Por fim, o fogo da geena não implica em dúvida sobre a condenação, como no julgamento e nem na incerteza sobre a pena, como no conselho; nela há tudo ao mesmo tempo: tanto a condenação, quanto o suplício do condenado.

Vemos, portanto, que há gradações no pecado e na punição, mas, quem poderia dizer de que maneiras invisíveis a aplicação proporcional é feita às almas? Podemos medir então a distância que separa a justiça dos fariseus dessa outra justiça maior, que acontece no reino dos céus e na qual o homicídio, sendo mais grave do que uma palavra injuriosa, faz o homicida se submeter ao julgamento e aqui até mesmo a simples cólera, a mais leve das três faltas mencionadas antes, faz isso. Lá também, a questão do homicida é julgada no tribunal humano, enquanto

que aqui tudo é entregue ao julgamento de Deus, onde o condenado é lançado no fogo da geena.

Ora, se é dito que nessa justiça maior, onde uma injúria é punida com o fogo da Geena e o homicida deve sofrer uma punição mais severa, somos, por isso mesmo, obrigados a admitir que há também gradações no fogo da geena.

Capítulo 25

Três sentenças sem causa.

Sem dúvida que nestas três frases é preciso olhar para palavras subentendidas. Elas não existem na primeira, onde estão todas as expressões necessárias: *Todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes*. Mas na segunda, onde é dito *Aquele que disser a seu irmão "Raca!",* é preciso subentender: *sem razão* e depois acrescentar *será castigado pelo Grande Conselho.* E na terceira, onde é dito *Aquele que lhe disser "Louco!",* é preciso subentender duas coisas: *ao seu irmão* e *sem razão*. É assim que se justifica o Apóstolo, que chama os gálatas de insensatos[102], mesmo tratando-os como irmãos e não fazendo isso sem razão. É preciso subentender aqui a palavra *irmão*, pois também saberemos como, na justiça maior, precisamos tratar um inimigo.

[102] Gálatas 3: 1.

Capítulo 26

A reconciliação antes da oferenda.

Cristo continua: *Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; só então vem fazer a tua oferta*[103].

Vemos aqui claramente que antes se tratava de um irmão, pois a conjunção que une a frase que precede aquela que segue marca uma consequência. Com efeito, o Senhor não diz, *Se estás para fazer a tua oferta diante do altar*, mas sim, *Se estás, "portanto", para fazer a tua oferta diante do altar*. Pois, se não é permitido se encolerizar sem razão contra seu irmão, nem lhe dizer *Raca*! ou Louco!, muito menos é permitido conservar a cólera em sua alma, a ponto de fazê-la degenerar em ódio.

A isto se conecta o que é dito em outro lugar: *Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento*[104]. Somos ordenados então a deixar diante do altar a oferenda que tínhamos a intenção de fazer, quando nos lembramos que nosso irmão tem alguma coisa contra nós, irmos nos reconciliar com ele e em seguida retornar para fazer nossa oferenda. Se tomarmos estas palavras literalmente, poderemos pensar que a ação pode ser praticada quando o irmão está presente, pois a reconciliação não

[103] Mateus 5: 23 e 24.
[104] Efésios 4: 26.

pode ser adiada, pois somos ordenados a deixar a oferenda diante do altar. Mas, quando se tratar de um ausente e mesmo, o que pode acontecer, de uma pessoa que está além-mar e essa lembrança vem ao pensamento, é absurdo imaginar que é preciso deixar sua oferenda diante do altar, percorrer as terras e mares e depois retornar para apresentar sua oferenda a Deus. Somos, portanto, forçados a recorrer ao sentido espiritual, para não dar ao texto um sentido absurdo.

Capítulo 27

A fé como interpretação alegórica do altar.

Podemos, por consequência, entender o altar em um sentido espiritual, como o templo interior consagrado a Deus; a própria fé, cujo altar visível é o sinal. Com efeito, qualquer que seja a oferenda que façamos a Deus __ uma profecia, uma doutrina, uma oração, um hino, um salmo ou qualquer outro dom espiritual que se apresente ao nosso espírito __ Deus só pode recebê-la se ela estiver apoiada em uma fé sincera, que é, por assim dizer, seu coroamento fixo e sólido, de sorte que nossa linguagem possa ser sã e pura.

Muitos heréticos, não possuindo o altar, ou seja, a fé verdadeira, proferiram blasfêmias ao invés de hinos. Sobrecarregados por opiniões totalmente humanas, eles jogaram, por assim dizer, suas preces por terra.

Mas é preciso também que a intenção daquele que faz a oferenda seja pura. Por isso, quando temos que oferecer alguma coisa deste gêne-

ro em nosso coração, ou seja, em nosso templo interior consagrado a Deus __ como disse o Apóstolo: *O templo de Deus é sagrado - e isto sois vós*[105] e também: *Que Cristo habite pela fé em vossos corações*[106] __ e nos lembrarmos que nosso irmão tem alguma coisa contra nós, ou seja, se nós o ofendemos (pois é então que ele tem alguma coisa contra nós e, se ele nos ofendeu, neste caso somos nós que temos alguma coisa contra ele e não há necessidade de irmos nos reconciliar com ele, já que não se pede perdão a quem nos ofendeu e nos contentamos em perdoá-lo, como desejamos que o Senhor nos perdoe pelo mal que cometemos); se, eu digo, nós provocamos o mal, é preciso ir, não com os pés do corpo, mas através do movimento da alma, se prostrar humilde e afetuosamente diante dele, correr até ele com um pensamento caridoso, em presença daquele a quem devemos fazer nossa oferenda. Desta maneira, se ele estiver presente, você pode acalmá-lo com a sinceridade dos seus sentimentos, entrar em graça com ele pedindo-lhe perdão, quanto você já o tiver feito sob os olhos de Deus, retornando a ele, não com o lento caminhar do corpo, mas com a rapidez do sentimento do amor. Depois, retornando, ou seja, retomando sua atenção à ação começada, você apresentará sua oferenda.

[105] 1 Coríntios 3: 17.
[106] Efésios 3: 17

Capítulo 28

A humildade reconciliadora como antídoto à soberba.

Mas, quem faz isso __ que se abstém de se encolerizar contra seu irmão sem razão, de lhe dizer *Raca*! sem razão, de lhe chamar de louco sem razão (três faltas inspiradas pelo excesso de orgulho) ou também quem, se tornando culpado de alguma dessas faltas, recorre ao único remédio, que é pedir perdão humildemente em seu coração __ quem, eu digo, que faz isso, se não é a pessoa que não é inflada pelo espírito de vanglória? Bem aventurado então os pobres de espírito, por que a eles pertence o reino dos céus.

Agora, vejamos a continuação.

Capítulo 29

O juiz, o ministro, o adversário.

Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. Em verdade te digo: dali não sairás antes de teres pago o último centavo[107].

Eis o que eu entendo por juiz: *O Pai não julga ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho*[108]. Eis o que eu entendo por ministro: *O demônio o deixou e os anjos aproximaram-se dele para servi-*

[107] Mateus 5: 25.
[108] João 5: 22.

lo[109]. Acreditamos que ele virá com seus anjos para julgar os vivos e os mortos. Pela prisão eu entendo as penas das trevas, que Cristo chama em outro lugar de exteriores[110] e eu acredito, por que a alegria das divinas recompensas está no próprio espírito ou em alguma coisa mais íntima ainda, se isso é possível, de acordo com as palavras dirigidas ao servidor fiel: *Disse-lhe seu senhor: - Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor*[111]. Como na constituição atual da República, em que o secretário ou o satélite do juiz coloca para fora aquele que foi posto na prisão.

Capítulo 30

A expiação total.

Quanto ao último centavo a pagar, pode-se razoavelmente interpretá-lo no sentido de que nada ficará impune, como dizemos comumente *Até o fim!*, quando queremos dizer que alguma coisa foi exigida até que não restasse mais nada. Talvez este último centavo signifique os pecados cometidos sobre a terra. Com efeito, dos quatro elementos que distinguimos neste mundo, a terra vem em último lugar. O céu vem em primeiro, depois o ar, depois a água e por último a terra. As palavras *antes de teres pago o último centavo* poderiam ser entendidas desta

[109] Mateus 4: 11.
[110] Cf. Mateus 8: 12.
[111] Mateus 25: 23.

forma: "até que você tenha expiado os pecados terrestres, visto que Adão ouviu lhe dizer *Tu és terra*"[112].

Quanto às expressões *antes de teres pago*, eu me espantaria muito se elas não significassem a pena que chamamos de eterna. Como, com efeito, pagar uma dívida onde não há mais meios de se arrepender e nem de se corrigir? Talvez esta forma de linguagem __ *antes de teres pago* __ seja a mesma que esta: *Assenta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos o escabelo de teus pés*[113], pois isso não quer dizer que o Filho deixará de estar à direita do Pai quando ele tiver seus inimigos sob seus pés ou como nestas palavras do Apóstolo: *Porque é necessário que ele reine, até que ponha todos os inimigos debaixo de seus pés*[114], não significam que o Filho deixará de reinar, quando seus inimigos estiverem sob seus pés. Da mesma forma, portanto, é preciso entender as palavras *É necessário que ele reine, até que ponha todos os inimigos debaixo de seus pés*, no sentido de que Cristo reinará sempre, por que sempre seus inimigos estarão sob seus pés. Assim, se pode entender as palavras *dali não sairás antes de teres pago o último centavo*, no sentido de que o culpado não sairá jamais, por que ele terá que pagar sempre o último centavo, visto que ele cumpre a pena eterna do pecado que cometeu na terra.

[112] Gênesis 3: 19.
[113] Salmo 109: 1.
[114] 1 Coríntios 15: 25.

Eu não digo isto para encurtar uma discussão mais extensa sobre as penas dos pecados e evitar o exame de como as Escrituras as chamam de eternas. Afinal, precisamos mais é procurar evitá-las do que conhecê-las.

Capítulo 31

Quem é o adversário?

Vejamos agora qual é este adversário com o qual somos ordenados a entrar em acordo bem rápido, enquanto estamos a caminho com ele. Este deve ser ou o demônio, ou o ser humano, ou a carne, ou Deus. Mas eu não vejo como se poderia nos ordenar ser benevolente com relação ao demônio, ou seja, entrarmos em acordo com ele, já que uns traduzem a palavra grega *eunon* por *benevolente* e outros por *de acordo*. Ora, não somos ordenados a ser benevolentes com o demônio, pois a benevolência supõe amizade e ninguém pode dizer que é preciso fazer amizade com o demônio. Não podemos também entrar em acordo com ele, pois, uma vez renunciando a ele, nós lhe declaramos guerra e só seremos coroados após tê-lo vencido. Não podemos consentir com nada do que ele queira, pois, se nunca tivéssemos consentido com ele, não teríamos caído em tais misérias. Quanto ao ser humano, mesmo que tenhamos a ordem de estar em paz com todo mundo, na medida do possível[115] e que possamos aplicar aqui as palavras benevolência, acordo e compromisso, eu não vejo como, no entanto, o ser humano possa nos

[115] Cf. Romanos 12: 18.

livrar do juiz, quando eu sei que o juiz é Cristo, em cujo tribunal deveremos todos comparecer, como diz o Apóstolo[116]. Ora, como aquele que deve comparecer conosco diante do juiz poderia nos livrar do juiz? Pois, se somos entregues ao juiz por termos feito um mal a uma pessoa, mesmo que não sejamos entregues pelo próprio ofendido, seria muito mais natural dizer que o culpado é entregue ao juiz pela própria lei, contra a qual ele agiu ao ofender uma pessoa. Com efeito, se uma pessoa mata uma outra, não é mais o tempo de entrar em acordo com ela, pois não se está mais em caminho com ela, ou seja, nesta vida. Mas, no entanto, ela ainda poderá ser curada, se arrependendo e recorrendo, com o sacrifício de um coração partido de dor, à misericórdia Daquele que remete os pecados daqueles que se convertem Àquele que tem mais alegria *por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não fazem penitência*[117].

Eu também não vejo como seríamos ordenados a ser benevolentes para com a carne ou que entremos em acordo com ela, pois são sobretudo os pecadores que amam sua carne, entram em acordo com ela e cedem às suas vontades. Aqueles que, pelo contrário, a colocam em servidão, muito longe de ceder a ela, a forçam a obedecer.

[116] Cf. 2 Coríntios 5: 10.
[117] Lucas 15: 7.

Capítulo 32

O magistério divino, protetor dos humildes.

Talvez seja com Deus que somos ordenados a entrar em acordo, nos reconciliando com ele e do qual nos afastamos através do pecado, a ponto de podermos dizer que ele é nosso adversário. Com efeito, podemos chamar de adversário aquele que resiste: *Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes*[118]. *O início do orgulho num homem é renegar a Deus*[119] e *o princípio de todo pecado é o orgulho*[120]. E o Apóstolo diz: *Se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida*[121]. Daí podemos concluir que não há natureza má que seja inimiga do bem, já que aqueles que foram seus inimigos são reconciliados com ele. Portanto, quem que ainda está no caminho, ou seja, nesta vida e não tiver se reconciliado com Deus pela morte de seu Filho, será entregue por ele ao juiz, pois, *o Pai não julga ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho*[122].

Após isto vem tudo o que está escrito no capítulo e que já expusemos. Uma só coisa poderia contrariar nossa interpretação: como se pode dizer razoavelmente que estamos em caminho com Deus, se temos que ver nele o adversário com o qual somos ordenados a nos reconciliar

[118] Tiago 4: 6.
[119] Eclesiástico 10: 14.
[120] Eclesiástico 10: 15.
[121] Romanos 5: 10.
[122] João 5: 22.

o mais cedo possível? A menos que consideremos que, estando Deus em toda parte, estamos certamente com ele. Pois, nos diz o salmista: *Se subir até os céus, ali estareis; se descer à região dos mortos, lá vos encontrareis também. Se tomar as asas da aurora, se me fixar nos confins do mar, é ainda vossa mão que lá me levará, e vossa destra que me sustentará*[123].

Se nos causa repulsa dizer que os ímpios estejam com Deus, mesmo que Deus esteja por toda parte e não digamos que os cegos estejam com a luz, mesmo que a luz esteja ao redor de seus olhos, nos restará dizer que aqui o adversário é o mandamento de Deus. Com efeito, quem é que resiste àqueles que desejam pecar como o mandamento de Deus, ou seja, sua lei e as divinas Escrituras, que nos foram dadas como companhia para a vida, com a qual estamos a caminho, que não devemos contradizer, com a qual, pelo contrário, precisamos nos apressar para entrar em acordo, com medo de que ela nos entregue ao Juiz? Pois ninguém sabe quando sairá desta vida.

Ora, quem é que se põe em acordo com as divinas Escrituras se não é aquele que a lê ou a escuta com piedade, lhe defere a soberana autoridade, de maneira a não repelir o que não compreende, mesmo que veja ali a condenação de seus pecados, mas aceita de boa vontade a reprovação e se alegra em ver que não se conforma com suas doenças até que elas estejam curadas. Depois, nas passagens que lhe parecem obs-

[123] Salmo 138: 8-10.

curas ou inconvenientes, não levante contradições e nem debates, mas peça o entendimento, conservando uma submissão plena de boa vontade e de respeito a uma autoridade tão grande.

Ora, quem é que se conduz assim, se não é aquele que vem com doçura e piedade e não com amargor e ameaça ao ouvir o testamento de seu Pai e tomar conhecimento dele? Portanto, bem aventurados os mansos, pois possuirão a terra como herança.

Vamos em frente.

Capítulo 33

Justiça menor e maior.

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo: todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração[124].

É, portanto, justiça menor não cometer adultério através do ato carnal, mas a justiça maior é nem mesmo cometê-lo em seu coração. Ora, quem não comete adultério em seu coração tem muito maior facilidade de se manter vigilante contra o adultério carnal. Assim, aquele que deu o primeiro mandamento o fortificou com o segundo, pois ele não veio para abolir a lei, mas aperfeiçoá-la. Sem dúvida, é de se mencionar que ele não disse: aquele "que tiver cobiçado uma mulher", mas, "que lançou um olhar de cobiça para uma mulher", ou seja, com o objetivo e a intenção de cobiçá-la. Não se trata simplesmente de experimen-

[124] Mateus 5: 27 e 28.

tar as solicitações da carne, mas dar pleno consentimento à paixão desregrada; de não reprimir o desejo ilícito, mas satisfazê-lo se houver a oportunidade.

Capítulo 34

Triplo processo gradual do pecado.

Três coisas são necessárias para completar o pecado: a sugestão, o deleite e o consentimento. A sugestão provém ou da memória ou dos sentidos, ou seja, da visão, da audição, do olfato, do gosto ou do tato. Se o deleite leva ao gozo, é preciso reprimir esse deleite, pois ele é culposo. Por exemplo, quando jejuamos, o aspecto do alimento desperta o apetite, mas não consentimos ele e o submetemos ao jugo da razão. Se damos a ele nosso consentimento, o pecado está consumado, pois Deus o vê no fundo de nosso coração, mesmo que ele não seja visto pelos humanos.

Aí estão, portanto, os três graus: a sugestão, sob a forma da serpente, por assim dizer, ou seja, escorregadia e sinuosa; efeito do impulso passageiro do corpo. Se estas e aquelas imagens se apresentam à alma, elas provêm de fora, do mundo do corpo. E, se algum impulso secreto agita a alma, fora da ação dos cinco sentidos, ele é passageiro e lúbrico. Quanto mais misterioso é o impulso que invade o pensamento, mais justo é compará-lo à serpente.

Estas três condições que eu mencionei no início estão no fato contado no Gênesis: a sugestão e uma certa persuasão, figurada pela ser-

pente; o deleite no apetite carnal, representado por Eva; e o consentimento da razão, dado por Adão. Após isso, o ser humano foi expulso do paraíso, ou seja, da bem aventurada luz da justiça e passou à morte[125], da forma mais justa possível.

Aconselhar não é forçar. Tudo é belo em sua natureza, em seu grau e em seu lugar. Mas não se deve descer da ordem superior, onde a alma racional tem seu lugar, para uma ordem inferior. Ninguém é forçado a fazê-lo e aquele que o faz é justamente punido por Deus, pois agiu voluntariamente. No entanto, antes que o fato seja consumado, o deleite é nulo, ou tão pequeno que é quase nulo. Mas, se lhe for dado consentimento, quando ele é ilícito, isso é um grande pecado. Ora, só pelo consentimento já se comete pecado no coração. Se o ato é consumado externamente, a paixão parece ser saciada e se extinguir. Mas, em seguida a sugestão retorna e o deleite se torna mais ardente. Mas menos do que quando atos frequentes se tornam um hábito; quando então é muito difícil vencê-lo. No entanto, mesmo ainda se pode, sob a direção e com a ajuda de Deus, superar até mesmo o hábito, contanto que não se abandone e que não se tema o combate do cristão. Aí, recobrando sua paz de antes e retomando seus lugares, o homem é submetido a Cristo e a mulher ao seu esposo[126].

[125] Gênesis 3: 1.
[126] Cf. 1 Coríntios 11: 3 e Efésios 5: 23.

Capítulo 35

Três momentos diferenciais do pecado.

Da mesma forma como há três graus para se chegar ao pecado __ a sugestão, o deleite e o consentimento __, assim também há três espécies de pecado: o pecado no coração, o pecado na ação e o pecado habitual, que são como três mortes. Uma se dá em casa, por assim dizer, quando o coração consente com a paixão; a outra abre, de alguma forma, a porta e se mostra ao exterior, quando então se produz voluntariamente o ato exterior; a terceira acontece quando, pela violência do hábito, a alma é como que esmagada sob o peso da terra e exala a putrefação do sepulcro.

Todo aquele que leu os Evangelhos sabe que o Senhor ressuscitou mortos destas três maneiras. E talvez tenha observado a diferença de linguagem, por parte do Senhor, que primeiro diz: *Menina, ordeno-te, levanta-te!*[127]; depois: *Moço, eu te ordeno, levanta-te*[128] e, por fim, *Jesus ficou intensamente comovido em espírito, pôs-se a chorar, tomado de profunda emoção, foi ao sepulcro, ordenou: Tirai a pedra. Tiraram, pois, a pedra e ele exclamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!*[129]

[127] Marcos 5: 41.
[128] Lucas 7: 14.
[129] João 11: 35, 38, 39 e 43.

Capítulo 36

Adultério ou concupiscência libidinosa.

Pelo adultério mencionado neste capítulo, é preciso entender todo desejo carnal e desregrado. Com efeito, quando as Escrituras chamam frequentemente a idolatria de fornicação e quando Paulo dá à cobiça e a avareza o nome de idolatria[130], quem pode duvidar de que se tem razão em chamar de fornicação todo desejo culpado, quando a alma, desprezando a lei superior que a governa, se prostitui por objetos de uma natureza inferior e se macula, ao preço de alguma volúpia vergonhosa?

Aquele, portanto, que sente o deleite carnal se revoltar contra a boa vontade, por causa do hábito do pecado, cujo poder desenfreado a reduz a escravidão, se lembre da paz que perdeu ao pecar e clame: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!*[131] Pois, ao proclamar assim seu infortúnio, ele implora com lágrimas a ajuda do Consolador e não é um progresso insignificante o reconhecimento de sua própria miséria. Portanto, bem aventurados aqueles que choram, por que serão consolados.

[130] Cf. Colossenses 3: 5 e Efésios 5: 5.
[131] Romanos 7: 24 e 25.

Capítulo 37

O olho direito.

O Salvador continua e diz: *Se teu olho direito é para ti causa de queda, arranca-o e lança-o longe de ti, porque te é preferível perder- se um só dos teus membros, a que o teu corpo todo seja lançado na geena*[132].

Ora, é preciso uma grande coragem para cortar um de seus membros. Qualquer que seja aqui o sentido da palavra olho, é certo que ela indica um objeto de viva afeição. Com efeito, quando se quer expressar a extrema ligação que se tem por alguém, costuma-se dizer: "Eu o amo como aos meus olhos ou até mais do que aos meus olhos". Pois, mesmo que se empregue geralmente os dois olhos do corpo para ver e que eles sejam igualmente dotados dessa faculdade, teme-se mais, no entanto, perder o olho direito. O sentido é, portanto, qualquer que seja o objeto que você ame e que o ame como ao seu olho direito, se ele escandaliza você, ou seja, se ele é para você um obstáculo à verdadeira felicidade, arranque-o e jogue-o para bem longe de você. Pois, é melhor para você que um objeto ao qual você valoriza tanto quanto aos seus membros pereça, do que todo o seu corpo seja jogado na geena.

[132] Mateus 5: 29.

Capítulo 38

Os outros membros escandalizadores.

Mas, somos obrigados a examinar de mais perto o que Cristo entende por olho, quando lemos o que ele diz em seguida e no mesmo sentido, com relação à mão direita.

E se tua mão direita é para ti causa de queda, corta-a e lança-a longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, a que o teu corpo inteiro seja atirado na geena[133].

Nesta questão eu não vejo nada melhor para dizer além de que o olho significa o amigo mais querido, pois está aí o que podemos chamar de um membro e um membro querido e também um conselheiro, por que ele é como um olho que nos mostra o caminho e conselheiro para as coisas divinas, já que ele é nosso olho direito. O olho esquerdo, que também é um conselheiro nosso, só nos esclarece sobre as coisas terrestres, sobretudo o que diz respeito às necessidades do corpo.

Ora, não havia necessidade de falar deste como motivo de escândalo, já que não se pode poupar nem o olho direito. Mas, o conselheiro nos escandaliza nas coisas divinas, quando procura nos arrastar para alguma heresia perniciosa, sob o pretexto de religião e de doutrina.

Por consequência, entendemos por mão direita um cooperador amado, um ministro para as coisas santas, de sorte que, como o olho é o órgão para ver, a mão seja o instrumento para agir. Por mão esquerda

[133] Mateus 5: 30.

nós entenderemos o que nos propicia as coisas necessárias à esta vida: as necessidades do corpo.

Capítulo 39

O casamento sob a Lei de Moisés e sob a Lei da graça.

Foi também dito: *Todo aquele que rejeitar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio.* Esta é a justiça menor dos fariseus, que o Senhor contradiz, quando acrescenta: *Eu, porém, vos digo: todo aquele que rejeita sua mulher, a faz tornar-se adúltera, a não ser que se trate de matrimônio falso e todo aquele que desposa uma mulher rejeitada comete um adultério*[134].

Com efeito, aquele que ordena dar uma carta de divórcio, não ordena com isso a rejeição. Ao dizer *aquele que rejeitar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio,* ele procura moderar, com o pensamento do divórcio, a cólera irrefletida do homem que rejeita sua mulher. Ao dar, por assim dizer, um prazo para pensar, o autor da lei mostra bem __ se é que isso é possível com homens de cabeça dura __ que ele não aprovava o divórcio.

Assim, o Senhor, interrogado primeiramente sobre esta questão, responde: *É por causa da dureza de vosso coração que Moisés havia tolerado o repúdio das mulheres*[135]. Com efeito, por mais duro que pudesse ser aquele que gostaria de rejeitar sua mulher, ele facilmente pas-

[134] Mateus 5: 31 e 32.
[135] Mateus 19: 8.

saria a ter sentimentos mais doces ao pensar que, uma vez dada a carta de divórcio, sua mulher poderia impunemente desposar outro. Foi, portanto, para fortalecer a dificuldade do divórcio, que o Senhor só excetuou o caso de fornicação. Quanto aos outros inconvenientes, se houver, ele quer que sejam suportados corajosamente, por respeito à fé conjugal e à castidade e chama de adúltero o homem que desposa uma mulher que está até mesmo livre do laço que a unia ao seu primeiro marido.

O apóstolo Paulo fixa a duração desse compromisso, que subsiste, ele diz, enquanto o esposo for vivo. Uma vez o esposo morto, ele concede permissão para desposar outro[136]. Esta é a regra que ele segue e que ele dá, não como um conselho de sua parte, como ele o faz em algumas circunstâncias, mas como uma ordem formal do Senhor, quando ele diz: *Aos casados mando (não eu, mas o Senhor) que a mulher não se separe do marido. E, se ela estiver separada, que fique sem se casar, ou que se reconcilie com seu marido. Igualmente, o marido não repudie sua mulher*[137].

É preciso, eu penso, dizer também do marido, que ele não tome outra mulher, quando ele rejeitou à sua e que se reconcilie com ela. Pois pode acontecer que ele rejeite sua mulher por causa de adultério, segundo a exceção feita pelo Senhor. Ora, se não é permitido à mulher que case novamente, enquanto vive o primeiro marido que ela deixou e nem a este que tome outra esposa enquanto viver a que ele rejeitou, muito

[136] Cf. Romanos 7: 2 e 3.
[137] 1 Coríntios 7: 10 e 11.

menos é permitido também ter relacionamento vergonhoso com qualquer outra pessoa.

Mas, é preciso estimar como mais felizes os esposos que, tendo colocado filhos no mundo, ou evitando deixar herdeiros aqui embaixo, puderam, de comum acordo, observar entre eles a continência. Isso não é contrário à proibição de rejeitar sua esposa, pois não é rejeitá-la viver com ela em um relacionamento espiritual e não carnal e permanecendo fiel a estas palavras do Apóstolo: *Os que têm mulher vivam como se a não tivessem*[138].

Capítulo 40

A aversão ao temporal, para amar o eterno.

O que mais inquieta os espíritos fracos, que, no entanto, desejam seguir os preceitos de Cristo, é que o próprio Senhor diz, em outro lugar: S*e alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*[139].

As pessoas pouco inteligentes acreditam ver aqui uma contradição. De um lado, o Salvador proíbe rejeitar uma mulher __ exceto no caso de adultério __ e, por outro, ele declara que quem não odiar sua mulher não pode ser seu discípulo. Ora, se ele quisesse falar da união

[138] 1 Coríntios 7: 29.
[139] Lucas 14: 26.

carnal, ele não teria colocado na mesma condição o pai, a mãe, a esposa, os filhos e os irmãos.

Oh, como é verdadeiro que *o Reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam!*[140]. Com efeito, que violência a pessoa não deve fazer para amar seus inimigos e odiar pai, mãe, esposo, filho, irmão! Tanto uma coisa como outra é exigida por Aquele que nos chama para o reino dos céus! Mas, com sua ajuda, é fácil mostrar que essas prescrições não se contradizem; elas apenas são difíceis de cumprir, quando são compreendidas. Mas, com a ajuda de Deus, sua execução é muito fácil, pois o reino eterno, para onde Cristo chama seus discípulos, aos quais ele também chama de filhos, não conhece essas relações de parentesco, tais como elas existem no tempo. Com efeito, nele *não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus*[141]. O próprio Senhor também diz: *Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres, maridos; mas serão como os anjos de Deus no céu*[142].

É preciso, portanto, que quem quer já neste mundo se preparar para essa existência celeste, tomar ódio, não às próprias pessoas, mas a essas relações e a esses laços temporais, sobre os quais se apoia esta vida passageira, limitada entre o nascimento e a morte. Se não for as-

[140] Mateus 11: 12.
[141] Gálatas 3: 28 e Colossenses 3: 11.
[142] Mateus 22: 30.

sim, ainda não se ama a outra vida; aquela onde desaparecem o nascimento e a morte, frutos dos casamentos terrestres.

Capítulo 41

Amar a criatura humana renovada.

Quando então eu pergunto a um homem realmente cristão, que tem, no entanto, uma esposa e filhos, se ele gostaria de ter uma mulher no reino dos céus __ lembrando-me das promessas de Deus com relação a essa outra vida, *Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade*[143] __ vivamente (ou, pelo menos, poucos desprezam essa felicidade) ele me responderá com horror que não tem o menor desejo de ter essa mulher.

Se eu lhe perguntar em seguida se ele deseja que a mulher que ele tem agora viva com ele após a ressurreição, quanto haverá essa transformação celeste prometida aos santos, ele me responderá com a mesma vivacidade que está aí seu coração ardente. Desta forma, o bom cristão ama em sua mulher uma criatura de Deus, que ele deseja ver transformada e renovada e detesta ao mesmo tempo a união mortal, a relação carnal; ou seja, ele ama nela o que é a humanidade e detesta o que é do sexo.

Da mesma forma, ele ama um inimigo, não enquanto inimigo, mas enquanto pessoa, até o ponto de lhe desejar o que deseja para ele

[143] 1 Coríntios 15: 54.

mesmo; ou seja, que ele se corrija, se renove e consiga assim o reino dos céus[144].

O mesmo devemos dizer com relação ao pai, à mãe e a todos com os quais temos laços de sangue. Neles devemos odiar o que arrasta toda pessoa para a necessidade de nascer e de morrer e amar o que pode a levar a conseguir conosco esse reino onde ninguém diz meu pai, mas todos dizem Pai nosso[145]; onde ninguém diz minha mãe, mas onde todos chamam a Jerusalém celeste de nossa mãe[146]; onde ninguém diz meu irmão, mas todos chamam todos de nosso irmão[147]; onde o casamento consistirá em nos vermos todos unidos Naquele que será, por assim dizer, nosso esposo[148] e que nos arrancou, com a efusão de seu sangue, da prostituição deste mundo.

É preciso, portanto, que o discípulo de Cristo odeie o que é passageiro naqueles que ele deseja ver chegar com ele ao que não é passageiro; e isso, tanto mais quanto mais ele os ame.

Capítulo 42

O matrimônio cristão ideal.

Um cristão pode, portanto, viver em boa harmonia com sua mulher. Seja por que procura nela uma satisfação das necessidades da car-

[144] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 5.
[145] Cf. Mateus 23: 9.
[146] Cf. Gálatas 4: 26.
[147] Cf. Mateus 23: 8.
[148] Cf. 2 Coríntios 11: 2.

ne, *como concessão, não como ordem*, como diz o Apóstolo[149]. Seja para a geração de filhos, o que é louvável até certo ponto. Seja vivendo com ela como um irmão, sem nenhuma relação carnal, tendo uma mulher como se não tivesse[150]; o que é a melhor condição, a mais sublime no casamento cristão. Mas, em todos os casos, odiando nela tudo o que diz respeito às necessidades do tempo e amando nela a esperança da beatitude eterna, pois nós odiamos certamente tudo o que desejamos ver acabar; como a vida neste mundo, por exemplo, já que não desejaríamos a eterna e subtraída da ação do tempo, se nós não odiássemos a que passa com o tempo.

Ora, é essa vida que é mencionada nesta passagem: *Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*[151]. Pois esta vida tem necessidade do alimento corruptível mencionado pelo próprio Senhor: *A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais do que as vestes?*[152], ou seja, esta vida para a qual o alimento é necessário. E, em outro lugar, quando ele diz: *Dou a minha vida pelas minhas ovelhas*[153], ele fala da vida presente, já que ele anuncia que morrerá por nós.

---

[149] 1 Coríntios 7: 6.
[150] Cf. 1 Coríntios 7: 29.
[151] Lucas 14: 26.
[152] Mateus: 6: 25.
[153] João 10: 15.

Capítulo 43

Paridade conjugal de direitos.

Aqui se apresenta outra questão: quando o Senhor permite rejeitar uma mulher por causa de adultério, em qual sentido ele toma esta palavra? É, como todo mundo a entende, uma relação indevida? Ou devemos aplicá-la, como fazem frequentemente as Escrituras, à toda paixão culposa __ como a idolatria, por exemplo __ ou à avareza ou à toda transgressão da lei que procede de um desejo indevido?

Consultemos o Apóstolo, para não avançar ao acaso. *Aos casados mando (não eu, mas o Senhor) que a mulher não se separe do marido. E, se ela estiver separada, que fique sem se casar, ou que se reconcilie com seu marido*[154]. Pode acontecer, com efeito, que ela esteja separada pela razão que o Senhor autoriza.

Ora, se é permitido à mulher deixar seu marido em caso de adultério e não é permitido ao homem, o que responder ao que o Apóstolo diz em seguida: *Igualmente, o marido não repudie sua mulher*[155]. Por que ele não acrescentou "a não ser em caso de adultério", em que o Senhor permite, se não é por que ele entende que a mesma razão serve tanto para um como para o outro, ou seja, se o homem repudia a mulher no caso permitido, que ele não tome outra mulher ou que se reconcilie com a esposa?

---

[154] 1 Coríntios 7: 10 e 11.
[155] 1 Coríntios 7: 11.

De fato, seria bom para o homem se reconciliar com a mulher que ninguém tem nada contra a dizer, como disse o Senhor: *Vai e não tornes a pecar*[156]. Com efeito, aquele que diz que não é permitido rejeitar sua mulher, a não ser em caso de adultério, ordena conservá-la; quando não for este o caso e mesmo neste caso, não ordena, mas permite rejeitá-la.

Da mesma forma é dito: *A mulher está ligada ao marido enquanto ele viver. Mas, se morrer o marido, ela fica livre e poderá casar- se com quem quiser, contanto que seja no Senhor*[157]. Portanto, se a mulher se casa antes que o marido morra, ela é culpada. Mas, se ela se casa depois que ele morre, ela não é culpada, pois lhe é permitido, mas não lhe é ordenado que o faça.

Assim, há igualdade de direitos entre o homem e a mulher no casamento, a ponto de o mesmo Apóstolo dizer: *A mulher não pode dispor de seu corpo: ele pertence ao seu marido*. Mas também disse, falando do homem: *Da mesma forma o marido não pode dispor do seu corpo: ele pertence à sua esposa*[158]. Se, portanto, a regra é a mesma, tanto para um como para outro, não se pode entender que seja permitido à mulher e não ao homem, rejeitar seu esposo, a não ser em caso de adultério.

---

[156] João 8: 11.
[157] 1 Coríntios 7: 39.
[158] 1 Coríntios 7: 4.

Capítulo 44

Uma coisa é um mandamento, outra coisa é um conselho, outra coisa é uma concessão.

É preciso então examinar o que se deve entender por adultério e continuar, para isso, a consultar o Apóstolo. Eis o que ele diz: *Aos outros, digo eu, não o Senhor*[159]. Vejamos primeiro o que ele quer dizer com *aos outros*, pois, acima ele falava em nome do Senhor às pessoas casadas e agora é em seu nome que ele fala *aos outros*; talvez aos que não são casados. No entanto, não é a eles, pois ele acrescenta: *Se um irmão desposou uma mulher pagã (sem a fé) e esta consente em morar com ele, não a repudie*. Ele se dirige então àqueles que também são casados. O que significam então as palavras *aos outros*, se não é que antes ele falava aos esposos que eram ambos da fé em Cristo, enquanto que os outros designam os casamentos em que uma das partes apenas é fiel?

E o que ele lhes diz? *Se um irmão desposou uma mulher pagã (sem a fé) e esta consente em morar com ele, não a repudie. Se uma mulher desposou um marido pagão e este consente em coabitar com ela, não repudie o marido*[160]. Se então ele não ordena da parte do Senhor, mas dá simplesmente um conselho em seu nome, é por que a coisa é boa, no sentido de que se pode fazer a outra coisa sem violar um preceito. Como ele falou pouco depois, ao falar das virgens, que não

[159] 1 Coríntios 7: 12.
[160] 1 Coríntios 7: 12 e 13.

havia recebido um mandamento do Senhor, mas que ele dava um conselho e fez um elogio à virgindade. Mas de uma maneira tal que se pode abraçá-la livremente sem ser considerado culpado por não tê-la abraçado.

Uma coisa é um mandamento, outra coisa é um conselho, outra coisa é uma concessão. Ordena-se à mulher que não se separe de seu marido ou, se o fizer, que não se case novamente ou que se reconcilie com ele. Não lhe é permitido, portanto, agir de outra maneira. Aconselha-se a um marido fiel que não rejeite uma mulher infiel, se ela consente em morar com ele. É permitido a ele, portanto, rejeitá-la, já que se trata aqui de um conselho do Apóstolo e não uma ordem do Senhor. Aconselha-se à virgem que não se case. Ao se casar, ela não seguirá o conselho do Apóstolo, mas ela não estará ferindo nenhuma lei.

Há simplesmente tolerância quando se diz: *Isto digo como concessão, não como ordem*[161]. Portanto, se, por um lado é permitido rejeitar uma mulher infiel, mesmo que seja melhor não fazê-lo; por outro, de acordo com a ordem do Senhor, só se pode rejeitar uma mulher em caso de adultério. Sem dúvida que é preciso entender adultério como infidelidade.

[161] 1 Coríntios 7: 6.

Capítulo 45

No casamento, o fiel santifica o infiel.

Com efeito, o que diz você, santo Apóstolo? Evidentemente que você aconselha o esposo fiel a não rejeitar sua mulher fiel, se ela consente em permanecer com ele. Sim, ele responde. Mas, já que o Senhor proíbe o homem de rejeitar sua mulher, a não ser em caso de adultério, por que você diz: *Digo eu, não o Senhor*?

Com efeito, a idolatria, a qual se dedicam os infiéis e toda superstição culposa é uma fornicação. Ora, o Senhor permitiu rejeitar sua mulher por causa de fornicação. Mas, como é uma permissão e não uma ordem, isso permitiu ao Apóstolo aconselhar a não rejeitar uma mulher infiel, com a esperança, talvez, de que ela volte a ser fiel, pois, ele diz: *O marido que não tem a fé é santificado por sua mulher, assim como a mulher que não tem a fé é santificada pelo marido que recebeu a fé*[162].

Eu penso que já havia acontecido de algumas mulheres terem sido levadas à fé por seus esposos fieis e de esposos por suas mulheres e, sem citar nomes, ele dá esses exemplos para apoiar suas exortações e seus conselhos.

Em seguida, ele acrescenta: *Do contrário, os vossos filhos seriam impuros quando, na realidade, são santos*. Pois já havia crianças cristãs, que tinham sido batizadas por causa de um dos pais ou talvez pelo consentimento dos dois; o que não poderia ter acontecido se o casamen-

[162] 1 Coríntios 7: 14.

to tivesse sido rompido quando uma das partes era infiel e se a infidelidade da outra parte tivesse sido tolerada até o momento da conversão. Este foi o conselho daquele a quem, me parece, estas palavras foram dirigidas: *Quanto gastares a mais, na volta to pagarei*[163].

Capítulo 46

Analogia de fornicações.

Ora, se a infidelidade é uma fornicação; a idolatria, uma infidelidade e a avareza, uma idolatria, é fora de dúvida que a avareza seja uma fornicação. Mas, se a avareza é uma fornicação, quem poderá racionalmente não chamar de fornicação a todo desejo criminoso? Disso resulta que um homem pode, sem pecar, rejeitar sua mulher e uma mulher ao seu marido, por causa de desejos culposos; não apenas daqueles que se traduzem pelas relações carnais com pessoas estranhas, mas de todas aquelas que, pelo abuso do corpo, levam a alma a violar a lei de Deus e a se macular com sua vergonha e sua perda. A razão está em que o Senhor excetua o caso de fornicação e que esta palavra, como vimos acima, deve se estender para um sentido geral e universal.

Capítulo 47

Paridade conjugal de obrigações.

Ao dizer, *Exceto em caso de adultério*, o Senhor não diz se é da parte do homem ou da mulher. Pois, não somente é permitido rejeitar

[163] Lucas 10: 35.

uma mulher culpada de adultério, mas todo homem que rejeita uma mulher que o obriga a cometer o adultério, a rejeita evidentemente por causa do adultério.

Por exemplo, se uma mulher obriga seu marido a sacrificar aos ídolos, aquele que a rejeita, a rejeita por causa do adultério. Adultério por parte de sua mulher, por que ela o comete realmente e adultério por sua parte, por que ele próprio teme cometê-lo.

Não há nada mais injusto do que rejeitar uma mulher por causa de adultério, quando se está também convencido de cometer adultério. É o caso de dizer então: *Naquilo que julgas a outrem, a ti mesmo te condenas; pois tu, que julgas, fazes as mesmas coisas que eles*[164]. Assim então, quem quer rejeitar sua mulher por causa de adultério, deve estar isento dele. O mesmo vale para a mulher.

Capítulo 48

A reciprocidade do adultério.

Diante das palavras *Todo aquele que desposa uma mulher rejeitada comete um adultério*[165], pode-se perguntar se a mulher que é casada com o homem que comete adultério igualmente o comete. Com efeito, exige-se que a mulher permaneça sem se casar ou que ela se reconcilie com seu marido, mas, diz o Apóstolo, se ela estiver separada dele. Entre rejeitar e ser rejeitado, a diferença é grande. Se a própria mulher

[164] Romanos 2: 1.
[165] Mateus 5: 32.

rejeita seu marido e se casa com outro, pode-se acreditar que ela só deixou o primeiro para trocá-lo pelo segundo e isso é, evidentemente, um pensamento de adúltera. Se, pelo contrário, ela é rejeitada por um marido com o qual ela teria voluntariamente ficado, aquele que se casa com ela é certamente um adúltero, de acordo com as palavras do Senhor; mas ela o é? Eis a questão.

Afinal, é difícil imaginar como, um homem e uma mulher se relacionando, um seja adúltero e o outro não. Acrescente-se a isso o fato de que aquele que se casa com uma mulher rejeitada por seu marido é adúltero. Mesmo que essa mulher não seja separada, mas rejeitada, é ela, no entanto, que o torna adúltero, o que o Senhor proíbe. Daí se segue que, seja ela rejeitada ou separada, ela deve permanecer sem se casar ou deve se reconciliar com seu marido.

Capítulo 49

A ilicitude permissiva da bigamia conjugal.

Pergunta-se também se um homem pode ser desculpado de adultério quando se une a outra mulher que não a esposa de outro e nem separada de seu marido, com a permissão de sua mulher; seja por que ela é estéril, seja por que ela não quer se submeter ao dever conjugal.

Encontra-se um exemplo deste caso no Antigo Testamento, mas os preceitos atuais, aos quais os antigos só faziam preparar o gênero humano, são superiores. É preciso considerar aqui a diferença da época

e os desígnios da divina Providência, que sempre vem em socorro da humanidade e não procurar ali normas de conduta.

Mas, as palavras do Apóstolo, *A mulher não pode dispor de seu corpo: ele pertence ao seu marido. Da mesma forma, o marido não pode dispor do seu corpo: ele pertence à sua esposa*[166], podem ser entendidas no sentido de que, com a permissão da mulher, que tem o poder sobre o corpo de seu marido, este pode se unir carnalmente a outra mulher que não seja casada e nem separada de seu marido? Não se pode pensar assim, para que o mesmo direito não seja concedido à mulher, diante do consentimento de seu marido, já que isso choca o senso comum.

Capítulo 50

O singular e discutível caso de um adultério permitido.

Não é que não possa haver algumas circunstâncias em que a mulher, com o consentimento do marido, pareça obrigada a fazê-lo, no interesse do próprio marido.

Conta-se um caso deste tipo, que teria se passado em Antioquia, há uns cinquenta anos, sob o reinado de Constâncio. Acindino, então prefeito e ex-cônsul, exigiu uma libra de ouro de um devedor do fisco. Cedendo a não sei qual emoção __ perigo muito comum nessas altas posições, onde tudo é permitido ou, pelo menos, considerado assim __ explodiu em ameaças violentas e declarou, de uma maneira bem firme,

[166] 1 Coríntios 7: 4.

que o devedor seria punido com a morte, se não pagasse a soma no dia fixado. Como este estava detido em uma prisão fechada, não podia quitar sua dívida e o dia fatal se aproximava.

Ora, ele tinha uma mulher muito bonita, mas muito pobre para ajudar seu marido. Um homem rico, encantado com sua beleza e sabendo da situação penosa de seu marido, mandou lhe dizer que daria a libra de ouro, se ela ficasse com ele por uma noite somente.

Sabendo que ela não tinha poder sobre seu corpo, mas seu marido, ela respondeu que estava disposta a fazer o que lhe era pedido, contanto que aquele que era o mestre de seu corpo e a quem ela era totalmente devotada, consentisse em ceder um bem que era dele para conservar sua vida.

O marido, muito grato, deu a autorização e não pensou que isso fosse adultério, já que, neste caso, a paixão não agia, mas somente a afeição por um esposo, que, afinal, lhe dava a permissão e até mesmo a ordem.

A mulher foi até a casa de campo do rico, fez o que queria esse impudico. Mas ela só fez isso com vistas ao seu marido, mais preocupado em conservar sua vida do que em exercer seu direito conjugal. Ela recebeu o dinheiro, mas o rico, de forma traiçoeira, substituiu o saco com o dinheiro por outro igual, mas cheio de terra.

A mulher percebeu a fraude e, saindo da casa dele, se lançou em praça pública e, movida pelo mesmo princípio de devoção ao seu espo-

so, proclamou que ela tinha sido forçada a fazê-lo. Ela interpelou o prefeito, confessou tudo e denunciou a fraude de que foi vítima.

O prefeito começou por reconhecer que ele era o principal culpado, já que suas ameaças foram a causa de todo o mal e, julgando-se como se tivesse sido julgado por outro, se condenou a pagar com seus próprios recursos a libra de ouro devida ao fisco e ordenou, ao mesmo tempo, que a mulher se tornasse proprietária das terras de onde tinha sido extraída a terra que substituiu o ouro.

Eu não discuto este caso aqui. Cabe a cada um se pronunciar, pois este caso não foi retirado de fontes divinas. No entanto, após ter ouvido esta história, não se sente, com a ação dessa mulher __ exigida, aliás, pelo marido __ o mesmo horror que se sentia antes, quando a questão estava colocada sem ser apresentado qualquer exemplo.

Mas, o que ressalta sobretudo desta passagem do Evangelho, é a enormidade do pecado de fornicação. Uma enormidade tal, que ele forma a única exceção que autoriza a quebrar o laço tão estreito do casamento e nós já dissemos o que é a fornicação.

Capítulo 51

O abuso do juramento e o risco de perjúrio.

Ouvistes ainda o que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém,

porque é a cidade do grande Rei. Nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes fazer um cabelo tornar-se branco ou negro. Dizei somente: Sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno[167].

A justiça dos fariseus se limita a não perjurar. Ela é fortalecida por aquela que proíbe até mesmo jurar; o que é próprio da justiça do reino dos céus. Da mesma forma como aquele que não fala não pode falar uma falsidade, aquele que não jura não pode perjurar.

No entanto, como jurar é tomar Deus como testemunha, é preciso examinar com cuidado este capítulo, para não parecer que o Apóstolo infringe o preceito do Senhor, já que ele jura frequentemente. Como, por exemplo, nesta passagem: *Isto que vos escrevo - Deus me é testemunha - não o estou inventando*[168]. Ou ainda: *Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é bendito pelos séculos, sabe que não minto*[169]. E também: *Pois Deus, a quem sirvo em meu espírito, anunciando o Evangelho de seu Filho, me é testemunha de como vos menciono incessantemente em minhas orações*[170].

Dir-se-á, talvez, que só se deve considerar como juramento a frase onde a palavra *por* é colocada diante da palavra pela qual se jura; de sorte que dizer "Deus me é testemunha" e não "por Deus", não é jurar. Esta opinião é ridícula. Mas, para evitar qualquer discussão e por consi-

[167] Mateus 5: 33-37.
[168] Gálatas 1: 20.
[169] 2 Coríntios 11: 31.
[170] Romanos 1: 9.

deração aos menos esclarecidos que teimariam em ver aqui alguma diferença, é bom saber que o próprio Apóstolo empregou esta mesma forma de juramento, quando disse, por exemplo: *Cada dia, irmãos, expondo-me à morte, tão certo como vós sois a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor*[171]. E, para que não se imagine que ele quis dizer "Vossa glória me expõe à morte", no sentido de quando se diz "Ele se tornou sábio com as lições de fulano", ou seja, as lições de fulano fizeram com que ele se tornasse sábio, os exemplares gregos separam a questão, pois neles se lê *Ne tem kaukhesin umeteran*, expressões que só são utilizadas em juramentos.

Por aí se pode compreender que o Senhor proibiu de jurar, para que ninguém considere o juramento uma coisa boa e não se deixe arrastar ao perjúrio pelo hábito de jurar. Que aquele então que sabe que o juramento não deve ser visto como um ato bom, mas é necessário, se modere o quanto possível e só o use em caso de necessidade, quando vê que as pessoas estão pouco dispostas a acreditar em uma coisa, que lhes é útil acreditar, a não ser que ela seja atestada pelo juramento.

É neste sentido que se deve interpretar estas palavras: *Dizei somente: Sim, se é sim; não, se é não.* Isto é o certo, o que é desejável, pois, *Tudo o que passa além disto vem do Maligno.* Ou seja, saiba que se você for obrigado a jurar, isso é devido à enfermidade daqueles que você deseja convencer. Enfermidade que é, certamente, um mal e que

[171] 1 Coríntios 15: 31.

pedimos diariamente ser livres dela, quando dizemos *Livrai-nos do mal*[172].

O Senhor também não disse: "Dos males, o menor, pois você não faz o mal quando emprega para um bom fim o juramento. O qual, mesmo não sendo bom, é, no entanto, necessário para convencer alguém de algo útil". Mas ele disse que isso *vem do Maligno*; da enfermidade daquele que te obriga a jurar. Só quem já passou por essa experiência sabe o quanto é difícil destruir o hábito de jurar e de jamais fazer sem razão o que a necessidade algumas vezes obriga a fazer.

Capítulo 52

O juramento implica em Deus onipresente.

Pode-se perguntar por que, depois das palavras *Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum*, acrescentaram-se estas: *nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei.* Até estas: *Nem jurarás pela tua cabeça*. Eu penso que é por que os judeus não se acreditavam comprometidos por seus juramentos, quando tinham jurado por estas coisas. Como eles tinham ouvido: *Não jurarás falso, mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos*[173], eles acreditavam não ter feito um juramento ao senhor, quando juravam pelo céu ou pela

[172] Mateus 6: 13.
[173] Mateus 5: 33.

terra ou por Jerusalém ou pela própria cabeça. Não por causa do autor da lei, mas por que a compreenderam mal.

O Senhor lhes ensina, portanto, que não há nada de vil nas criaturas pelas quais se possa perjurar, já que a divina Providência governa o mundo inteiro, de cima abaixo, desde o trono de Deus até um fio de cabelo branco ou negro.

Nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, ou seja, quando você jura pelo céu ou pela terra, não imagine que seu juramento não te compromete diante do Senhor, pois está provado que você jura por aquele que tem o céu como trono e a terra como escabelo.

Nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei; o que vale dizer: "Minha cidade", já que se pode entendê-la neste sentido. Como ele é o Senhor, evidentemente que aquele que jura por Jerusalém está comprometido diante do Senhor.

Nem jurarás pela tua cabeça. Há algo em que se possa acreditar mais que seja seu do que sua própria cabeça? No entanto, como nossa cabeça seria nossa se não temos nem mesmo o poder de tornar um cabelo branco ou negro? Portanto, quem jura até mesmo por sua própria cabeça está comprometido com este juramento a Deus, que perpassa tudo de uma maneira inefável e está presente em toda parte.

Sob estas expressões devemos subentender muitas outras coisas que não se poderia enumerar. Como no juramento do Apóstolo que

mencionamos acima: “Eu morro a cada dia, eu juro, pela glória que recebo de vós”. E, para mostrar que este juramento remonta ao Senhor, ele acrescenta: “Que eu recebo de vós, em Jesus Cristo”.

Capítulo 53

O sentido espiritual dos conceitos de céu e terra.

No entanto __ eu digo isto para os carnais __ por que o céu é chamado de trono de Deus e a terra o escabelo de seus pés, não se pode imaginar que Deus tenha membros que repousam sobre o céu e a terra, como os nossos, quando estamos sentados; mas o sentido que se atribui a ele indica julgamento. E, como o céu é a parte mais bela da criação e a terra a menos bela, parece que o poder divino está mais presente na parte melhor e dá à outra uma classificação inferior. É por isso que é dito que Deus está sentado no céu e tem a terra sob seus pés.

No sentido espiritual entende-se por céu as almas santas e por terra os pecadores e, por que *O homem espiritual julga todas as coisas e não é julgado por ninguém*[174], tem-se razão em chamá-lo de trono de Deus, bem como de chamar de escabelo de seus pés o pecador, a quem foi dito: *És pó e pó te hás de tornar*[175], por que a justiça, que trata cada um segundo seus méritos, o coloca em um nível inferior e quem não quis permanecer na lei, acabou sob os pés da lei.

[174] 1 Coríntios 2: 15.
[175] Gênesis 3: 19.

Capítulo 54

O amor pela justiça e a misericórdia.

Por fim, para concluir este assunto, que se pode dizer ou imaginar como um dos mais trabalhosos e penosos, o que há de mais próprio para exigir todas as forças e todo empenho da alma fiel, do que vencer um mau hábito?

Que o cristão ampute todos os membros que lhe podem ser um obstáculo à conquista do reino dos céus, para que a dor não o abata; que ele suporte, para a honra da fé conjugal, os mais graves incômodos, tudo o que não leva a marca de uma corrupção vergonhosa, ou seja, a fornicação, por exemplo; que ele conserve fielmente uma mulher estéril, disforme, fraca de constituição, cega, surda, manca, ou que sofre de doenças, de sofrimentos, de abatimentos, de tudo o que se pode imaginar de mais repulsivo, exceto a fornicação; que ele a suporte por fidelidade aos seus compromissos, ao laço que os une; não somente ele não rejeite uma mulher deste tipo, mas, se ele não for casado, que ele não se case com uma mulher separada de seu marido, seja ela, saudável, rica e fecunda como for. E, se isso não é permitido, que ele muito menos se permita ter uma relação ilícita qualquer; que ele fuja da fornicação, ao ponto de evitar qualquer ato criminoso e vergonhoso; que ele diga a verdade, apoiado não por juramentos frequentes, mas pela honestidade de seus costumes; que ele abata e domine, como de um lugar elevado, essa multidão de más tendências que lhe fazem a guerra (nós só men-

cionamos algumas delas, mas, por estas se pode avaliar o resto) e que utilize para isso a milícia cristã como uma cidadela.

Mas, quem ousará empreender uma tarefa tão difícil assim se não for aquele que queima de amor pela justiça, a ponto de ser devorado pela fome e pela sede, de considerar a vida como um nada enquanto não for saciado e de se violentar para chegar ao reino dos céus? Se não for assim, é impossível ter a força necessária para suportar tudo o que os partidários deste mundo consideram como penoso, duro e difícil na extirpação dos maus hábitos.

Bem aventurados então aqueles que têm fome e sede de justiça, por que eles serão saciados.

Capítulo 55

Semelhança e diferença entre mansidão e misericórdia.

Mas, se alguém experimenta nisso alguma dificuldade, só avança por um terreno difícil e escarpado, é assaltado por tentações de todo tipo, vendo a vida passada se erguer à esquerda e à direita como montanhas e teme sucumbir diante da tarefa, que esta pessoa siga um conselho, para conseguir ajuda. Qual é este conselho? Que suporte a enfermidade do próximo, vá em sua ajuda na medida do possível, como ela própria deseja a ajuda do alto. Por consequência, recorramos às obras da misericórdia.

Ora, a mansidão e a misericórdia parecem se confundir. Há, no entanto, a diferença que, a pessoa mansa, que já mencionamos acima,

aceita com piedade e sem reclamações as sentenças divinas pronunciadas contra seus pecados e as palavras de Deus que ela ainda não compreende, mas sem prestar qualquer serviço àquele a quem ela se contenta em não opor contradição e nem resistência, enquanto que a pessoa misericordiosa cede na intenção de corrigir aquilo que ficaria pior com a resistência.

Capítulo 56

A generosidade e a condescendência.

O Senhor continua e diz: *Tendes ouvido o que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa. Se alguém vem obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil. Dá a quem te pede e não te desvies daquele que te quer pedir emprestado*[176].

A justiça do fariseu consiste em não ultrapassar a medida na vingança, em não retribuir mais do que se recebeu e isso já é um grande passo. Não se encontra facilmente uma pessoa que se limite a retribuir um soco com somente um soco e que, com uma só palavra de injúria se contente em retribuir com uma só palavra de mesmo valor. Ou na perturbação da cólera se vinga desmesuradamente ou então se considera que a justiça exige que o ofensor seja mais maltratado do que o ofendido. Essas disposições já encontraram um freio poderoso na lei, onde se

[176] Mateus 5: 38-42.

lia *olho por olho, dente por dente*; expressão que dizia que a vingança não deve ultrapassar a injúria. Isso já é um começo de paz, mas a perfeição da paz consiste em renunciar até mesmo a essa espécie de vingança.

Capítulo 57

Da discórdia à concórdia misericordiosa.

Entre estas duas disposições, em que uma, fora da lei, retribui com um mal maior um mal menor e a outra, que pratica a perfeição indicada pelo Senhor aos seus discípulos e não retribui de nenhuma maneira o mal pelo mal, há um meio termo, que consiste em retribuir o mal na mesma medida em que o recebeu. Isto é a transição da extrema discórdia para a concórdia perfeita; uma medida proporcionada às necessidades do tempo.

Veja que distância há entre a pessoa que ataca primeiro, com o objetivo de ferir ou arruinar e aquele que não retribui nenhuma injúria com uma injúria! Aquele que não ataca primeiro, mas que, ofendido, na vontade ou de fato, retribui com mais mal do que recebeu, se afasta um pouco da extrema injustiça, dá um primeiro passo rumo à justiça perfeita, mas, no entanto, não está ainda no ponto fixado e exigido pela lei de Moisés.

Aquele então que retribui na medida do que recebeu, já faz uma concessão, pois, não deve haver aí igualdade de pena entre o culpado e o inocente. É, portanto, essa justiça começada, não severa, mais miseri-

cordiosa, que aperfeiçoa Aquele que veio, não abolir a lei, mas cumpri-la. Ele deixa, assim, à inteligência de seus ouvintes os dois graus de distância e prefere falar da própria perfeição da misericórdia. Pois resta ainda alguma coisa a fazer àquele que não cumpre em toda sua extensão um preceito imposto com vistas ao reino dos céus; é o de não retribuir na mesma medida, mas menos do que recebeu; por exemplo, um soco por dois ou a amputação de uma orelha pela perda de um olho. Já aquele que se eleva e não retribui o mal de nenhuma maneira, se aproxima do mandamento do Senhor; mas, no entanto, ainda não está nele ainda.

É pouca coisa aos olhos do Senhor que você não retribua o mal com o mal, se não está disposto a suportar mais. Ele não diz: "Não retribuas o mal com o mal', o que já é uma grande coisa; mas, *não resistais ao mau*, de sorte que, não apenas você não retribui o mal que recebeu, mas também não se opõe a que lhe façam mais mal.

É isto, com efeito, o que ele expõe em seguida: *Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra.* Ele não diz: "Se alguém o golpear, não golpeie de volta", mas, "prepare-se para receber novos golpes". É esta misericórdia que sentem sobretudo aqueles que cuidam, nas doenças, dos seres ternamente amados, dos filhos ou dos amigos queridos, seja por que são de pouca idade, seja por estão atingidos pela loucura. Eles geralmente sofrem muito, mas estão dispostos a sofrer mais ainda, se a saúde do doente assim o exige e até que a fraqueza da idade ou da doença tenha passado.

O que podia ensinar o médico das almas àqueles que ele formava na arte de curar o próximo, se não é suportar com paciência as enfermidades daqueles por cuja salvação eles gostariam de trabalhar? Pois todo vício provém da fraqueza da alma, já que não há nada de mais puro do que a pessoa aperfeiçoada pela virtude.

Capítulo 58

O simbolismo da face direita.

Pode-se perguntar aqui o que significa a face direita, pois é assim que se lê nos exemplares gregos mais dignos de fé. Em muitos exemplares latinos encontramos somente a face, sem especificar a direita.

Ora, é pelo rosto que cada um é conhecido e lemos no Apóstolo: *Sim, tolerais a quem vos escraviza, a quem vos devora, a quem vos faz violência, a quem vos trata com orgulho, a quem vos dá no rosto.* E depois acrescenta: *Sinto vergonha de o dizer*[177], com a intenção de mostrar que ser atingido no rosto significa ser desprezado e desdenhado. O Apóstolo não diz isso com a intenção de impedir os coríntios de suporta aqueles que os tratam assim, mas para que eles os suportem melhor, como ele mesmo os amava, até o ponto de se sacrificar por eles[178].

Mas, como não se pode dizer rosto direito e rosto esquerdo e existe uma nobreza segundo Deus e uma nobreza segundo o mundo, distinguem-se a face direita e a face esquerda, para que todo discípulo de

[177] 2 Coríntios 11: 20 e 21.
[178] Cf. 2 Coríntios 12: 15.

Cristo cuja condição de cristão for objeto de desprezo esteja mais bem disposto ainda a ver ser desprezado nele as honras mundanas, se ele possuir alguma.

No entanto, o mesmo apóstolo Paulo, quando se preparavam para processá-lo por causa de sua condição de cristão, se ele tivesse escondido sua condição de cidadão romano, não apresentou a outra face àqueles que golpeavam sua face direita. Mas, ao dizer: "Sou cidadão romano"[179], nem por isso estava menos disposto a ver desprezar nele o que ele tinha de menos precioso, por aqueles que desprezavam nele um título tão precioso e tão saudável. Ele suportou menos pacientemente as correntes que não era permitido prender em um cidadão romano? Ele acusou alguém pela injustiça sofrida? E se ele foi libertado por causa de sua condição de cidadão romano, nem por isso ele deixou de se entregar aos golpes, buscando, através de sua paciência, corrigir a criminosa malícia daqueles que estavam honrando nele o lado esquerdo, em detrimento do lado direito. Aqui se deve ver somente sua intenção, sua benevolência e sua clemência com relação aos seus perseguidores.

Ele recebe um tapa, por ordem do grão-sacerdote, por ter dito esta frase que pareceu insolente: "Deus te ferirá também a ti, muralha esbranquiçada!"[180] Mas, estas palavras injuriosas, na avaliação daqueles que não tinham inteligência, era profética, para aqueles que a tinham. Muralha esbranquiçada significava hipocrisia, ou seja, dissimulação

[179] Cf. Atos 22: 25.
[180] Cf. Atos 23: 2 e 3.

velada sob a dignidade sacerdotal e que escondia a torpeza e a baixeza sob um título impactante, por assim dizer, de brancura.

O Apóstolo permanece maravilhosamente fiel à humanidade quando lhe dizem: *Tu injurias o sumo sacerdote de Deus* e ele responde: *Não sabia, irmãos, que é o sumo sacerdote. Pois está escrito: Não falarás mal do príncipe do teu povo*[181]. Uma resposta tão imediata e tão cheia de mansidão que não poderia ter sido pronunciada por um homem irritado e perturbado, mostra bem com que calma ele tinha pronunciado as palavras que pareceram ditadas pela cólera. E ele dizia a verdade, para aqueles que sabiam compreender: "Não sabia que era o sumo sacerdote". Foi como se ele tivesse dito: "Eu conheci um outro sumo sacerdote, por cujo nome eu suporto este, ao qual não é permitido maldizer e que, no entanto, vocês maldizem, já que vocês só odeiam em mim seu nome".

É desta forma que é preciso falar em casos assim; sem dissimulação e com um coração pronto para cantar com o profeta: *Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme; vou cantar e salmodiar*[182].

Muitos sabem apresentar a outra face, mas não sabem amar aqueles que a golpeiam. O próprio Senhor, que primeiro cumpriu os mandamentos que formulou, não apresentou a outra face ao servidor do sumo sacerdote que o golpeou, mas lhe disse: *Se falei mal, prova-o, mas*

[181] Atos 23: 4 e 5.
[182] Salmo 56: 8.

se falei bem, por que me bates?[183] Nem por isso ele estava menos pronto de coração, não somente para ser golpeado na outra face para a salvação de todos, como também para ser inteiramente crucificado.

Capítulo 59

A generosidade na bondade.

Por consequência, as palavras seguintes, *Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa*[184] devem ser entendidas como a disposição do coração e não um ato de ostentação. E o que é dito sobre a túnica e a capa não se aplica somente a estes objetos, mas a todos os bens materiais que nos pertencem. Ora, se nos ordenam que sacrifiquemos o necessário, com mais razão ainda isso é conveniente para as coisas supérfluas. Mas, ao falar do que nos pertence, eu entendo tudo o que é da espécie que o Senhor designa, quando ele diz: *Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica.* Por consequência, trata-se sobretudo do que pode ser disputado na justiça, do que pode passar de nosso domínio para o domínio daquele que processa ou por quem se processa, como uma vestimenta, uma casa, um pedaço de terra, um animal de carga e, em geral, tudo o que diz respeito ao dinheiro.

Mas isso deve ser aplicado aos escravos? É uma grave questão, pois um cristão não deve possuir um escravo como a um cavalo ou um objeto de prata, mesmo que o escravo talvez tenha menos valor que um

[183] João 18: 23.
[184] Mateus 5: 40.

cavalo e sobretudo do que um objeto de ouro ou prata. Mas, se você, senhor, o cria, o dirige, mais sabiamente, mais honestamente, se o coloca em condições de servir a Deus melhor do que faria aquele que deseja levá-lo, eu não sei se alguém ousará aconselhá-lo a não tê-lo mais em conta do que a uma vestimenta. Pois o ser humano deve amar seu semelhante como a ele mesmo. O ser humano que o Senhor ordena que ame até mesmo os inimigos, como demonstra a sequência de nosso texto.

Capítulo 60

A túnica é mais do que uma vestimenta.

De resto, é preciso observar que toda túnica é uma vestimenta, mas nem toda vestimenta é uma túnica. A palavra vestimenta tem então um sentido mais extenso do que a palavra túnica. É por isso que eu penso que, quando o Senhor diz *Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica*, é como se ele dissesse: "Se alguém te levar a túnica, abandone também as outras vestimentas". No entanto, alguns intérpretes também adotaram a palavra *pallium*, capa, para o que em grego se diz *imation*.

Capítulo 61

Acompanhamento generoso.

Se alguém vem obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil[185].

[185] Mateus 5: 41.

Aqui se trata menos de uma caminhada real do que a disposição do coração. Pois, na própria história santa, que é a autoridade, não se encontra somente este comportamento entre os santos e até mesmo no Senhor, que assumiu nossa humanidade para nos fornecer um modelo de conduta. No entanto, você os encontrará em quase toda parte dispostos a suportar as exigências mais injustas.

Mas as palavras *Anda dois mil* não teriam por objetivo completar o número três, símbolo da perfeição, de sorte que, agindo assim, todos se lembrem de que ele cumpre a justiça perfeita, já que suporta com bondade as enfermidades daqueles que ele deseja ver curados?

Poder-se-ia também admitir que foi com a mesma intenção que Cristo formulou três preceitos: o primeiro, se alguém te golpear a face; o segundo, se alguém quiser de levar a túnica; o terceiro, se alguém te obrigar a dar mil passos. Neste último exemplo, ele teria acrescentado dois ao um para formar três.

Se este número não significa aqui a perfeição, como dissemos, nós o entendemos no sentido de que o Senhor, ao começar pelo preceito mais fácil, avança pouco a pouco até pedir que se suporte duas vezes mais do que é exigido. Com efeito, ele quer primeiro que se apresente a face esquerda quando a direita foi golpeada, para que você esteja disposto a sofrer uma injúria menor do que aquela que você sofreu, pois tudo o que está relacionado ao lado direito é mais precioso do que o que é designado por lado esquerdo e aquele que teve que sofrer com aquilo

que é mais caro, suportará mais facilmente uma perda em um objeto de menor valor. Em seguida, o Salvador quer que se abandone a capa àquele que vem levar nossa túnica, ou seja, o equivalente, ou alguma coisa a mais e não o dobro. Em terceiro lugar, ao nos ordenar dar dois mil passos a mais com aquele que nos exige mil, ele nos ordena a suportar o dobro, querendo com isso insinuar que, se um ímpio nos faz suportar menos mal do que ele já nos fez, ou a mesma coisa, ou mais do que isso, devemos suportar tudo com paciência.

Capítulo 62

O duplo tipo de injúria.

Eu penso que estes três exemplos englobam toda espécie de injustiça. Com efeito, dividimos em duas categorias todos os atos de improbidade que podem nos atingir: aqueles que podem ser reparados e aqueles que não podem sê-lo. No primeiro caso procura-se costumeiramente uma reparação na vingança. Mas, de que serve retribuir golpe por golpe? A parte do corpo que foi ferida é curada desta forma? Mas a alma repleta de orgulho procura tais consolos. A alma saudável e forte não encontra prazer nisso; ela prefere mais suportar com bondade a fraqueza da outra, do que procurar no mal da outra o desagravo da sua, que, aliás, não existe.

Capítulo 63

A punição e a correção.

Todavia, não se proíbe aqui a punição que pode corrigir; ela faz parte mesmo da misericórdia e não impede estar disposto a tudo sofrer por aquele que se gostaria de ver melhor. Mas só está apto a executar esta espécie de vingança aquele em que o amor é suficientemente poderoso para dominar o ódio que queima normalmente aqueles que desejam se vingar. Não se deve temer que os pais odeiem seus filhos que castigaram, por terem cometido uma falta que eles querem evitar que se repita.

É certamente sobre o modelo do próprio Deus Pai, que nos é proposto o tipo da caridade perfeita, quando nos é dito abaixo: *Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem*[186]. No entanto, é dele mesmo que o profeta diz: *O Senhor castiga aquele a quem ama e pune o filho a quem muito estima*[187]. E o Senhor diz também: *O servo que, apesar de conhecer a vontade de seu senhor, nada preparou e lhe desobedeceu será açoitado com numerosos golpes. Mas aquele que, ignorando a vontade de seu senhor, fizer coisas repreensíveis será açoitado com poucos golpes*[188].

Portanto, nos é pedido simplesmente que somente exerça a punição quem a tem em suas mãos segundo a ordem das coisas e que a exer-

[186] Mateus 5: 44.
[187] Provérbios 3: 12.
[188] Lucas 12: 47 e 48.

ça como um pai a exerce com relação aos filhos pequenos, que ele não odeia por causa de sua idade. Este exemplo convém perfeitamente para mostrar que, algumas vezes, é melhor punir uma falta por afeição do que deixá-la impune. Com o desejo, não de afligir o culpado com a punição, mas de lhe ser útil pela conversão. Mantendo-se, no entanto, pronto para suportar pacientemente, se for preciso, mais injustiças ainda por parte daquele que se deseja ver corrigido; tendo ou não poder para corrigi-lo.

Capítulo 64

A correção com amor, inclusive mediante a morte.

Ora, grandes pessoas, santas, embora convencidas de que a morte que separa a alma do corpo não é para se temer, conformando-se às disposições daqueles que a temem, puniram certas faltas com a morte; tanto para imprimir o terror aos vivos, quanto para o próprio interesse dos culpados, para quem a morte era menos pior do que o pecado, que poderia se agravar se eles continuassem vivendo. Este julgamento, inspirado por Deus, não foi sem fundamento.

Foi assim que Elias matou muitas pessoas; seja com suas próprias mãos[189], seja atraindo sobre elas o fogo do céu[190]. Muita gente boa, gente santa, agiu da mesma forma; não inconsideradamente, mas com o mesmo espírito e para o bem da humanidade.

[189] Cf. 1 Reis 18: 40.
[190] Cf. 2 Reis 1: 10.

Um dia os discípulos lembraram o Senhor este exemplo de Elias, para lhe pedir o poder de atrair o fogo do céu sobre aqueles que lhes tinham recusado a hospitalidade. O Senhor os repreendeu, não pela lembrança da ação do santo profeta, mas pelo desejo da vingança inspirado pela ignorância e os fez lembrar que era o ódio e não o desejo de corrigir os culpados que os movia[191].

Mais tarde, quando ele já os tinha ensinado o que era amar o próximo como a si mesmo[192] e lhes enviado, segundo sua promessa, o Espírito Santo, dez dias após sua ascensão[193], exemplos de vingança assim não faltaram, embora muito menos raras do que sob a antiga lei. Naquele tempo, com efeito, agia-se mais movido pelo medo e agora, libertados, os cristãos encontram seu principal alimento na caridade.

Por fim, lemos nos Atos dos Apóstolos que Ananias e sua mulher caíram mortos com as palavras do apóstolo Pedro e não foram ressuscitados, mas sepultados[194].

Capítulo 65

Um exemplo do livro não canônico de Tomás.

Que certos heréticos[195] __ inimigos do Antigo Testamento e que rejeitam a autoridade deste livro __ escutem o apóstolo Paulo (já que o leem como nós) falar de um pecador que foi *entregue a Satanás, para a*

[191] Cf. Lucas 9, 52-56.
[192] Cf. Mateus 19: 19.
[193] Cf. Atos 2: 1-4.
[194] Cf. Atos 5: 1-10.
[195] Os maniqueus.

mortificação de seu corpo[196], para que sua alma fosse salva. Se eles não querem ver aqui uma morte real __ no que não há dúvida __ que eles concordem pelo menos que o Apóstolo exerceu aqui uma vingança qualquer, por meio de Satanás; não com o espírito de ódio, mas por caridade, como indicam estas palavras: "Para que sua alma fosse salva".

Eles encontrarão provas do que dizemos em livros aos quais eles atribuem uma grande autoridade. Neles eles lerão que o apóstolo Tomás, tendo pedido o gênero de morte mais horroroso para um homem que o estapeou, rogou, no entanto, a Deus, que poupasse sua alma na outra vida. Esse homem foi morto por um leão e um cão separou sua mão do corpo e a levou até a mesa onde o Apóstolo fazia sua refeição.

Não somos obrigados a acreditar nesse livro, que não está no cânon da Igreja Católica. Mas ele é lido e considerado como a exposição da mais pura verdade por nossos adversários. E esses adversários, atingidos por não sei qual cegueira, se insurgem contra todos os atos de vingança corporal mencionados no Antigo Testamento; não compreendendo nada do espírito e do tempo nos quais esses fatos aconteceram.

Capítulo 66

Há injustiças que podem ser reparadas inteiramente.

Os cristão terão, portanto, como regra, na espécie de injustiça que se expia pela vingança, que o sentimento de injúria não deve degenerar em ódio; mas o coração, sensibilizado pela fraqueza, deve estar disposto

[196] 1 Coríntios 5: 15.

a sofrer mais ainda, mas não deve negligenciar a correção e empregar, de acordo com a circunstância, o conselho, a autoridade ou a força.

Há um outro tipo de injustiça que pode ser reparado inteiramente e nela se reconhecem duas espécies: uma onde a reparação se faz com dinheiro e outra que é feita pela ação. A primeira está relacionada com o que foi dito sobre a túnica e a capa; a segunda se relaciona com a obrigação de caminhar mil passos e o conselho de acrescentar mais dois mil. Por um lado, pode-se restituir uma roupa e, por outro, retribui-se com um favor a um outro recebido antes.

A menos que nós não tenhamos compreendido, no exemplo da face golpeada há toda uma espécie de injustiça que só pode ser expiada com a vingança e no exemplo da roupa, todos os males que se pode reparar de outra forma. Desta forma, as palavras, *Se alguém te citar em justiça,* foram acrescentadas para indicar que o que é sanado por uma sentença do juiz não constitui um ato de violência suscetível de vingança. As duas espécies reunidas formariam uma terceira que poderia ser reparada com ou sem a vingança.

Com efeito, aquele que exige pela força e fora da ação do juiz, uma ação que não lhe é devida; por exemplo, obrigar alguém a dar mil passos e lhe impor uma caminhada injustamente e em detrimento da pessoa; isto pode, ou ser punido, ou retribuído com uma atividade de mesmo gênero, se a vítima assim o exigir. Mas, em todos estes casos, o

Senhor nos ensina que o cristão deve estar cheio de paciência e de misericórdia e inteiramente disposto a sofrer mais ainda.

Capítulo 67

Prestatividade sem passividade.

Como é muito pouco não prejudicar, se não se ajuda na medida do possível, o Senhor continua e diz: *Dá a quem te pede e não te desvies daquele que te quer pedir emprestado*[197].

Dê 'a quem te pede' e não 'tudo o que te pedem'. Portanto, somente o que a honestidade e a justiça te permitem conceder. E se lhe pedissem dinheiro para prejudicar alguém? Se o pedissem para fornicar? E tantas outras coisas deste tipo que eu prefiro silenciar? É evidente que você só pode conceder o que não pode prejudicar nem a você e nem a ninguém, na medida em que seja possível ao ser humano sabê-lo e acreditar. E quando a justiça o obrigar a recusar o que lhe é pedido, mostre os motivos, para não deixar o solicitante no vazio. Com isso, você dará realmente à pessoa, nem sempre o que ela lhe pedir, mas, às vezes, alguma coisa de melhor: você a corrigirá, fazendo-a sentir a injustiça de seu pedido.

[197] Mateus 5: 42.

Capítulo 68

Doação benévola ou simples empréstimo.

Quanto às palavras, *Não te desvies daquele que te quer pedir emprestado*; elas estão relacionadas à disposição da alma, pois *Deus ama o que dá com alegria*[198].

Ora, recebe emprestado todo aquele que recebe alguma coisa, mesmo que não tenha que devolver, pois, como Deus retribui com abundância aos misericordiosos, é isso que acontece com aquele que faz algum favor ou empresta algo.

Ou, se entendermos aqui somente aquele que pega algo para devolver depois, é preciso dizer que o Senhor teve em vista aqui as duas formas de prestar um favor. Com efeito, ou presenteamos benevolamente ou emprestamos para que nos devolvam. Geralmente, as pessoas que estão dispostas a doar com a esperança da recompensa divina, estão pouco dispostas a emprestar, como se não tivessem nada a esperar de Deus, visto que é o tomador de empréstimo que deve devolver o que pegou emprestado.

É, portanto, com razão que o Senhor nos estimula a praticar esse gênero de favor, ao nos dizer: *Não te desvies daquele que te quer pedir emprestado*. Ou seja, não desvie sua vontade daquele que lhe pede um empréstimo, sob o pretexto de que seu dinheiro não renderá nada e que Deus não levará isso em conta, já que é o tomador do empréstimo que

[198] 2 Coríntios 9: 7.

deve te recompensar. Quando você age sob as ordens de Deus, é impossível que sua ação fique estéril aos olhos Daquele que te ordenou fazer isso.

Capítulo 69

Amor evangélico também ao inimigo.

O Senhor acrescenta em seguida: *Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem. Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isto também os pagãos? Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*[199].

Com efeito, quem poderia cumprir os mandamentos dados acima, sem esse amor que se exige de nós, mesmo para com nossos inimigos e nossos perseguidores? Ora, a perfeição da misericórdia, que provê os interesses da alma que sofre, não pode ir além do amor a um inimigo. Assim, o Senhor conclui com estas palavras: *Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*. Bem entendido que Deus é perfeito como Deus e a alma como alma.

[199] Mateus 5: 43-48.

Capítulo 70

A lei do ódio era uma concessão à fraqueza.

Vemos com isso que já havia um certo progresso na justiça dos fariseus, que era aquela da antiga lei, em que muitas pessoas odiavam até mesmos aqueles que as amavam. Como os filhos depravados, por exemplo, que detestam seus pais que repreendem seus excessos.

Por consequência, aquele que ama seu próximo, mesmo que odeie seu inimigo, já subiu um nível. Mas, de acordo com a ordem Daquele que veio cumprir a lei e não quebrá-la, levará a benevolência e a justiça até à perfeição, aquele que conseguir amar até seu inimigo. Pois o primeiro nível, mesmo que já sendo alguma coisa, é, no entanto, tão pouco que é comum com os publicanos.

Quanto à expressão da lei, *poderás odiar teu inimigo*, é preciso entendê-la não como uma ordem dada ao justo, mas como uma concessão aos fracos.

Capítulo 71

Aparentes contradições.

Aqui se levanta uma dificuldade que é difícil deixar passar em silêncio. Em muitos lugares das Escrituras há textos que parecem __ quando não são estudados séria e prudentemente __ contradizer a ordem do Senhor que nos exorta a amar nossos inimigos, a fazer o bem àqueles que nos odeiam e a rezar por aqueles que nos perseguem.

Com efeito, vemos nos livros proféticos numerosas imprecações contra os inimigos que podem parecer maldições. Como, por exemplo: *Torne-se a sua mesa um laço para eles*[200] e toda a sequência do texto depois destas palavras. *Fiquem órfãos os seus filhos e viúva a sua esposa*[201] e tudo o que o profeta diz, acima e abaixo, neste salmo, dirigido a Judas.

Encontramos aqui e ali muitas outras passagens nas Escrituras que parecem contrárias ao mandamento do Senhor e a este do Apóstolo, que diz: *Abençoai os que vos perseguem; abençoai-os e não os praguejeis*[202].

Mas, está escrito que o próprio Senhor amaldiçoou as cidades que não receberam sua palavra[203] e o Apóstolo que citamos disse, ao falar de uma certa pessoa que o tratou mal: *O Senhor há de lhe pagar pela sua conduta*[204].

Capítulo 72

Previsões proféticas, mais que maldições desejadas.

Mas a resposta é fácil. O profeta expõe sob a forma de imprecação o que deve acontecer. Ele não faz uma confissão ou expressa um desejo, mas faz uma previsão do futuro. Assim também é com o Senhor

[200] Salmo 68: 23.
[201] Salmo 108: 9.
[202] Romanos 12: 14.
[203] Mateus 11: 20-24 e Lucas 10: 13-15.
[204] 2 Timóteo 4: 14.

e o Apóstolo; não se encontra em suas palavras a expressão de um desejo, mas uma previsão.

Com efeito, quando o Senhor diz: "Ai de ti, Cafarnaum", ele quer simplesmente anunciar a esta cidade algum acontecimento infeliz, uma punição por sua infidelidade; o que não era nele um desejo de desgraça, mas uma visão da divindade. O Apóstolo, por sua vez, não diz: "Que o Senhor lhe pague", mas "O Senhor lhe pagará pela sua conduta". Isto é uma previsão e não uma maldição.

O mesmo acontece com relação à hipocrisia dos judeus, que já mencionamos e na qual ele via a ruína eminente. Ele disse: *Deus te ferirá também a ti, hipócrita!*[205]

Os profetas tinham o hábito de predizer o futuro sob a forma de imprecação, como também frequentemente eles profetizavam o futuro sob a figura do passado. Assim, por exemplo: "Por que tumultuaram as nações? Por que tramaram os povos vãs conspirações?"[206] O salmista não diz "Por que tumultuarão as nações e os povos tramarão vãs conspirações", mesmo que ele não tenha a intenção de relembrar o passado, mas anunciar o futuro.

O mesmo acontece com esta passagem: "Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sorte sobre a minha túnica"[207]. Também não é

[205] Atos 23: 3.
[206] Salmo 2: 1. Na Bíblia em português o verbo está no tempo presente. (Adendo à nota, do tradutor para o português).
[207] Salmo 21: 19. Novamente, na Bíblia em português o verbo está no tempo presente. (Adendo à nota, do tradutor para o português).

dito: “Repartirão entre si as minhas vestes e lançarão sorte sobre minha túnica”. No entanto, ninguém vê motivos para censurar essas formas de linguagem, exceto aquele que não compreende que essa variedade de figuras não enfraquece em nada a verdade e favorece singularmente os impulsos do coração.

Capítulo 73

Distintas gravidades dos pecados.

Mas o ápice da dificuldade está nesta passagem do apóstolo São João: *Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não o conduza à morte, reze e Deus lhe dará a vida; isto para aqueles que não pecam para a morte. Há pecado que é para morte; não digo que se reze por este*[208].

Evidentemente que o Apóstolo indica aqui que há irmãos para os quais não somos obrigados a rezar, enquanto que o Senhor nos ordena a rezar até mesmo para nossos perseguidores[209]. Essa dificuldade só pode ser resolvida se conviermos que há entre irmãos alguns pecados mais graves do que a própria perseguição de um inimigo.

Ora, pode-se demonstrar com numerosos testemunhos das divinas Escrituras que é aos cristãos que se aplica a designação de irmãos. Vemos isso muito claramente neste texto do Apóstolo: *Porque o marido que não tem a fé é santificado por sua mulher; assim como a mulher*

[208] 1 João 5: 16.
[209] Cf. Mateus 5: 44.

que não tem a fé é santificada pelo marido que recebeu a fé[210]. Ele não disse "nosso", mas ele pensou que se veria claramente que, sob a designação de irmão, ele falava de um cristão unido a uma mulher fiel. Pouco depois, ele também acrescentou: *Mas, se o pagão quer separar-se, que se separe; em tal caso, nem o irmão nem a irmã estão ligados*[211].

Eu penso, portanto, que esse pecado do irmão que conduz à morte acontece quando, após ter conhecido Deus, pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, atenta-se contra a união fraternal e, desprezando a graça da reconciliação, se é atormentado pelos fogos do ciúme[212]. Ora, esse pecado não vai até à morte, se ele não destrói a caridade fraterna, mas se limita a recusar __ por causa de uma certa fraqueza __ os bons ofícios que se devem a um irmão.

Foi por isso que o Senhor disse na cruz: *Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem*[213]. Eles não tinham ainda recebido a graça do Espírito Santo e não estavam, portanto, iniciados nas santas doutrinas da união fraternal.

Também Santo Estêvão, nos Atos dos Apóstolos, reza por aqueles que o apedrejam[214], por que eles não acreditavam ainda em Cristo e resistiam ao espírito de comunidade.

---

[210] 1 Coríntios 7: 14.
[211] 1 Coríntios 7: 15.
[212] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 7.
[213] Lucas 23: 34.
[214] Atos 7: 59.

E, eu penso, o apóstolo Paulo não reza por Alexandre, por que ele estava incluído entre os irmãos e como ele quebrou por ciúme o laço fraternal, seu pecado ia até à morte. Quanto àqueles que não tinham rompido o laço do amor, mas tinham sucumbido por medo, o Apóstolo rezou pedindo seu perdão.

Eis, com efeito, o que ele diz: *Alexandre, o ferreiro, me tratou muito mal. O Senhor há de lhe pagar pela sua conduta. Tu também guarda-te dele, porque fez oposição cerrada à nossa pregação*[215]. Depois, ele menciona aqueles por quem ele reza, dizendo: *Em minha primeira defesa não houve quem me assistisse; todos me desampararam! (Que isto não seja imputado)*[216].

Capítulo 74

A diversidade de arrependimentos e penitências.

É esta diferença de pecados que separa Judas que trai[217] e Pedro que nega seu Mestre[218]. Não que não se deva perdoar aquele que se arrepende, pois isso seria ir contra a ordem do Senhor de sempre conceder o perdão a um irmão que pede[219], mas, por que o crime de Judas era tal, que ele não conseguia submeter-se à humildade de pedir perdão, mesmo que sua consciência culpada fosse forçada a reconhecer e até a confessar sua falta.

---

[215] 2 Timóteo 4: 14 e 15.
[216] 2 Timóteo 4: 16.
[217] Cf. Mateus 26: 47-50.
[218] Cf. Mateus 26: 69-75.
[219] Lucas 17: 3 e 4.

Com efeito, após ter dito: *Pequei, entregando o sangue de um justo*[220], ele é mais facilmente levado a ser tomado pelo desespero do que a pedir humildemente seu perdão.

Por fim, é preciso saber bem a que espécie de arrependimento Deus concede o perdão. Há mesmo pessoas que confessam rapidamente suas faltas e que se irritam com elas mesmas, a ponto de demonstrarem que estão vivamente chateadas por terem feito o mal. Mas, no entanto, elas não se curvam humildemente até o ponto de ter o coração partido e pedir perdão. Devemos acreditar que esse estado de suas almas é resultado da enormidade de seus pecados e de sua condenação.

Capítulo 75

O pecado contra o Espírito Santo não será perdoado.

Talvez seja isso o pecado contra o Espírito Santo, ou seja, quebrar o laço da caridade fraternal, por malícia e por ciúme, após ter recebido a graça do Espírito Santo. Uma espécie de pecado que não será perdoado, segundo o Senhor, nem neste mundo e nem no outro[221].

Aqui podemos nos perguntar se os judeus pecaram contra o Espírito Santo, aos dizerem que o Senhor expulsava os demônios em nome de Belzebu, o príncipe dos demônios[222]. Supondo que essa injúria foi dirigida ao próprio Salvador mesmo, já que, em outro lugar é dito: *Se chamaram de Belzebu ao pai de família, quanto mais o farão às pesso-*

[220] Mateus 27: 4.
[221] Cf. Mateus 12: 31 e 32.
[222] Cf. Marcos 3: 22.

as de sua casa![223] Ou então devemos acreditar que obedeciam a um violento sentimento de inveja, pagando com ingratidão os benefícios tão perceptíveis. Mesmo que não fossem ainda cristãos, eles pecaram contra o Espírito Santo, por causa de sua extrema inveja? Não se pode concluir isso das palavras do Senhor, pois, embora ele tenha dito neste mesmo lugar: *Todo o que tiver falado contra o Filho do Homem será perdoado. Se, porém, falar contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século nem no século vindouro*[224], pode-se admitir, no entanto, que isso era uma exortação dirigida aos seus ouvintes, para estimulá-los a se render à graça e a não cometer, após tê-la recebido, os pecados dos quais eram culpados até então. Naquele momento eles tinham blasfemado contra o Filho do Homem e podiam ser perdoados por isso, com a condição de que se convertessem, acreditassem nele e recebessem o Espírito Santo. Mas se, após tê-lo recebido, eles viessem a quebrar o laço de fraternidade, por ciúme ou inveja, ou a combater a graça obtida, sua falta então não seria redimida, nem neste século e nem no século seguinte. Se o Senhor os tivesse considerado como condenados sem esperança, ele não lhes teria dirigido a advertência que lhes deu em seguida: *Ou dizeis que a árvore é boa e seu fruto bom, ou dizeis que é má e seu fruto, mau; porque é pelo fruto que se conhece a árvore*[225].

[223] Mateus 10: 25 e 12: 24.
[224] Mateus 12: 32.
[225] Mateus 12: 33.

Capítulo 76

A ausência de intercessão não é contra intercessão.

Compreendamos então que o preceito de amar nossos inimigos, de fazer o bem àqueles que nos odeiam, de rezar por aqueles que nos perseguem, não exige que rezemos para certos pecados de nossos irmãos. Caso contrário, por ignorância, nós colocaríamos as divinas Escrituras em contradição com elas mesmas; o que não pode ser.

Mas, se há aqueles por quem não se deve rezar, há aqueles contra os quais de deve rezar? Até aqui eu não estou suficientemente esclarecido sobre isso. Em geral se diz: *Abençoai os que vos perseguem; abençoai-os, e não os praguejeis*[226] e também: *Não pagueis a ninguém o mal com o mal*[227].

Mas, não rezar por alguém não é rezar contra ele, pois pode acontecer de você ver seu castigo assegurado, sua salvação absolutamente desesperada e, se você não rezar por ele, não é por ódio, mas por que está convencido de que seria inútil e você não quer que sua prece seja rejeitada pelo Juiz soberanamente justo.

Mas, o que dizer daqueles contra os quais nós sabemos que santos rezaram, não com a esperança de obter sua correção, pois então eles teriam rezado por eles, mas com vistas à sua danação eterna? Não também, como o profeta, contra aquele que entregou o Senhor, pois, como

[226] Romanos 12: 14.
[227] Romanos 12: 17.

já dissemos, isso foi mais uma previsão do futuro do que um desejo de punição. Nem, por fim, como o Apóstolo, contra Alexandre, como já explicamos suficientemente. Mas como os mártires mencionados no Apocalipse, que pedem para serem vingados[228] mesmo que o primeiro deles tenha pedido graça para aqueles que o apedrejavam[229].

Capítulo 77

É sincera e plena de justiça e misericórdia a vingança dos mártires, para a derrubada do reino do pecado.

Que essa dificuldade não nos abale. Com efeito, quem ousaria afirmar que esses santos, vestidos de branco, clamaram por vingança contra aquelas pessoas e não contra o reino do pecado? Pois a verdadeira vingança dos mártires, vingança plena de justiça e de misericórdia, é a destruição do reino do pecado, sob o qual eles tanto sofreram. É para isso que se voltam os esforços do Apóstolo, quando ele diz: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal*[230]. Ora, o reino do pecado é destruído e derrubado, em parte pela correção dos bons, quando a carne é submetida ao espírito, em parte pela condenação daqueles que perseveram no pecado, quando a justiça os coloca tão bem em seus lugares que eles não podem mais prejudicar os justos que reinam com Cristo.

Veja o apóstolo Paulo; ele não parece vingar nele mesmo o mártir Estevão, quando diz: *Assim, eu corro, mas não sem rumo certo. Dou*

[228] Apocalipse 6: 10.
[229] Atos 7: 59 e 60.
[230] Romanos 6: 12.

golpes, mas não no ar. Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros[231]. Pois ele vacilara, ele enfraquecera e, após a vitória, ele colocava em ordem nele precisamente o que tinha servido para perseguir Estevão e os outros cristãos.

Quem então nos provará que não é uma vingança desta espécie que os santos mártires pedem ao Senhor? Eles que puderam, com o objetivo de se vingar, pedir o fim deste mundo, onde sofreram tantos males. Ao rezar assim, reza-se pelos inimigos que são suscetíveis de cura e não contra aqueles que não quiseram se curar, por que Deus, ao puni-los, não é um mau carrasco, mas um juiz soberanamente justo. Não hesitemos, portanto, em amar nossos inimigos, a fazer o bem àqueles que nos odeiam e em rezar por aqueles que nos perseguem.

Capítulo 78

Os filhos adotivos por renascimento espiritual.

Quanto ao que segue, sob a forma de consequência, *Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu*[232], é preciso entender no sentido destas palavras de São João: *Aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*[233]. Naturalmente que só há um Filho, que absolutamente não pode pecar e nós, em virtude do poder que recebemos, nos tornamos filhos de Deus, se cumprirmos seus pre-

[231] 1 Coríntios 9: 26 e 27.
[232] Mateus 5: 45.
[233] João 1: 12.

ceitos. É por isso que o Apóstolo chama de adoção à nossa vocação à herança eterna, pela qual podemos ser coerdeiros de Cristo[234].

Nós nos tornamos, portanto, filhos, através da regeneração espiritual e somos adotados para o reino de Deus; não na qualidade de estranhos, mas como suas criaturas e obras de suas mãos; de sorte que, através de uma primeira benesse, sua onipotência nos fez seres, quando não o éramos e, através de uma segunda benesse, ele nos adotou, para nos fazer desfrutar com ele da glória eterna, na qualidade de filhos e na proporção de nossos méritos.

Assim, não foi dito "Faça isso *por que são* filhos", mas, "Faça isso *para que sejam* filhos".

Capítulo 79

O simbolismo do sol e da chuva espirituais para os bons.

Ora, ao nos chamar assim por seu Filho unigênito, ele nos chama para nos assemelharmos a ele. Pois, como é dito em seguida, o Pai do céu *faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos*[235]. Entendamos aqui por sol, não o astro visível aos olhos do corpo, mas a sabedoria, sobre a qual é dito: *Ela é uma efusão da luz eterna*[236]; e também, *Nos desgarramos para longe da verdade: a luz da justiça não brilhou para nós e o sol não se*

[234] Romanos 8: 17 e Gálatas 4: 5.
[235] Mateus 5: 45.
[236] Sabedoria 7: 26.

levantou sobre nós![237]; e ainda, *Sobre vós que temeis o meu nome, levantar-se-á o sol de justiça que traz a salvação em seus raios*[238].

A chuva pode ser entendida como a difusão da doutrina da verdade, já que esta, com efeito, aparece tanto para os bons quanto para os maus e Cristo pregou o evangelho tanto para uns como para os outros. O sol está exposto tanto à vista dos humanos quanto dos animais e a chuva faz crescer os produtos destinados ao sustento dos corpos de todos. Esta interpretação me parece a mais provável.

Mas o sol espiritual só se levantará para os bons e os santos, como lamentam os maus, no livro intitulado A Sabedoria de Salomão: *O sol não se levantou sobre nós!*[239].

A chuva espiritual só cairá sobre os bons e os maus são figurados pela vinha, da qual se diz: *Eu a farei devastada; não será podada nem cavada, e nela crescerão apenas sarças e espinhos; vedarei às nuvens derramar chuva sobre ela*[240].

Qualquer que seja a interpretação adotada, vemos sempre o efeito da grande bondade de Deus, que nos ordenou sua imitação, se quisermos ser seus filhos.

Qual é a pessoa suficientemente ingrata para não reconhecer o benefício que nos propiciam a luz visível e a chuva material? Este benefício nós vemos que é comum, aqui embaixo, tanto aos justos quanto aos

[237] Sabedoria 5: 6.
[238] Malaquias 3: 20.
[239] Sabedoria 5: 6.
[240] Isaías 5: 6.

pecadores. Cristo não diz somente "Que faz chover o sol sobre os bons e sobre os maus", mas sim, "seu sol"[241]. Ou seja, aquele que ele fez, que ele fixou e que tirou do nada, como está escrito no Gênesis[242], sobre todos os astros. Ele propriamente pode chamar de seu tudo o que criou do nada e nos mostrar com que liberalidade ele quer que nós doemos para nossos inimigos o que nós mesmos criamos, mas recebidos de sua prodigalidade.

Capítulo 80

A grande misericórdia para os grandes misericordiosos.

Ora, quem está pronto para suportar injúrias por parte dos fracos, na medida em que seja útil para sua salvação; a amar mais ao invés de retribuir ao sofrer a injustiça do outro; a dar a quem lhe pede o objeto pedido, se isso for possível e, se não for, pelo menos um bom conselho, com um coração benevolente; a não se desviar daquele que lhe pede um empréstimo; a amar seus inimigos; a fazer o bem àqueles que o odeiam; a rezar por aqueles que o perseguem? Sim, quem realiza tudo isso, se não é a pessoa plena e perfeitamente misericordiosa?

Este conselho posto em prática basta para superar o mau, com a ajuda Daquele que disse: *Eu quero o amor mais que os sacrifícios e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos*[243].

---

[241] *Qui "solem suum" oriri facit super bonos et malos*. Nota do tradutor para o português.
[242] Cf. Gênesis 1: 16.
[243] Oséias 6: 6.

Parece-me apropriado terminar aqui este volume já tão extenso e deixar o leitor respirar um pouco e retomar as forças para meditar sobre o tema do próximo livro.

Livro II

Capítulo 1

Para ver Deus é necessário que o coração seja puro.

Após a misericórdia, cujo estudo encerra nosso primeiro livro, vem a pureza de coração, por onde começamos o segundo livro.

Ora, a pureza do coração é, de alguma forma, aquela do olho destinado a ver Deus e que se deve manter simples, na medida em que exige a dignidade do objeto que ele pode contemplar. Mas, é difícil que nesse olho, em grande parte purificado, não haja alguma mácula proveniente das próprias coisas que acompanham costumeiramente nossas boas ações; como o louvor humano, por exemplo.

Se é pernicioso viver mal, o que é viver bem e renunciar ao louvor, se não é ser inimigo do mundo que é tão mais miserável quanto mais a vida regular lhe desagrada? Se então aqueles no meio dos quais você vive não o louvam quando você faz o bem, eles estão no erro. Se eles louvam você, você está em perigo; a menos que seu coração seja tão simples e tão puro que, no bem que você faz, você não visa os louvores humanos; que esteja mais disposto a felicitar aqueles que gostam e aprovam o bem do que a felicitar você mesmo; que você leve uma vida correta mesmo quando não o louvam; e, por fim, que você compreenda que os elogios que lhe fazem são proveitosos para aqueles que o fazem, se possuem a intenção não de louvar você por sua boa conduta,

mas a Deus, já que toda alma fiel é seu templo sacrossanto e há o desejo de realizar o que diz Davi: *Glorie-se a minha alma no Senhor; ouçam-me os humildes, e se alegrem*[244].

É próprio, portanto, daquele que tem o olho puro, fazer o bem sem visar os louvores humanos; sem ter isso em vista no bem que se faz, ou seja, jamais fazer o bem para agradar as pessoas. Com efeito, pode-se simular o bem, se seu objetivo for somente ser louvado, pois o ser humano, não podendo ler no fundo dos corações, pode fazer elogios que caem no vazio. Aqueles que agem assim, ou seja, que simulam o bem, tem um duplo coração.

Os que têm um coração simples, ou seja, puro, se elevam acima dos louvores humanos. Eles fazem o bem só buscando e visando agradar Aquele que penetra as consciências. E tudo o que sai de sua consciência pura é tão mais louvável quanto menos eles têm em vista os louvores humanos.

Capítulo 2

A necessária intenção correta.

Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu[245], diz o Senhor. Ou seja, evite praticar a justiça para ser vista pelas pessoas e para buscar aí uma satisfação. Caso

[244] Salmo 33: 3.
[245] Mateus 6: 1.

contrário, você não terá recompensa do Pai que está no céu. Não por que você foi visto pelas pessoas, mas por que fez o bem para ser visto. Com efeito, o que seria do que foi dito no começo do sermão: *Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa. Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras*. Mas não é neste ponto que o Senhor fixa o objetivo, pois ele acrescenta: *e glorifiquem vosso Pai que está nos céus*[246].

E aqui, como ele evita propor esse objetivo, ou seja, fazer o bem para ser visto pelas pessoas, após dizer *Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles*, ele não acrescenta nada. Isso prova que ele não proibiu fazer o bem diante das pessoas, mas de fazê-lo para ser visto por elas, ou seja, visando esse fim, fixando aí seu objetivo.

Capítulo 3

A exemplaridade sobre-humana de Paulo.

Com efeito, o Apóstolo nos diz: *Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo*[247]. Se bem que ele tenha dito em outro lugar: *Fazei como eu: em todas as circunstâncias procuro agradar a*

[246] Mateus 5: 16.
[247] Gálatas 1: 10.

todos[248]. Para os que não sabem compreender, há aí uma contradição; no entanto, ao dizer que não quer agradar os homens, ele quer dizer que não faz o bem para agradá-los, mas para agradar a Deus, ao amor do qual ele queria conduzir todos os homens, procurando agradá-los.

Ele tinha, portanto, razão em dizer que não agradava os homens, pois ele tinha em vista agradar a Deus. E ele não tinha menos razão em recomendar que os homens fossem agradados; não para buscar com eles uma recompensa, mas por que pouco se pode agradar a Deus sem se apresentar como modelo àqueles que se quer salvar, já que ninguém é tentado a imitar aquele que não lhe agrada.

Assim como não é irracional quando digo "Vou me esforçar para procurar um navio", quando não é um navio que procuro, mas uma pátria; assim também o Apóstolo podia dizer "Procurando agradar a todos, não é aos homens que agrado, mas a Deus, pois meu objetivo não é este, mas assim tendo a ser imitado por aqueles que quero salvar".

Da mesma forma ele disse, ao falar das doações feitas para os santos: *Não é o donativo em si que eu procuro e sim os lucros que vão aumentando a vosso crédito*[249]. Ou seja, "Ao buscar suas doações, não são suas doações que procuro, mas os frutos que resultarão delas para vocês". Isso era um indicativo do progresso que eles tinham feito nos caminhos do Senhor, já que ofereciam de bom coração o que o Apóstolo lhes pedia; não para seu prazer, mas para manter os laços da caridade.

[248] 1 Coríntios 10: 33.
[249] Filipenses 4: 17.

Capítulo 4

Devemos evitar procurar os louvores humanos.

Quanto ao que o Senhor acrescenta: *Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu*; isso prova simplesmente que devemos evitar procurar recompensas por nossas boas ações nos louvores humanos; ou seja, não imaginar que possamos encontrar aí a felicidade.

Capítulo 5

Deve-se evitar a hipocrisia.

Quando, pois, dás esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa[250].

Ou seja, não procure, como os hipócritas, se fazer notar. Ora, está claro que o hipócrita não tem no coração o sentimento que ele mostra às pessoas. Ele simula, ele representa, por assim dizer, o papel de outro, como os atores no teatro. Com efeito, aquele que representa, em uma tragédia, Agamenon, por exemplo, ou qualquer outro personagem histórico ou imaginário, não é o próprio personagem, mas ele faz parecer que é e, por isso, é chamado de ator.

[250] Mateus 6: 2.

Desta forma, quem, na Igreja ou em qualquer situação humana, quer parecer o que não é, é um ator. Ele finge ser justo, mas não o é realmente, por que tudo que espera é o louvor humano, que pode obter enganando aqueles para os quais parece ser bom e dos quais recebe os elogios.

Mas tais pessoas só recebem de Deus __ que lê os corações __ a punição devida pela enganação. Pois, como diz o Senhor, eles *já receberam sua recompensa*[251] dos seres humanos. E é com muita razão que eles ouvirão: "*Retirai-vos de mim, operários maus!*[252], pois levaram meu nome mas não praticaram minhas obras".

Assim, recebe sua recompensa quem não dá esmola para ser honrado pelos humanos; não precisamente *por que* são honrados, mas por que agiram *para* serem honrados, como expusemos acima.

Com efeito, o louvor humano não deve ser buscado por aquele que faz o bem, mas acompanhá-lo, para o benefício daqueles que podem imitar quem eles louvam e não para que aquele que eles louvam acreditem tirar algum proveito de seus elogios.

[251] Mateus 6: 2.
[252] Mateus 7: 23.

Capítulo 6

A mão direita e a mão esquerda.

Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita[253].

Se por mão esquerda entendemos aqui os infiéis, parece que não há mal em procurar agradar os fiéis; mesmo que nos seja absolutamente interditado fixar como objetivo e como retribuição às nossas boas obras, os louvores de quem quer que seja.

Sob o ponto de vista da imitação por parte daqueles que aprovarão nossa conduta, não devemos ser modelos somente para os fiéis, mas também para os infiéis, para que, com a visão de nossas boas obras, objetos de seus elogios, isso os leve a honrar Deus e a serem atraídos para a salvação.

Se por mão esquerda entendemos um inimigo __ o que seria dizer que nosso inimigo deve ignorar nossa esmola __ por que o próprio Senhor curou pessoas com tanta bondade no meio dos judeus seus inimigos? Por que o apóstolo Pedro, após ter curado por compaixão o coxo que estava na porta chamada Formosa[254], suportou o ódio de seus inimigos com relação a ele e com relação aos outros discípulos de Cristo? Por fim, se nosso inimigo deve ignorar nossa esmola, como faremos,

[253] Mateus 6: 3.
[254] Cf. Atos 3: 1-6.

com relação a ele, para cumprir este preceito: *Tem o teu inimigo fome? Dá-lhe de comer. Tem sede? Dá-lhe de beber*[255]?

Capítulo 7

Não se deve cometer fraudes para conquistar a bondade de Deus.

Há aqui uma terceira opinião, de pessoas carnais, mas tão absurda, tão ridícula, que eu não falaria dela se não soubesse que é admitida por um grande número de pessoas. Eles acham que a mão esquerda designa aqui a esposa, por que, dizem, como é a mulher que, no casal, se preocupa mais com o dinheiro, os maridos devem dar esmola escondido delas, para evitar as discussões domésticas. Como se só o marido fosse cristão e o mandamento da esmola não visasse a mulher! Qual será então a mão esquerda da qual a mulher deverá esconder suas obras de misericórdia? Será o homem a mão esquerda da mulher? Isso seria o maior dos absurdos. E se pretendermos que os esposos sejam um a mão esquerda do outro e se toda esmola dada por um contraria o outro, isso não é mais um casamento cristão.

É preciso que o esposo que queira cumprir, bem ou mal, o preceito divino da esmola, todo aquele que estiver contra ele é inimigo do mandamento do Senhor e deve ser considerado como um infiel. Pois está prescrito, em tais casos, que o marido fiel conquiste sua esposa com sua boa conduta e seus costumes e a mulher, da mesma forma, com relação ao seu marido. Por consequência, eles não devem esconder um

[255] Provérbios 25: 21.

do outro, naturalmente, suas boas obras, que devem, pelo contrário, ser para eles um tipo de estímulo recíproco, um meio de atrair para a fé cristã.

Não se deve cometer fraudes para conquistar a bondade de Deus. Mas, se for preciso ocultar algo, quando a fraqueza de ânimo do outro for incapaz de entender bem, que não se aja injusta e nem ilicitamente.

Portanto, esta interpretação da mão esquerda não se acomodaria bem ao conjunto do capítulo, que nos ensina, afinal, o que Cristo entendeu por isso.

Capítulo 8

A mão esquerda é a busca da louvação humana.

Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu[256].

Ele fala aqui da justiça em geral e depois entra nos detalhes. Com efeito, a boa obra é uma parte da justiça e é por isso que ele acrescenta imediatamente: *Quando, pois, dás esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens*[257] e isto se liga ao que ele disse antes: *Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles*. Da mesma forma, o que se segue: *Em verdade eu vos digo: já*

[256] Mateus 6: 1.
[257] Mateus 6: 2.

receberam sua recompensa se relaciona com o texto precedente: *Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu*.

E ele continuou: "Você então, quando der esmola". O que significam as palavras "Você então", se não é *diferentemente deles*? O que ele me ordena então? "Você então, quando der esmola *que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita*"[258].

Então, os hipócritas agem de maneiras a que sua mão esquerda saiba o que faz a direita. E nós, por consequência, somos proibidos de fazer o que se condena neles. Ora, o que se condena neles é agir com vistas aos louvores humanos. O sentido mais natural da expressão *mão esquerda* parece ser o prazer de ser louvado, enquanto que a mão direita significa a intenção de cumprir os preceitos divinos.

Assim, quando a busca dos louvores humanos se insinua na consciência daquele que dá esmola, isso significa a mão esquerda sabendo do que a mão direita faz. Então, *que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita*. Ou seja, que o desejo dos louvores humanos não se insinue em sua consciência, quando você procurar cumprir o preceito divino das boas obras.

[258] Mateus 6: 3.

Capítulo 9

Elogio ao anonimato da esmola.

Assim, a tua esmola se fará em segredo[259]. O que é que está no segredo, se não é a própria boa consciência, que não pode se tornar visível aos olhos humanos e nem se manifestar por palavras?

Com efeito, muitos mentem de muitas maneiras. Consequentemente, se a mão direita age no interior e em segredo, à esquerda pertence o exterior, a tudo o que é visível e temporal. Que sua esmola fique, portanto, em sua boa consciência, onde muitos a fazem com sua boa vontade, quando não têm dinheiro e nem outra coisa para dar aos pobres.

Mas muitos também fazem isso exteriormente e não internamente. Estes são aqueles que, por ambição ou por visões temporais, querem parecer misericordiosos e fazer acreditar que somente a esquerda opera.

Outros estão em um tipo de meio termo entre estes dois extremos. Eles fazem as boas obras dirigindo sua intenção para Deus, mas, no entanto, com esse objetivo excelente se mistura um desejo de louvor ou de qualquer outra coisa frágil e passageira. Mas o Senhor, que não quer que a esquerda se misture em nada com as obras da direita, proíbe bem mais energicamente que se deixe ela agir em nós, para que não apenas evitemos dar esmola unicamente por um motivo temporal, mas também para que, ao fazê-lo, nossa intenção seja dirigida de tal maneira a Deus

[259] Mateus 6: 4.

que nenhum desejo de vantagens exteriores venha se misturar ou se juntar a ela. Pois se trata de purificar o coração, que só pode ser puro se for simples. Ora, como ele poderia ser simples se serve a dois senhores[260]; se ele não purifica seus olhos com a contemplação dos bens eternos e se deixa obscurecer pelo amor às coisas mortais e frágeis?

Assim, a tua esmola se fará em segredo; e teu Pai, que vê o escondido, recompensar-te-á[261]. Com efeito, se você espera sua recompensa daquele que somente lê o que está na consciência, que o testemunho de sua consciência te baste para merecer esse prêmio.

Muitos exemplares latinos trazem: "E seu Pai, que vê no segredo, te retribuirá *perante os homens*". Mas, como a expressão *perante os homens* não é encontrada nos exemplares gregos, que são mais antigos, não acreditamos ser necessário nos ater a ela.

Capítulo 10

A condenação da oração hipócrita.

Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa[262].

Aqui também não se proíbe ser visto pelas pessoas, mas agir para ser visto por elas e é desnecessário repetir isso, já que a regra foi dada

[260] Mateus 6: 24.
[261] Mateus 6: 4.
[262] Mateus 6: 5.

de uma vez por todas; não por medo ou para evitar que as pessoas saibam o que fazemos, mas para que nada se faça com a intenção de buscar a aprovação delas como recompensa.

O Senhor mesmo emprega aqui as mesmas expressões, acrescentando, como da primeira vez: *Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa*, mostrando com isso que ele condena a recompensa que os insensatos buscam nos louvores humanos.

Capítulo 11

O elogio à oração interior.

Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á[263].

Ora, o que é este quarto, se não é o próprio coração? Como o salmista ensina, quando diz: *Refleti em vossos corações, quando estiverdes em vossos leitos e calai*[264]. E, com as portas fechadas, ora para teu Pai em segredo.

É pouco entrar em seu quarto, se a porta for deixada aberta aos importunos; se as coisas exteriores penetram e invadem nosso interior. Ora, já dissemos que o exterior são todos os objetos temporais e visíveis, que penetram nossos pensamentos através da porta __ ou seja, pelos sentidos carnais __ e perturbam nossas preces com uma multidão

[263] Mateus 6: 6.
[264] Salmo 4: 5.

de fantasias inúteis. É preciso então fechar a porta, ou seja, resistir ao sentido carnal, de sorte que nossa prece, toda espiritual, se eleve até o Pai, do fundo do coração, onde se reza ao Pai em segredo.

E teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á. É por aqui que devemos terminar, pois o Senhor não tem em vista aqui nos recomendar a rezar, mas nos ensinar como devemos rezar. Como acima, não era a esmola que ele recomendava, mas o espírito no qual se devia fazê-la, pois se trata da pureza do coração, que só se obtém fixando nossa atenção única e simplesmente na vida eterna, através do único e puro amor à sabedoria.

Capítulo 12

A oração sem palavreado.

Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos que julgam que serão ouvidos à força de palavras[265].

Da mesma forma como é próprio dos hipócritas se dar a espetáculos nas orações e só esperar o fruto da aprovação dos outros, assim também é próprio dos pagãos, ou seja, dos gentios, imaginar que, por causa das palavras eles serão ouvidos.

Com efeito, a abundância de palavras que vem dos gentios servem mais para exercitar suas línguas do que para purificar seus corações. Eles se esforçam para empregar na prece uma ridícula verborragia, com a esperança de sensibilizar Deus e com a convicção de que Deus se dei-

[265] Mateus 6: 7.

xe, como os humanos, se seduzir pelas palavras. *Não os imiteis, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçais*[266], diz o único e verdadeiro mestre.

Se, com efeito, é preciso um grande número de palavras para informar e instruir aquele que não sabe, qual é a necessidade disso para com Aquele que conhece tudo; para Quem tudo o que é falado, só por isso já se apresenta como um fato consumado; à ciência e à sabedoria de Quem, o futuro não está escondido; para Quem tudo o que é passado e tudo o que se passará estão imutavelmente presentes?

Capítulo 13

Palavras carregadas de afeto.

Mas, como ele mesmo nos ensina a rezar com palavras, embora em pequeno número, pode-se perguntar que necessidade há dessas poucas palavras para com Aquele que sabe todas as coisas antes que elas aconteçam e conhece, como ele mesmo disse, o que nos é necessário, antes que lhe peçamos?

Primeiramente respondemos que não é com palavras que devemos tratar com Deus, para obter o que desejamos, mas é com o que se passa em nossas almas, com a direção de nossos pensamentos, acompanhado pelo amor puro e o simples afeto. E também que o Senhor nos ensinou as coisas através das palavras, para que as palavras confiadas à nossa memória nos lembrem das coisas no momento da prece.

[266] Mateus 6: 8.

Capítulo 14

A oração da conversão e da generosidade.

Podemos insistir e dizer: para que serve rezar com atos ou palavras? Para que serve rezar, se Deus sabe o que nos é necessário?

Respondemos que a própria atenção à prece acalma e purifica nosso coração e o torna mais apto para receber os dons celestes que nos vêm espiritualmente. Não é por que ele deseje preces que Deus nos atende. Ele está sempre pronto para nos dar sua luz; não a luz visível, mas a luz inteligível e espiritual. Apenas nós nem sempre estamos dispostos a recebê-la, por que estamos voltados para outro lado e a cobiça das coisas temporais no enche de trevas.

A prece direciona, portanto, nosso coração rumo Àquele que está sempre pronto para nos dar, se somos capazes de receber. E, nesse movimento, o olhar interior se purifica com a exclusão dos desejos temporais, de sorte que o olho do coração simples possa suportar a luz simples que brilha do alto; sem declínio e sem mudanças. E possa suportá-la não apenas sem incômodo, mas com a alegria inefável que constitui verdadeira e realmente a felicidade.

Capítulo 15

O Pai nosso, modelo de oração de louvor e clamor.

Mas, é tempo de ver qual é a prece que nos impõe Aquele que nos ensina o que devemos pedir e a obter o que pedimos.

Diz ele: *Eis como deveis rezar: Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*[267].

Todas as vezes que se reza, precisa-se primeiro conquistar a benevolência daquele a quem se dirige e, em seguida, expor o objeto da demanda. Ora, ganha-se a benevolência daquele a quem se roga, elogiando-o e esse elogio é colocado, geralmente, no início da prece. É por isso que o Senhor nos ordena simplesmente dizer: "Pai nosso, que estais no céu".

Muitas coisas foram ditas em louvor a Deus. Todo aquele que lê as santas Escrituras, encontra em toda parte esse louvor, em formas diferentes. No entanto, não se vê ali em nenhuma parte uma ordem para o povo de Israel dizer "Pai nosso" ou de pedir para "Deus pai". Ali se tem a ideia de Deus como um senhor comandante de escravos, ou seja, de pessoas que vivem ainda sob a carne.

Eu falo do momento em que eles recebem os preceitos da Lei, com a ordem de observá-los, pois os profetas mostram frequentemente que Nosso Senhor poderia ter sido seu Pai, se eles não tivessem se afastado de seus mandamentos. Como nesta passagem, por exemplo: *Eu*

[267] Mateus 6: 9-13.

criei filhos e os eduquei; eles, porém, se revoltaram contra mim[268]. E nesta outra: *Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo*[269]. E também nesta: *Ora, se eu sou Pai, onde estão as honras que me são devidas? E se eu sou o Senhor, onde está o temor que se me deve?*[270] E um grande número de outras, onde se reprovam os judeus prevaricadores por não quererem ser filhos de Deus.

Fogem a esta regra os textos que se aplicam ao futuro povo cristão, já que haveriam de ter Deus como Pai, conforme estas palavras proféticas: *Mas a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*[271]. Por sua vez, Paulo, o apóstolo, diz: *Enquanto o herdeiro é menor, em nada difere do escravo, ainda que seja senhor de tudo*[272]. Depois, ele recorda que recebemos *o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba! Pai!*[273].

Capítulo 16

A seriedade da afirmação *Pai nosso*.

Como nosso chamado para a herança eterna, para sermos coerdeiros de Cristo e nos tornarmos filhos adotivos não é fruto de nossos méritos, mas efeito da graça de Deus, mencionamos essa graça desde o início da prece, dizendo: *Pai nosso*.

---

[268] Isaías 1: 2.
[269] Salmo 81: 6.
[270] Malaquias 1: 6.
[271] João 1: 12.
[272] Gálatas 4: 1.
[273] Romanos 8: 15.

Esta palavra estimula em todos, ao mesmo tempo, o amor __ o que há de mais caro para os filhos do que um Pai? __ e a afeição, já que dizemos *Pai nosso*; e uma certa esperança de obter o que vamos pedir, pois, antes mesmo de pedir, Deus já nos concede um favor muito grande, que é a permissão de chamá-lo *Pai nosso*. Ele pode, afinal, ignorar a prece de seus filhos, quando já lhes deu previamente a permissão de ser seus filhos?

Por fim, que cuidados as palavras *Pai nosso* não despertam no coração, para que não se mostre indigno de um Pai tão grande? Com efeito, se um senador, de idade avançada, permitisse a uma pessoa chamá-lo de pai, sem dúvida que esta, tomada de pavor, dificilmente ousaria fazê-lo, pensando na humildade de seu nascimento, em sua pobreza e sua condição baixa. Com mais forte razão ainda se deve temer chamar Deus de pai, se a alma está tão impura, se a conduta é tão culpada que elas inspiram em Deus uma repulsa muito mais justa do que a que um senador sentiria pelos trapos de um mendigo. Pois, afinal, esse rico só desdenha em um mendigo uma situação na qual ele próprio pode cair, diante da fragilidade das coisas deste mundo, enquanto que Deus jamais terá uma má conduta.

Graças, portanto, à misericórdia desse Deus que exige que o tenhamos como Pai; o que pode ser obtido sem nenhum custo e somente pelo efeito da boa vontade.

Aviso também aos ricos ou aos nobres segundo este mundo, que se tornam cristãos: que sejam sem soberba com relação aos pobres ou às pessoas de condição humilde; por que eles dizem como todos os outros: *Pai nosso*. Isso não pode ser feito com verdade e com piedade, se não se reconhece como irmãos as outras pessoas.

Capítulo 17

O pai nosso que está no céu dos santos e virtuosos.

Que o povo novo chamado à herança eterna retire então a voz do Novo Testamento e diga: *Pai nosso que estais no céu*, ou seja, nos santos e nos justos, pois Deus não está limitado pelo espaço.

Os céus são, sem dúvida, os corpos mais excelentes deste mundo, mas são corpos e só podem estar no espaço. Se imaginarmos que Deus reside ali, na parte mais alta deste mundo, teremos que dizer que os pássaros têm mais valor do que nós, pois eles vivem mais perto de Deus. Ora, não está escrito que Deus está perto das pessoas que moram em lugares altos ou nas montanhas, mas sim que *O Senhor está perto dos contritos de coração*[274] e a contrição é própria da humildade.

Como se dá ao pecador o nome de terra, quando lhe é dito "Tu és terra e à terra tornarás"[275], então, por oposição, podemos chamar de justo o céu. Com efeito, se diz dos justos: *O templo de Deus é sagrado*

[274] Salmo 33: 3.
[275] Cf. Gênesis 3: 19. *Donec revertaris in terram de qua sumptus es : quia pulvis es et in pulverem reverteris*.

e isto sois vós[276]. Portanto, se Deus habita em seu templo e se os santos são esse templo, temos razão em interpretar *Que estais no céu* por *que está nos santos*. E esta comparação é tão justa que podemos dizer que há, espiritualmente, tanta distância entre os justos e os pecadores, quanto há, materialmente, entre o céu e a terra.

Capítulo 18

Analogia entre o céu a onipresença de Deus.

É para expressar este pensamento que, quando rezamos, nos voltamos para o Oriente, o ponto de partida do céu. Não é que Deus more ali e tenha deixado as outras partes do mundo. Ele está presente em toda parte; não de uma maneira local, mas pelo poder de sua majestade. Apenas o espírito é aconselhado a se voltar para a natureza mais perfeita, ou seja, rumo a Deus, já que seu corpo, que é terrestre, se volta para o corpo mais perfeito, que é o céu.

É, com efeito, muito conveniente e mesmo muito vantajoso ao progresso da religião, que todos, pequenos e grandes, tenham de Deus justas ideias. Por isso é preciso suportar aqueles que, estando ainda cativados pelas belezas visíveis, não podem conceber nada incorpóreo e, estimando necessariamente o céu mais do que a terra, acreditam que Deus, do qual formam ainda uma ideia material, mora no céu, muito mais do que na terra. Quando um dia eles souberem que a alma é mais importante até do que o céu, eles procurarão Deus na alma e não em um

[276] I Coríntios 3: 17.

corpo celeste. Quando eles souberem a distância que separa os justos dos pecadores __ eles que não ousam, em suas ideias carnais, colocar a morada de Deus na terra, mas sim no céu __ dali por diante, mais esclarecidos em sua fé e em sua inteligência, o procurarão mais nas almas dos justos do que na dos pecadores.

É, portanto, com razão, que as palavras *Pai nosso que estais no céu*, sejam entendidas como o coração dos justos, onde Deus mora como em seu templo. É por isso também que, aquele que reza deseja ver morar nele Aquele a quem invoca e, com essa nobre ambição, ele será fiel à justiça; o que é o procedimento mais adequado para fixar Deus em uma alma.

Capítulo 19

Os significados de Santificado seja vosso nome.

Vejamos agora o que é preciso pedir. Vimos quem é aquele que é invocado e onde ele reside. Ora, o primeiro de todos os pedidos é este: *Santificado seja o vosso nome*. Isso não quer dizer que o nome de Deus não é santo, mas pede-se que ele seja visto como santo pelos seres humanos. Ou seja, que os seres humanos conheçam tanto Deus que eles não avaliem nada como mais santo do que ele e nada que seja mais temível ofender do que ele.

E por que está escrito: *Deus se fez conhecer em Judá, seu nome é grande em Israel*[277], não se pode acreditar que ele seja menor aqui e maior lá; apenas que seu nome é grande onde ele é pronunciado com o respeito devido à sua grandeza e à sua majestade. Assim, seu nome é grande onde ele é pronunciado com veneração e medo de ofendê-lo. É o que acontece agora, quando o Evangelho, ao se espalhar pelas diversas nações, faz o nome do Deus único ser respeito por intermédio de seu Filho.

Capítulo 20

Venha a nós o vosso reino, manifestado, reconhecido, final.

Segundo pedido: *Venha a nós o vosso reino*[278].

O próprio Senhor nos ensina que o dia do julgamento virá quando o Evangelho tiver sido pregado a todas as nações[279]. Isso diz respeito à santificação do nome de Deus.

As palavras: *Venha o vosso reino* não significam que Deus não reina neste momento. Mas, talvez se diga que seu sentido seja de que *ele venha para a terra*. Como se ele não reinasse sobre a terra e não tivesse reinado desde a criação do mundo. A expressão *venha o vosso reino* significa então, que ele seja manifestado aos seres humanos. Pois, da mesma forma como a luz, embora presente, não existe para os cegos e nem para os que fecham os olhos, assim também o reino de Deus,

[277] Salmo 75: 2.
[278] Mateus 6: 10.
[279] Cf. Mateus 24: 14.

embora permanente sobre a terra, está ausente para aqueles que o ignoram.

Ora, não será possível para ninguém ignorar o reino de Deus, quando seu Filho unigênito vier do céu __ de uma maneira não apenas espiritual, mas também visível e sob a forma humana __ para julgar os vivos e os mortos[280]. Após esse julgamento, ou seja, quando a separação dos bons e dos maus tiver sido feita, Deus habitará nos justos, de uma maneira tal, que eles não precisarão ser instruídos por seres humanos, mas todos, como está escrito, *serão instruídos pelo Senhor, e a felicidade deles será grande*[281].

Depois disso, a vida feliz chegará para os santos por toda a eternidade. Como os sacrossantos e bem-aventurados anjos do céu, eles serão iluminados por Deus somente e, consequentemente, sábios e felizes, serão o que o próprio Senhor prometeu aos seus: *Na ressurreição serão como os anjos de Deus no céu*[282].

Capítulo 21

Seja feita a vossa vontade.

Eis por que o pedido *Venha a nós o vosso reino* é seguido por este: *Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu*[283].

---

[280] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 8.
[281] Isaías 54: 13 e João 6: 45.
[282] Mateus 22: 30.
[283] Mateus 6: 10.

Ou seja, assim como sua vontade é feita pelos anjos que estão no céu, de tal sorte que eles se unem a vós e se regozijam em vós, sem que nenhum erro obscureça sua sabedoria, sem que nenhuma miséria perturbe sua felicidade, assim também se faça com vossos santos que estão na terra, cujos corpos são feitos de terra e que devem retornar a ela, para serem transformados e tornados dignos de habitar o céu.

Este também é o sentido desta exclamação dos anjos: *Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz aos homens, objetos da benevolência divina*[284]. Eles pedem que, precedida de nossa boa vontade, que responde ao apelo, a vontade de Deus seja cumprida perfeitamente em nós, como nos anjos do céu e que nenhuma adversidade perturbe nossa felicidade, que é a paz.

As palavras, *Seja feita a vossa vontade*, podem ser entendidas também muito bem no sentido de que se obedeçam aos mandamentos de Deus, na terra como no céu, ou seja, em um ser humano, como em um anjo. Pois, fazer a vontade de Deus é obedecer aos seus mandamentos, como o próprio Senhor disse: *Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra*[285]. E também: *Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou*[286]. E ainda: *Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Todo aquele que faz*

[284] Lucas 2: 14.
[285] João 4: 34.
[286] João 6: 38.

a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe[287].

Portanto, a vontade de Deus é certamente feita naqueles que realizam a vontade de Deus. Não por que eles fazem com que Deus queira, mas por que eles fazem o que ele quer, ou seja, agem segundo sua vontade.

Capítulo 22

Outra forma de entender *Seja feita vossa vontade*.

Há ainda outro sentido para *Seja feita vossa vontade, assim na terra como no céu*. Ou seja, nos pecadores, como nos santos e nos justos.

E isto também pode ser entendido de duas maneiras. Ou que rezemos por nossos inimigos, já que, podemos considerar de outra forma aqueles contra a vontade dos quais a fé cristã e católica se propaga? Então, as palavras, *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*, expressam o desejo de que os pecadores façam sua vontade como os justos e que eles se convertam. Ou então, *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*, significa que cada um seja tratado segundo seus méritos; o que acontecerá no juízo final, quando os justos serão recompensados e os pecadores condenados, quando então os cordeiros serão separados dos cabritos[288].

---

[287] Mateus 12: 49 e 50.
[288] Cf. Mateus 25: 33.

Capítulo 23

Céu e terra são o espírito e a carne.

Uma interpretação que não é absurda, mas que se acomoda, pelo contrário, perfeitamente à nossa fé e à nossa esperança, é entender, por céu e terra, o espírito e a carne. Quando o Apóstolo diz: *De um lado, pelo meu espírito, sou submisso à lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado*[289], vemos a vontade de Deus se cumprir no espírito, ou seja, na alma. Mas, quando *A morte for tragada pela vitória*[290] e *este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade*[291], o que acontecerá na ressurreição da carne, por ocasião da mudança prometida aos justos, segundo o ensinamento do mesmo Apóstolo, então a vontade de Deus será feita na terra como no céu. Ou seja, assim como o espírito não resistirá mais a Deus, mas lhe obedecerá e fará sua vontade; assim também o corpo não resistirá ao espírito ou à alma, que agora está coberta pela enfermidade do corpo e arrastada para os hábitos carnais.

Será então a paz perfeita na vida eterna, de sorte que, não apenas poderemos querer o bem, mas também fazê-lo. Pois agora, como diz o Apóstolo, *o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-*

[289] Romanos 7: 25.
[290] 1 Coríntios 15: 55.
[291] 1 Coríntios 15: 54.

lo[292], por que a vontade de Deus ainda não é realizada na terra como no céu, ou seja, na carne como no espírito.

No entanto, a vontade de Deus se faz em nossa miséria, quando sofremos na carne o que nos é devido, em razão da mortalidade que nossa natureza contratou pelo pecado. Mas, é preciso pedir que essa vontade seja feita na terra como no céu, ou seja, que, assim como nosso coração se compraz na lei, segundo o homem interior[293], assim, pela transformação de nosso corpo, nenhuma parte de nós mesmos coloque obstáculo a essa felicidade, por dores ou prazeres terrenos.

Capítulo 24

Seja feita a vossa vontade, na Igreja como em Cristo.

Podemos também, sem ferir a verdade, traduzir as palavras *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*[294], por estas: "Na Igreja, como em Nosso Senhor Jesus Cristo; no homem que realizou a vontade do Pai, como na mulher com quem se casou".

Com efeito, o céu e a terra podem, de alguma forma, serem considerados como esposos, já que a terra é fecundada pela influência do céu.

[292] Romanos 7: 18.
[293] Cf. Romanos 7: 22.
[294] Mateus 6: 10.

Capítulo 25

O pão nosso de cada dia.

O quarto pedido é: *O pão nosso de cada dia nos dai hoje*[295].

O pão de cada dia significa, ou tudo o que é necessário para as necessidades desta vida __ a propósito do que o Senhor acrescenta: Dai-nos hoje, conforme a ordem dada em outro lugar: *Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã*[296] __ ou o sacramento do corpo de Cristo, que recebemos todos os dias; ou o alimento espiritual, do qual o mesmo Senhor nos diz: *Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna*[297] e também: *Eu sou o pão que desceu do céu*[298].

Mas, podemos examinar qual destes três sentidos é o mais provável. Talvez possa causar estranheza que sejamos obrigados a rezar para obter o que é necessário à vida do corpo, como o alimento e as roupas, por exemplo, quando o Senhor nos diz: *Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso*[299].

Ora, talvez não se preocupar com o que se pede signifique que a atenção do espírito deve estar fixada na prece para o objeto que se pede, de uma maneira tal que é preciso relacionar ao que o Salvador disse

[295] Mateus 6: 11.
[296] Mateus 6: 34.
[297] João 6: 27.
[298] João 6: 41.
[299] Mateus 6: 31-32

com relação ao quarto, cujas portas devem ser mantidas fechadas e também a estas palavras: *Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*[300].

Evidentemente que o Senhor não disse "Buscai primeiro o reino de Deus e depois todas essas coisas", mas, *Todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*. Mas, eu não vejo como se pode dizer que alguém não busque o que pede a Deus, com a maior atenção.

Capítulo 26

A oração perfeita.

Quanto ao sacramento do corpo do Senhor, para não levantar objeção por parte dos numerosos orientais, que não participam diariamente da ceia do Senhor, mesmo que o chame de pão cotidiano; para que eles fiquem em silêncio __ repito __ e não defendam sua opinião se apoiando na autoridade eclesiástica, sob o pretexto de que fazem isso sem escândalo; para que os chefes das igrejas não se oponham a isso e que não sejam taxados de desobedientes, o que prova que, em seus países, não é o sentido que se atribui à expressão pão cotidiano, caso contrário, aqueles que não o recebem todos os dias seriam vistos como grandes culpados; para não discutir aqui, digamos ao menos que, aquele que refletir deve ver claramente que o Senhor nos deu uma forma de prece à qual não podemos, sem transgressão, acrescentar nada e nem retirar nada.

[300] Mateus 6: 33.

Assim sendo, quem ousará sustentar que só devemos recitar uma vez a oração dominical ou que, se devemos recitá-la duas ou três vezes, isso só pode acontecer até a hora em que participamos do corpo do Senhor e não ao longo do resto do dia? Pois então não poderíamos dizer "dai-nos hoje" o que nós já teríamos recebido, ou então seríamos obrigados a receber esse sacramento no fim do dia.

Capítulo 27

Os três sentidos do pão nosso de cada dia.

Só nos resta entender pão de cada dia como o alimento espiritual, a saber, os preceitos divinos, nos quais devemos meditar e cumprir todos os dias.

O próprio Senhor fez alusão a isso, ao dizer: *Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, que o Filho do Homem vos dará*[301]. Ora, esse alimento é chamado de pão de cada dia enquanto esta vida mortal se prolongar pela sucessão das noites e dos dias. Na realidade, enquanto as afecções da alma recaírem alternadamente, em cima e em baixo, ou seja, tanto nas coisas espirituais quanto nas inclinações carnais. Como um ser que é alternadamente saciado e pressionado pela fome, ela precisa de um pão cotidiano para acalmar a fome e restaurar suas forças diminuídas. Assim como nosso corpo, enquanto ainda está nesta vida, ou seja, antes da transformação, repara com o alimento as forças que gastou, da mesma forma, nossa alma, ao

[301] João 6: 27.

sofrer um desgaste, por causa das afecções temporais que a afastam de Deus, precisa se refazer com o alimento dos mandamentos.

Ora, diz-se "Dai-nos hoje" enquanto se pode dizer "hoje", ou seja, durante esta vida mortal. Depois desta vida, o alimento espiritual nos saciará, da mesma forma, pela eternidade, quando então, não se poderá mais dizer "de cada dia", visto que lá, a mobilidade do tempo, que faz suceder os dias e permite dizer "de cada dia", não existirá.

É preciso entender as palavras "Dai-nos hoje" como as palavras do salmo: *Oxalá ouvísseis hoje a sua voz*[302], que, na interpretação do Apóstolo, em sua epístola aos Hebreus, significam: *Durante todo o tempo compreendido na palavra hoje*[303].

Portanto, quem quiser entender esse pedido do alimento necessário ao corpo, ou do sacramento do corpo do Senhor, precisará admitir ao mesmo tempo os três sentidos. Ou seja: que pedimos ao mesmo tempo nosso pão de cada dia, necessário ao nosso corpo, o sacramento visível e o sacramento invisível do Verbo de Deus.

Capítulo 28

A remissão ampla e generosa.

Em seguida vem o quinto pedido: *Perdoai-nos as nossas dívidas*[304], *assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam*[305].

---

[302] Salmo 94: 7.
[303] Hebreus 3: 13.
[304] Na Vulgata, a palavra utilizada é *debita*, dívida: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris*. (Nota do tradutor para o português).

Está claro que as dívidas aqui significam os pecados. Vemos assim por que o próprio Senhor disse: *Dali não sairás antes de teres pago o último centavo*[306]. E também por que ele chama de devedores aqueles que morreram sob as ruínas da torre[307] e aqueles que Pilatos misturou o sangue com o do sacrifício. Ele diz que eles são mais devedores, ou seja, pecadores, do que todos os outros e acrescenta: *Se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo*[308].

Não se trata aqui de perdoar uma dívida em dinheiro, mas das ofensas que o outro cometeu contra nós. O mandamento de perdoar uma dívida pecuniária estaria mais ligado ao que foi dito antes: *Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa*[309]. E também não é a qualquer devedor pecuniário que se perdoa a dívida, mas somente àquele que não quer pagá-la, a ponto de questionar na justiça, pois o Apóstolo diz: *Não convém a um servo do Senhor altercar*[310]. É preciso então perdoar uma dívida pecuniária àquele que não quer pagá-la, nem voluntariamente e nem na justiça.

Com efeito, ele se recusa a pagar por dois motivos: ele não tem com o que pagar ou é avaro e ávido pelos bens alheios. Tanto num caso como no outro, trata-se de pobreza; no primeiro, pobreza de bens e no segundo, pobreza de espírito. Desta forma, perdoar um devedor assim é

---

[305] Mateus 6: 12.
[306] Mateus 5: 26.
[307] Cf. Lucas 13: 4.
[308] Cf. Lucas 13: 1-3.
[309] Mateus 5: 40.
[310] 2 Timóteo 2: 24.

perdoar um pobre; é fazer uma obra cristã, de acordo com a regra que nos manda estar preparado para perdoar o que nos devem.

Mas, se forem empregados todos os meios de moderação e mansidão para receber o devido, não tanto pelo bem, mas para corrigir uma pessoa que, tendo com o que pagar e não paga, não apenas não se peca, como também se presta um grande favor a essa pessoa. Pois se impede essa pessoa de perder a fé, ao procurar se apropriar de um bem alheio, o que é uma perda imensamente maior.

Disso podemos concluir que, nas palavras "Perdoai nossas dívidas", não se trata precisamente de dinheiro, mas de todas as ofensas que se pode cometer com relação a nós, inclusive em matéria pecuniária.

Com efeito, nos ofendem quando podem nos reembolsar o dinheiro que nos devem e não o fazem. E, se nos recusamos a perdoar essa ofensa, não podemos dizer: "Perdoai nossas ofensas, assim como nós perdoamos". Se, pelo contrário, perdoamos, é por que compreendemos que essa prece impõe o dever de perdoar as ofensas, inclusive em matéria pecuniária.

Capítulo 29

A correspondência entre o perdão divino e o fraterno.

Poder-se-ia, sem dúvida, acrescentar ainda que, quando dizemos "Perdoai nossas ofensas, assim como nós perdoamos", estamos convictos de que violamos esta regra, quando nos recusamos a perdoar quem

nos pede perdão e, ao mesmo tempo, nós mesmos pedimos perdão a um Pai cheio de bondade.

Mas o mandamento que nos impõe a obrigação de rezar por nossos inimigos[311] não se aplica àqueles que nos pedem perdão, pois, por este fato, eles já não são nossos inimigos.

Ora, é impossível dizer que se reze por aqueles a quem não se perdoa. É preciso então convir que é necessário perdoar todas as ofensas cometidas contra nós, se queremos que nosso Pai nos perdoe aquelas que cometemos contra ele.

Quanto à vingança, eu creio que já falamos o suficiente dela[312].

Capítulo 30

Tentação e não indução.

Eis o sexto pedido: *Não nos deixeis cair em tentação*. Alguns exemplares dizem: "Não nos *induzas* em tentação", o que tem o mesmo sentido, já que são traduções do grego *einenegkes*.

Muitos dizem, ao recitar a prece: "Não permita que sejamos induzidos em tentação", para explicar melhor o sentido da palavra *induzir*. Deus, propriamente, não induz ninguém em tentação, mas ele deixa cair nela quem ele retirou a ajuda, por um desígnio secreto e por punição. Frequentemente mesmo é por causas manifestas que Deus julga a pessoa digna desse abandono e a deixa cair em tentação.

[311] Cf. Mateus 5: 44.
[312] Livro I, cap. 19 e 20.

Mas, uma coisa é ser induzido à tentação e outra é ser tentado. Sem tentação ninguém pode ser testado; nem por ele mesmo, segundo o que está escrito: *Que sabe aquele que não foi tentado?*[313]; e nem pelos outros, segundo as palavras do Apóstolo: *Fui para vós uma provação, por causa do meu corpo. Mas nem por isto me desprezastes nem rejeitastes*[314]. São Paulo soube que os gálatas eram firmes por que as tribulações pela quais ele passou, segundo a carne, não extinguiram neles a caridade. Mas Deus, que sabe todas as coisas antes que elas aconteçam, nos conhece mesmo antes das tentações.

Capítulo 31

O autoconhecimento que vem da provação.

Quanto às palavras *O Senhor, vosso Deus, vos põe à prova para ver se o amais de todo o vosso coração e de toda a vossa alma*[315], é preciso interpretar *para ver* no sentido de *para fazer você ver*. É assim que dizemos um dia feliz, para um dia que nos faz feliz; um frio preguiçoso, para um dia que nos faz preguiçosos; e muitas outras locuções deste tipo, introduzidas pelo costume ou empregadas na linguagem dos doutores ou mesmo usadas nas santas Escrituras.

É o que não compreendem os heréticos inimigos do Antigo Testamento, quando afirmam que as palavras *O Senhor, vosso Deus, vos põe à prova* devem ser atribuídas à ignorância. Como se o Evangelho

[313] Eclesiástico 34: 9 e 11.
[314] Gálatas 4: 14
[315] Deuteronômio 13: 3.

não nos falasse do próprio Senhor: *Falava assim para o experimentar, pois bem sabia o que havia de fazer*[316]. Com efeito, se o Senhor conhecia o coração daquele que ele testava, o que ele queria ao testá-lo? Evidentemente que era para que aquele que ele testava se conhecesse e condenasse sua própria desconfiança, ao ver a multidão saciada por um pão miraculoso; ele que havia imaginado não haver nada para comer.

Capítulo 32

Tentados sim, caídos não.

Não se pede aqui, no entanto, não ser tentado, mas não sucumbir à tentação. É quase como uma pessoa que, devendo sofrer a prova do fogo, pedisse, não que o fogo não a tocasse, mas que não fosse consumida por ele. Com efeito, *A fornalha experimenta as jarras do oleiro; a prova do infortúnio, os homens justos*[317]. José foi tentado pelo adultério, mas não sucumbiu[318]. Suzana foi tentada, mas não induzida e nem arrastada para a tentação[319].

E assim muitos outros personagens de ambos os sexos e, sobretudo, Jó. Os heréticos inimigos do Antigo Testamento, procurando transformar em zombaria a fidelidade desse justo ao Senhor seu Deus, insistem particularmente neste ponto: que Satã pediu permissão para tentá-

[316] João 6: 6.
[317] Eclesiástico 27: 6.
[318] Cf. Gênesis 39: 7-12.
[319] Cf. Daniel 13: 19-24

lo[320]. Eles perguntam aos ignorantes __ a pessoas que são incapazes de tais conhecimentos __ como Satã pôde falar com Deus. Eles não veem __ e não podem, tamanha é a superstição e o espírito de contestação que os cega __ que Deus não é um corpo que ocupa um lugar no espaço, de maneiras a estar aqui e não ali, a ter uma parte dele mesmo aqui e outra acolá; mas que está presente em toda parte, através de sua majestade, sem divisão em partes e perfeito em todos os lugares.

Se eles tomam no sentido material o que é dito: *O céu é meu trono e a terra meu escabelo*[321], passagem que o próprio Senhor confirma, ao dizer: *Não jureis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés*[322], o que há de espantoso que o demônio, estando sobre a terra, se encontre aos pés de Deus e fale com ele?[323]

Quando eles poderão entender que não há uma só alma, por mais perversa que seja, mas ainda capaz de raciocínio, que não possa ouvir a voz de Deus em sua consciência? Pois, quem escreveu a lei natural no coração humano, se não foi Deus? É dessa lei que o Apóstolo fala: *Os pagãos, que não têm a lei, fazendo naturalmente as coisas que são da lei, embora não tenham a lei, a si mesmos servem de lei; eles mostram que o objeto da lei está gravado nos seus corações, dando-lhes testemunho à sua consciência, bem como os seus raciocínios, com os quais*

[320] Jó 1: 11.
[321] Isaías 66: 1.
[322] Mateus 5: 34 e 35.
[323] Cf. Jó 1: 7.

se acusam ou se escusam mutuamente. Isso aparecerá claramente no dia em que, segundo o meu Evangelho, Deus julgar as ações secretas dos homens, por Jesus Cristo[324].

Se, quando uma alma racional, mesmo cega pela paixão, pensa e raciocina, não se pode atribuir o que há de verdadeiro em seu raciocínio a ela mesma, mas à luz da verdade, que a esclarece, ainda que fracamente e em proporção com sua capacidade, é de se espantar que a alma perversa do demônio, embora desgarrada pela paixão, tenha aprendido com a voz de Deus, ou seja, com a voz da própria verdade, tudo o que ela pensava de verdadeiro sobre esse homem justo, no momento em que ela queria tentá-lo?[325] Mas, o que havia de falso em seu julgamento deve ser imputado à própria paixão que o fez receber o nome de diabo, caluniador.

Por fim, costumeiramente é através da criatura corporal e visível que Deus fala aos bons e aos maus, sendo o senhor e o administrador de todas as coisas[326] e as regulando em justas proporções. Da mesma forma como ele também se serviu dos anjos que apareceram com a aparência de pessoas[327] e dos profetas que tiveram o cuidado de dizer: *Eis o que diz o Senhor Deus*[328]. Como então, mais uma vez, se espantar se

[324] Romanos 2: 14-16.
[325] Cf. Jó 1: 8.
[326] Cf. Esther 15: 5.
[327] Gênesis 18: 2.
[328] Isaías 42: 5.

nos dizem que Deus falou ao demônio; não através da voz da consciência, mas por meio de alguma criatura apropriada para esse objetivo?

Capítulo 33

Satã pede para tentar e Jesus pede para fortalecer.

E que não se imagine que isso foi um ato de deferência da parte de Deus para com o demônio ou uma recompensa devida aos méritos deste a quem Deus falou. Deus falou a uma substância angélica, embora insensata e cúpida, como falaria a uma alma humana cúpida e insensata. Que nossos adversários digam como ele falou ao rico cuja estúpida avareza ele queria censurar, ao dizer: *Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajuntaste, de quem serão?*[329].

É certo que o Senhor disse isso no Evangelho, ao qual é preciso que esses heréticos se submetam, por bem ou por mal. Se eles ficam chocados em ver que Satã pede a Deus permissão para tentar um justo, eu não me dou ao trabalho de explicar o fato, mas me reservo o direito de declarar o que o próprio Senhor disse no Evangelho aos seus discípulos: *Eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo*[330]. E, em seguida, a Pedro: *Mas eu roguei por ti, para que a tua confiança não desfaleça*[331]. Ao explicarem isso, eles encontrarão a solução que procuram. Se não podem dar conta disso, que não tenham a temeridade de censurar em um livro o que admitem sem dificuldade no Evangelho.

[329] Lucas 12: 20.
[330] Lucas 22: 31.
[331] Lucas 22: 32.

Capítulo 34

Deus não permite a tentação além de nossas forças.

Satã, portanto, tenta, não em virtude de seu próprio poder, mas com a permissão de Deus, que quer, ou punir as pessoas por causa de seus pecados ou testá-las e exercitá-las com vistas à misericórdia.

É muito importante também distinguir a natureza da tentação. Aquela em que Judas vendeu o Senhor não é a mesma em que Pedro sucumbiu, por timidez e renegou seu Mestre.

Há também, eu acho, tentações humanas em que, por exemplo, alguém, movido por boas intenções, fracassa em algum projeto ou se irrita com um irmão no desejo de corrigi-lo, mas, um pouco além dos limites prescritos pela paciência dos cristãos.

É dessas que o Apóstolo diz: *Não vos sobreveio tentação alguma que ultrapassasse as forças humanas. Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*[332]. Com isto, ele nos mostra bem que não devemos pedir para ficarmos isentos de tentações, mas somente para não sucumbirmos a elas. Ora, sucumbiríamos se elas fossem de uma natureza insuperável. Mas, como essas tentações perigosas, onde a queda é funesta, têm sua origem na prosperidade ou na adversidade temporal, aquele que não é seduzido pelos encantos da prosperidade, não é abatido pelo golpe da adversidade.

[332] 1 Coríntios 10: 13.

Capítulo 35

Sétimo e último pedido: Mas livrai-nos de todo mal.

É preciso pedir não apenas para sermos preservados do mal que não temos __ o que foi objeto do sexto pedido __ mas também sermos libertados daquele em que já caímos. Feito isso, não se terá mais nada a temer e nem que temer nenhuma tentação.

Mas não podemos esperar que seja sempre assim, enquanto estivermos nesta vida, enquanto sofrermos da condição mortal, onde a armadilha da serpente nos colocou. No entanto, devemos contar que isso acontecerá um dia e esta é a esperança que não se vê, segundo a linguagem do Apóstolo: *Ver o objeto da esperança já não é esperança; porque o que alguém vê, como é que ainda o espera?*[333].

No entanto, os fiéis servidores de Deus não devem se desesperar para obter a sabedoria que se consegue nesta vida e que consiste em evitar, com uma vigilância assídua, tudo o que sabemos, pela revelação de Deus, que se deve evitar e abraçar, com todo o ardor da caridade, o que deve ser objeto de nossa ambição, de acordo com a mesma revelação.

Desta forma, quando a morte tiver retirado do ser humano o peso da mortalidade, ele gozará __ a seu tempo e sem reserva __ da felicidade perfeita iniciada nesta vida e a cuja posse tendem, às vezes, deste este mundo, toda nossa resolução e todos os nossos esforços.

[333] Romanos 8: 24.

Capítulo 36

Os três primeiros pedidos são temporais e eternos.

Mas é preciso estudar e estabelecer cuidadosamente a diferença entre esses sete pedidos.

Pois, como nossa vida atual se escoa no tempo e nós esperamos uma eterna e as coisas eternas levam vantagem em dignidade e para consegui-las temos que passar pelas coisas do tempo, o objeto dos três primeiros pedidos sobreviverá durante toda a eternidade, embora eles tenham seu início nesta vida passageira.

Já a santificação do nome de Deus começou com o humilde advento do Senhor e o advento de seu reino, quando ele descerá ao seio da glória, acontecerá não segundo o tempo, mas no fim dos tempos.

A realização de sua vontade, assim na terra como no céu __ entendendo céu e terra como os justos e os pecadores, ou o espírito e a carne, ou Cristo e a Igreja, ou tudo isso ao mesmo tempo __ se completará com a perfeição de nossa felicidade e, consequentemente, com o fim dos tempos.

Com efeito, a santificação do nome de Deus será eterna, seu reino não terá fim e nos é prometida uma vida eterna no seio da perfeita felicidade. Portanto, estes três objetos subsistirão, perfeitos e reunidos, na vida que nos é prometida.

Capítulo 37

A temporalidade dos quatro últimos pedidos.

Quanto aos quatro últimos pedidos, eles me parecem pertencer à vida no tempo.

O primeiro é: *O pão nosso de cada dia, nos dai hoje*. Somente pelo fato de que se diz *pão de cada dia* __ seja isso um alimento espiritual ou a subsistência material __ isso diz respeito ao tempo, que o Senhor chama de hoje. Não que o alimento espiritual não seja eterno, mas, o que é chamado aqui de cada dia, é dado à alma pelas Escrituras, pela palavra ou por qualquer outro sinal sensível. Todas essas coisas não existirão quando formos todos instruídos por Deus[334] e participarmos __ não pelo movimento do corpo, mas pelo puro intelecto __ da inefável luz da verdade, retirada da fonte.

Talvez seja empregada aqui a palavra pão e não bebida, por que o pão pode ser partido, mascado e assimilado como alimento, da mesma forma como as Escrituras são abertas e meditadas para alimentar a alma, enquanto que a bebida, preparada previamente, passa pelo corpo conservando sua natureza. Portanto, que a verdade seja aqui embaixo o pão chamado de cada dia, mas que na outra vida ela seja apenas uma bebida, retirada da verdade pura e visível, sem discussão penosa, sem o ruído das palavras, sem que seja preciso parti-la e mascá-la.

[334] Isaías 54: 13 e João 6: 45.

É aqui embaixo que nossas ofensas são perdoadas e aqui perdoamos aquelas que nos são feitas; o que é o objeto do segundo pedido. No outro mundo não há mais perdão a ser pedido, pois não há mais ofensas.

As tentações atormentam também esta vida passageira, mas não existirão mais, quando estas palavras se realizarem: *Sob a proteção de vossa face os defendeis contra as conspirações dos homens*[335].

Por fim, o mal que pedimos para ser livres e essa própria libertação também pertencem a esta vida, que a divina justiça tornou mortal por causa de nosso pecado e que a divina misericórdia nos liberta.

Capítulo 38

Correspondência entre os sete pedidos e os sete dons do Espírito Santo.

O número sete, que encontramos nestes pedidos, parece também concordar com o número sete por onde começou todo este sermão.

Se, com efeito, é o temor a Deus que torna felizes os pobres de espírito, por que o reino dos céus é para eles, pedimos que o nome de Deus seja santificado nos seres humanos, pelo casto temor que subsiste nos séculos dos séculos[336].

Se é a piedade que torna felizes aqueles que têm o coração manso, por que eles possuirão a terra como herança, pedimos que o reino de Deus chegue; seja em nós mesmos, para que nos tornemos mansos e

[335] Salmo 30: 21.
[336] Cf. Salmo 18: 10.

não resistamos à sua voz, seja no céu e na terra, pelo glorioso advento do Senhor. Então, nos regozijaremos e nos felicitaremos, quando ele disser: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[337]. E como o profeta diz: *Glorie-se a minha alma no Senhor; ouçam-me os humildes e se alegrem*[338].

Se é a ciência que torna felizes aqueles que choram, por que eles serão consolados, peçamos que a vontade de Deus se faça sobre a terra, como no céu, por que, uma vez que o corpo seja submetido ao espírito, como a terra ao céu, em uma paz plena e perfeita, não choraremos mais, pois única razão pela qual choramos aqui embaixo é o combate interior que nos força dizer: *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[339]. E depois, para expressar essa tristeza lamentável: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*[340]

Se é a força que torna felizes aqueles que têm fome de justiça, por que eles serão saciados, roguemos para que nos seja dado hoje nosso pão de cada dia, que nos sustenta e nos fortifica para conseguirmos a perfeita saciedade.

---

[337] Mateus 25: 34.
[338] Salmo 33: 3.
[339] Romanos 7: 23.
[340] Romanos 7: 24.

Se é o conselho que torna felizes os misericordiosos, por que eles obterão misericórdia, perdoemos todas as faltas de quem nos têm ofendido e roguemos para que as nossas nos sejam perdoadas.

Se é o entendimento que torna felizes aqueles que têm o coração puro, por que eles verão a Deus, roguemos para não sermos induzidos em tentação e termos o coração dividido, buscando os bens temporais e terrenos, ao invés de buscar o bem simples e de reportar a ele todas as nossas ações. Com efeito, que as tentações provenientes do que parece penoso e desastroso aos humanos, tenham força sobre nós como tem as coisas que seduzem e que são consideradas pelas pessoas como boas e felizes.

Se é a sabedoria que torna felizes os pacíficos, por que eles serão chamados de filhos de Deus, roguemos para sejamos livres do mal, pois é essa libertação que nos tornará livres, ou seja, filhos de Deus, de sorte que clamamos, para o espírito de adoção: *Abba, Pai!*[341]

Capítulo 39

A prevalência do perdão na oração do Pai Nosso.

É preciso observar sobretudo nessas sete frases de oração que o Senhor nos impõe, que há uma delas que ele julgou atrair mais nossa atenção; é aquela sobre o perdão dos pecados, pela qual ele quer nos fazer misericórdia e que é o único meio de escapar de nossos males.

[341] Romanos 8: 16 e Gálatas 4: 6.

Com efeito, os outros pedidos não contém, como este, um tipo de pacto com Deus, pois nós lhe dizemos: "Perdoe-nos como nós perdoamos". Se não observamos a condição, toda a prece é inútil. E a prova disso é que o próprio Senhor nos diz: *Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará*[342].

Capítulo 40

A purificação do coração pelo jejum escondido.

Depois vem o preceito do jejum, que se relaciona com a pureza do coração que é tratada agora. É preciso se manter sempre em guarda contra toda ostentação, contra a ambição do louvor humano que torna o coração dividido e lhe tira a pureza e a simplicidade necessárias para compreender Deus.

Assim, é dito*: Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas, que mostram um semblante abatido para manifestar aos homens que jejuam. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa. Quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto. Assim, não parecerá aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está presente ao oculto; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á*[343].

[342] Mateus 6: 14 e 15.
[343] Mateus 6: 16-18.

Está claro que essas recomendações tendem a dirigir toda nossa atenção para as alegrias interiores, a nos impedir de sermos guiados pelo mundo profano, buscando nossa recompensa externamente e perdermos a felicidade prometida. Felicidade que é tão mais sólida, tão mais firme quanto mais ela é íntima e em virtude da qual Deus nos escolheu para estarmos em conformidade com a imagem de seu Filho[344].

Capítulo 41

O perigo da ostentação arrogante até no desalinho.

É preciso observar sobretudo, neste ponto, que a ostentação pode estar não apenas no brilho e na pompa exterior, mas também sob vestimentas esfarrapadas e sob a aparência do luto. Ela é mesmo tão mais perigosa quanto mais ela toma a aparência de piedade com relação a Deus para enganar melhor.

Aquele que demonstra uma preocupação exagerada com seu corpo, com o luxo das roupas e com os objetos materiais, é, por este fato, facilmente convencido a ser partidário das coisas mundanas. Essa pessoa não engana ninguém com uma aparência mentirosa de santidade.

Mas, aquele que professa o cristianismo e que atrai sobre si os olhares das pessoas com uma negligência e um desalinho extraordinários, voluntariamente e sem necessidade, mostra, com o resto de sua conduta, se faz isso por um verdadeiro desprezo pelas coisas supérfluas da vida ou é por alguma secreta ambição. Pois, ao nos ordenar que desconfie-

[344] Cf. Romanos 8: 29.

mos dos lobos em pele de cordeiro, o Senhor nos diz: *Pelos seus frutos os conhecereis*[345].

Com efeito, quando algumas provações retirarem suas peles ou privá-los do que eles obtiveram ou esperam obter com suas hipocrisias exteriores, ver-se-á se havia ali um lobo sob a pele de uma ovelha ou uma ovelha com sua pele.

Também não é preciso que um cristão chame a atenção das pessoas com seus ornamentos supérfluos, sob o pretexto de que os hipócritas exibem exteriores humildes e se contentam com o estritamente necessário para enganar olhos pouco atentos. A ovelha não deve retirar sua pele por que o lobo algumas vezes usa uma.

Capítulo 42

Limpeza e alegria interior e exterior no jejum.

Pergunta-se muito o que significam estas palavras: *Quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto. Assim, não parecerá aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está presente ao oculto; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á*[346].

Seria um erro nos prescreverem perfumar nossa cabeça quando jejuamos, mesmo que tenhamos o hábito de lavar o rosto todos os dias. Se todos concordam que isso seria uma coisa fora de propósito, devemos

[345] Mateus 7: 16.
[346] Mateus 6: 17 e 18.

aplicar ao ser humano interior essa ordem de perfumar a cabeça e lavar o rosto.

Perfumar a cabeça indica alegria; lavar o rosto, denota limpeza. Consequentemente, alegrar-se interiormente pelo espírito e pela razão é o que significa perfumar a cabeça.

Podemos, com efeito, dar o nome de cabeça à faculdade principal da alma. Aquela que controla e domina visivelmente o ser humano. Ora, isso é o que faz aquele que não procura a glória exterior; que não coloca uma complacência carnal nos louvores humanos, pois a carne, que deve ser dominada, não é, de forma alguma, a cabeça da natureza humana.

Sem dúvida que ninguém jamais odiou sua própria carne, como diz o Apóstolo, ao falar do amor devido pelo homem à sua mulher[347]. Mas, *senhor de todo homem é Cristo, senhor da mulher é o homem*[348]. Assim, que aquele que quer perfumar sua cabeça segundo a ordem dada, que se alegre interiormente em seu jejum, se afastando dos prazeres mundanos para se submeter a Cristo. Desta maneira ele lavará seu rosto, ou seja, purificará seu coração, para ver Deus. Afastando o véu[349] produzido pela enfermidade surgida com a sujeira do pecado, ele será firme e sólido, por que será puro e simples. *Lavai-vos, purificai-vos. Tirai vossas más ações de diante de meus olhos*[350], diz o profeta.

---

[347] Cf. Efésios 5: 25-33.
[348] 1 Coríntios 11: 3.
[349] Cf. 2 Coríntios 3: 13-18
[350] Isaías 1: 16.

Devemos, portanto, purificar nosso rosto das sujeiras que ferem as vistas de Deus, pois, contemplando a face descoberta da glória do Senhor, seremos transformados nessa mesma imagem[351].

Capítulo 43

O amor proveniente da pureza de coração, da boa consciência e da fé autêntica.

Muitas vezes também o cuidado com as necessidades da vida fere e mancha nosso olho interior. Muitas vezes isso torna nosso coração hipócrita, de maneiras que parecemos fazer o bem não mais por que Deus assim o exige, ou seja, pelo espírito de caridade, mas motivado pela intenção de obter alguma coisa útil às necessidades da vida presente. Ora, é a salvação eterna e não uma vantagem própria e temporal que devemos ter em vista no bem que fazemos. Que Deus incline, portanto, nosso *coração às vossas ordens e não para a avareza*[352].

Esta recomendação só visa a estabelecer a caridade, nascida de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera[353]. Ora, aquele que presta um serviço a um irmão para prover sua próprias necessidades não age, evidentemente, por caridade. Não é no interesse daquele que ele deve amar como a ele mesmo que ele age. E isso nem mesmo lhe traz algum proveito, pois, ele faz isso com um coração hipó-

[351] Cf. 2 Coríntios 3: 18.
[352] Salmo 118: 36.
[353] 1 Timóteo 1: 5.

crita que o impede de ver Deus e ver Deus é, no entanto, a única felicidade certa e durável.

Capítulo 44

Entesourar no céu.

É, portanto, com razão que, Aquele que insiste tanto na purificação de nosso coração insiste em dar suas ordens, dizendo: *Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem e os ladrões não furtam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração*[354].

Portanto, se o coração está na terra, ou seja, se agimos com o objetivo de adquirir bens terrenos, esse coração não pode ser puro, já que ele chafurda na lama. Mas, se ele está no céu, ele é puro, por que tudo o que é puro está no céu. Tudo o que se mistura com algo de natureza inferior, mesmo que esse algo não seja impuro em seu próprio gênero, se torna impuro. É assim que o ouro se macula quando se mistura com a prata pura. Da mesma forma, nossa alma se suja com a cobiça pelas coisas terrenas, mesmo que a terra não seja suja em sua espécie e no nível que ela ocupa.

Aqui, por céu não entendemos o céu material e a terra significa tudo o que é físico. Pois é o mundo inteiro que deve desprezar aquele

[354] Mateus 6: 19-21.

que junta tesouros no céu. Devemos, portanto, colocar nosso tesouro e nosso coração no céu, do qual é dito: *O céu é o céu do Senhor*[355], ou seja, o firmamento espiritual. Não no firmamento que passará, mas naquele que sobreviverá para sempre. Ora, *o céu e a terra passarão*[356].

Capítulo 45

A luz dos olhos é o símbolo da intencionalidade.

O Senhor mostra que todos esses mandamentos se relacionam com a pureza do coração, quando diz: *O olho é a luz do corpo. Se teu olho é são, todo o teu corpo será iluminado. Se teu olho estiver em mau estado, todo o teu corpo estará nas trevas. Se a luz que está em ti são trevas, quão espessas deverão ser as trevas!*[357]

É preciso entender esta passagem neste sentido: estejamos bem convictos de que nossas ações são puras e agradáveis aos olhos do Senhor, quando elas são feitas com um coração simples, ou seja, com uma intenção sobrenatural e final de caridade, pois *a caridade é o pleno cumprimento da lei*[358].

O olho significa aqui a própria intenção que dirige todas as nossas ações. Se ela é pura e correta, se ela tem em vista o que é preciso ter em vista, tudo o que faremos com ela é necessariamente bom. E são essas obras, em seu conjunto, que o Senhor chama de o corpo; da mesma

[355] Salmo 115 do texto hebraico: 24 (16)
[356] Mateus 24: 35.
[357] Mateus 6: 22 e 23.
[358] Romanos 13: 11.

forma como o Apóstolo chama de nossos membros certas ações que ele desaprova e que ele ordena mortificar, dizendo: *Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a cobiça, que é uma idolatria*[359].

Capítulo 46

A intenção ilumina a ação.

Não é, portanto, a ação, mas o motivo da ação que é preciso levar em conta. E esta é a luz que está em nós, por que é isso que nos revela que agimos com uma boa intenção, já que, tudo o que é manifesto é luz[360].

Mas, enquanto nossos atos se relacionarem com a sociedade humana, seu resultado é incerto e o Senhor também chama isso de trevas. Com efeito, quando eu dou uma esmola a um pobre que me pede, eu não sei o que ele fará com ela e o que resultará disso para ele. Pode ser que ele abuse disso e faça alguma coisa de ruim que eu não gostaria e que estava longe da minha intenção quando eu realizei o ato. Se, portanto, eu agi com boa intenção e com consciência dessa boa intenção, isto é o que se chama de luz. Qualquer que seja o resultado disso, minha ação é iluminada. A incerteza e a ignorância que eu tenho do resultado da minha ação são as trevas.

[359] Colossenses 3: 5.
[360] Cf. Efésios 5: 13.

Se eu agi com má intenção, a própria luz se torna treva. Com efeito, há luz por que cada um sabe com qual espírito age, mesmo quando se age com um mau espírito. Mas a luz se torna treva por que a intenção não é simples e nem dirigida para o alto, mas, voltada para baixo, ela cria um tipo de obscuridade por causa da hipocrisia do coração.

Se a luz que está em ti são trevas, quão espessas deverão ser as trevas![361] Ou seja, se a própria intenção do coração, que move suas ações e que você conhece está doentia e cega pela cobiça pelas coisas terrenas e passageiras, o quanto será a própria ação __ cujo resultado é incerto __ impura e tenebrosa?

E mesmo quando o que você fez com uma intenção que não era pura e nem correta beneficia alguém, não é esse benefício, mas o próprio motivo de sua ação que lhe será imputado.

Capítulo 47

A dualidade intencional antitética condenável.

Quanto às palavras seguintes: *Ninguém pode servir a dois senhores*[362], também devem ser relacionadas com a intenção. O próprio Senhor as explica, dizendo: *Porque ou odiará a um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro*.

É preciso meditar cuidadosamente sobre esta passagem. O próprio Senhor indica quais são esses dois senhores, ao dizer: *Não podeis servir*

[361] Mateus 6: 23.
[362] Mateus 6: 24.

a Deus e a Mammon. Na língua hebraica *mammon* significa riqueza. Ora, servir Mammon é ser escravo daquele cuja perversidade o colocou à frente das coisas terrestres e que o Senhor chama de príncipe deste mundo[363]. Portanto, ou se odiará um e amará o outro, ou seja, Deus; ou *dedicar-se-á a um e desprezará o outro*.

Com efeito, quem é escravo das riquezas, se prende a um senhor duro e nefasto, pois, preso pela cupidez, ele está submetido ao demônio. Mas, ele não o ama, pois, quem pode amar o demônio? No entanto, ele o suporta. Como em um grande palácio, em que, aquele que está unido a uma serva alheia, sofre, por causa de sua paixão, uma rude escravidão, mesmo que não ame aquele cuja serva ama.

Capítulo 48

A misericórdia e a severidade no mesmo senhor.

E desprezará o outro. O Senhor não disse *odiará*, pois talvez ninguém possa seriamente odiar Deus[364]. Mas ele o despreza, ou seja, não o teme, como se ele estivesse seguro de sua bondade.

O Espírito Santo procura nos tirar dessa negligência e dessa segurança fatal, quando nos diz: *Não acrescentes pecado sobre pecado. Não digas: "A misericórdia do Senhor é grande, ele terá piedade da multidão dos meus pecados"; pois piedade e cólera são nele igualmente rá-*

[363] Cf. João 12: 31 e 14: 30.
[364] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 8.

pidas e o seu furor visa aos pecadores[365]. E também: *Desprezas as riquezas da sua bondade, tolerância e longanimidade, desconhecendo que a bondade de Deus te convida ao arrependimento?*[366]

Quem você encontrará tão misericordioso, se não é Aquele que perdoa todos os pecados daqueles que se arrependem e que dá a fertilidade da oliveira ao enxerto selvagem?

E quem você encontrará tão severo, se não é Aquele que não poupa os ramos naturais e os quebra por causa de sua infidelidade?[367]

Portanto, que aquele que quer amar Deus e evitar ofendê-lo, não imagine que pode servir a dois senhores, mas que purifique sua intenção e garanta que seu coração não tenha duplicidade. Desta forma, Deus será amado em sua bondade e procurado com a simplicidade do coração[368].

Capítulo 49

A confiança na providência, sem falsidades.

Portanto, eis que vos digo: não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes?[369]

Isto é dito, talvez, por medo de que, sem procurar o supérfluo, o coração fique dividido na busca do necessário; que nossa intenção não

[365] Eclesiástico 5: 5-7.
[366] Romanos 2: 4.
[367] Cf. Romanos 11: 17-22.
[368] Cf. Sabedoria 1: 1.
[369] Mateus 6: 25.

se volte para nossos próprios interesses, quando parecemos fazer uma obra de misericórdia para nosso próximo; ou seja, com medo de que, mesmo querendo fazer um bem ao próximo, não tenhamos mais nossas próprias vantagens em vista; e depois, não nos consideremos inocentes, por que não procuramos o supérfluo, mas o simples e o necessário.

O Senhor quer que nos lembremos de que, ao nos criar e dotar de uma alma e um corpo, Deus nos deu muito mais do que o alimento e as roupas e ele não quer que o cuidado com essas necessidades torne nosso coração dividido. *A vida não é mais do que o alimento?*, ele pergunta, para nos fazer entender que Aquele que nos deu a vida, nos dará muito mais facilmente ainda o alimento. *E o corpo não é mais que as vestes?* Ou seja, é mais do que isso. Isto é dito igualmente para nos fazer compreender que Aquele que nos deu nosso corpo, nos dará mais facilmente ainda o que vestir.

Capítulo 50

Alma significa aqui a vida neste mundo.

Aqui se pergunta qual é a relação do alimento com a alma, já que uma é incorpórea e o outro material. Mas a alma tem o sentido aqui de vida e é o alimento material que mantém a vida. É neste sentido que é dito: *Quem ama a sua alma, perdê-la-á; mas quem odeia a sua alma neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna*[370]. Se alma não signifi-

[370] João 12: 25. *Qui amat animam suam, perdet eam ; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam.*

casse esta vida presente, que é preciso perder para adquirir o reino de Deus __ como, evidentemente, os mártires fizeram __ haveria contradição com esta outra passagem: *Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder a sua alma?*[371]

Capítulo 51

É preciso confiar na Providência divina.

Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas?[372] Ou seja, valemos mais.

Com efeito, um animal dotado de razão, como o ser humano, está colocado acima, na ordem da natureza, do que os animais privados da razão, como são os pássaros.

Qual de vós, por mais que se esforce, pode acrescentar um só côvado ao seu tamanho?[373] Ou seja, Aquele que, com seu poder e sua vontade, fez seu corpo crescer até o tamanho[374] que tem, saberá também, com os cuidados de sua Providência, lhe propiciar roupas. Ora, é compreensível que nosso tamanho não é obra nossa e, por isso, apesar de todas as nossas preocupações e desejos, não poderemos acrescentar

[371] Mateus 16: 26. *Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ?*
[372] Mateus 6: 26.
[373] Mateus 6: 27. *Quis autem vestrum cogitans potest adjicere ad* ***staturam*** *suam cubitum unum ?*
[374] Na Vulgata a palavra usada é *staturam*, estatura. Côvado era uma unidade de medida antiga baseada no comprimento do antebraço, da ponta do dedo médio até o cotovelo. (Nota do tradutor para o português).

um só côvado a ele. Deixemos então, o cuidado de vestir nosso corpo Àquele que lhe deu seu tamanho.

Capítulo 52

Coisas de ordem inferior representam coisas de ordem superior.

Seria preciso dar um exemplo para as roupas, como foi dado para a alimentação. Assim, o Senhor acrescenta: *E por que vos inquietais com as vestes? Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão no auge de sua glória não se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva dos campos, que hoje cresce e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé?*[375]

Não temos que discutir esses exemplos como alegorias e nem procurar o que significam aqui os pássaros do céu e os lírios dos campos, pois nos são propostos simplesmente objetos de natureza inferior para nos fazer entender coisas de ordem mais elevadas. Como foi feito em outro lugar com a comparação do juiz[376] que não temia Deus e só tinha olhares para os humanos e, no entanto, cedeu à insistência da viúva; não por sentimento de piedade ou humanidade, mas para se livrar de sua importunação. Esse juiz não representa Deus de forma alguma, nem mesmo alegoricamente, mas o Senhor quis nos fazer compreender o quanto Deus, que é bom e justo, cuida daqueles que rezam para ele, já

[375] Mateus 6: 28-30.
[376] Lucas 18: 2-8.

que nem mesmo um homem injusto pode afastar quem o cansa com suas reclamações; nem que seja para se livrar do aborrecimento de ouvi-los.

Capítulo 53

O reino de Deus é nosso bem e nosso fim.

Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo[377].

O Senhor nos mostra aqui muito claramente que não se deve buscar esses bens, de maneiras a tê-los em vista em nossas boas ações, mesmo que, no entanto, eles sejam necessários.

Ele nos mostra também o bem que é preciso buscar e o necessário que se deve receber, quando nos diz: *Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*. O Reino de Deus e sua justiça; eis então nosso bem, o que devemos buscar, onde devemos colocar nosso fim último, o objetivo em vistas do qual é preciso fazer tudo o que fazemos. Mas, como lutamos nesta vida para poder chegar a esse reino e coisas nos são indispensáveis para viver, o Senhor acrescenta: *todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*.

[377] Mateus 6: 31-33.

Mas busquemos primeiramente o Reino de Deus e sua justiça. Ao dizer, *em primeiro lugar*, ele indica que o resto está em segundo lugar, não com relação ao tempo, mas com relação à importância. Um deve ser buscado como nosso bem próprio e o outro como uma necessidade. Mas este com vistas àquele.

Capítulo 54

Comer para evangelizar e não evangelizar para comer.

Assim, por exemplo, não devemos evangelizar para comer, mas comer para evangelizar. Evangelizar para comer seria colocar o Evangelho abaixo dos alimentos. Estes seriam o nosso bem e aquele o nosso necessário.

É isto o que o Apóstolo proíbe, ao dizer que ele tem o direito de usar a permissão concedida pelo Senhor, àqueles que anunciam o Evangelho, de viver do Evangelho __ ou seja, de tirar dessa atividade __ o necessário à vida; mas que ele não abusou desse poder[378].

Havia então muitas pessoas que se aproveitavam da ocasião para comprar e vender o Evangelho. Para suprimir esse abuso, o Apóstolo provia seu alimento com suas próprias mãos[379]. É deles que se fala em outro lugar: *Para cortar pela raiz todo pretexto àqueles que procuram algum pretexto*[380].

[378] Cf. 1 Coríntios 9: 12-14.
[379] Atos 20: 34.
[380] 2 Coríntios 11: 12.

Assim, como os verdadeiros Apóstolos, ele viveu do Evangelho segundo a permissão do Senhor e o alimento não foi para ele o objetivo da pregação, mas a pregação lhe foi o objetivo da alimentação. Ou seja, ele não evangelizou para ganhar seu alimento e os outros bens necessários à vida, mas usou estes para evangelizar; por amor e não por necessidade.

Não é isso o que ele quis dizer, quando falou: *Não sabeis que os ministros do culto vivem do culto e que os que servem ao altar participam do altar? Assim também ordenou o Senhor que os que anunciam o Evangelho vivam do Evangelho. Mas não tenho usado de nenhum desses direitos*[381]. Ele mostrou assim que isso é uma permissão e não uma ordem. Caso contrário, ele seria culpado de desobedecer a lei do Senhor.

Então, ele continua: *Não escrevo isto para reclamá-los. Preferiria morrer*. *Mas ninguém me tirará este título de glória*. Ele disse isso por que já tinha resolvido ganhar a vida por conta própria, por causa *daqueles que procuram algum pretexto*.

E continua: *Anunciar o Evangelho não é glória para mim*, ou seja, se eu evangelizasse por mim, ou melhor, se eu evangelizasse para obter essas coisas, eu teria colocado o objetivo da pregação na comida, na bebida e nas roupas.

[381] 1 Coríntios 9: 13-15.

Mas, por que a glória não é para ele? *É uma obrigação que se me impõe*, ele responde. Ou seja, se ele evangelizasse por que não tinha do que viver ou para retirar algum proveito temporal da pregação das coisas eternas, ele não estaria pregando voluntariamente o Evangelho, mas por necessidade. Mas, *Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!*, ele acrescenta.

Mas, como ele deve evangelizar? Procurando sua recompensa no próprio Evangelho e no reino de Deus. Desta maneira, não será mais por necessidade, mas de boa vontade que ele irá evangelizar. *Se o fizesse de minha iniciativa, mereceria recompensa. Se o faço independentemente de minha vontade, é uma missão que me foi imposta*[382]. Ou seja, se prego o Evangelho por que sou forçado para obter meu sustento, outros se beneficiarão disso, atendo-se ao Evangelho que eu prego. Eu mesmo, não me beneficiarei em nada, por que não amo o Evangelho propriamente, mas as vantagens temporais que consigo da pregação.

É um crime não anunciar o Evangelho como um filho, mas como um escravo que distribui o que lhe foi confiado; como um bem estranho, sem tirar disso nada além dos alimentos que não têm nada em comum com o reino de Deus, mas que são puramente exteriores e destinados a prolongar uma miserável escravidão.

[382] 1 Coríntios 9: 17.

Considerando que esse mesmo Apóstolo tenha chamado a si mesmo de administrador[383], então, um servidor elevado à dignidade de filho adotivo pode perfeitamente distribuir aos seus semelhantes o que recebeu na qualidade de coerdeiro. Então, ao dizer: *Se o faço independentemente de minha vontade, é uma missão que me foi imposta*, o Apóstolo está falando dessa espécie de administrador que se contenta em distribuir o bem de outro, sem retirar nada para si mesmo.

Capítulo 55

Meios temporais orientados para os fins intemporais.

Então, todo objeto buscado com vistas a um outro objeto é, incontestavelmente inferior a este. Por consequência, a superioridade pertence ao objeto que se tem em vista e não aquele pelo qual se procura atingir o objetivo. Portanto, se buscamos o Evangelho e o reino de Deus, com vistas à alimentação, damos a esta a preeminência sobre aqueles, de sorte que, se o alimento não nos fizesse falta, deixaríamos de lado o reino de Deus. Isto é buscar primeiramente o alimento e em seguida o reino de Deus; ou seja, dar àquele a prioridade sobre este. Se, pelo contrário, buscamos nosso alimento somente com vistas à obter o reino de Deus, cumprimos o preceito: *Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*[384].

[383] Cf. 1 Coríntios 4: 1.
[384] Mateus 6: 33.

Capítulo 56

Primazia ao reino de Deus e sua Justiça.

Com efeito, quando buscamos primeiramente o reino de Deus e sua justiça, ou seja, quando nós os colocamos acima de todo o resto, a ponto de só buscar em todo o resto um meio de obtê-los, então não devemos temer faltar o que é necessário a esta vida, para conseguir o reino de Deus. Pois, acima o Senhor disse: *Vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso*[385].

Também, após ter dito: *Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça*, ele não acrescentou, "buscai em seguida estas coisas, já que elas são necessárias", mas ele disse: *e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*. Ou seja, "virão até vocês, sem que precisem se preocupar. Contanto que, ao buscá-las, vocês não se desviem do objetivo; que se proponham dois fins. Primeiramente o reino de Deus, por ele mesmo e depois essas coisas necessárias, mas que busquem estas com vistas àquele e, neste caso, elas não lhe faltarão.

A razão disso é que não se pode servir a dois senhores. Ora, é servir a dois senhores procurar o reino de Deus, como um grande bem, depois das coisas temporais. Não se pode ter um olho simples e nem servir Deus como único mestre, se não se relaciona todo o resto, mesmo o necessário, com esse único objetivo, ou seja, o reino de Deus.

[385] Mateus 6: 32.

Assim como todo soldado recebe uma ração e um soldo, assim também todos aqueles que evangelizam recebem comida e roupa. Com a diferença de que os soldados não lutam para a salvação da República; eles só o fazem com vistas ao seu salário. Da mesma forma, nem todos os ministros de Deus se propõem a salvar a Igreja. Há os que só buscam as vantagens temporais, como sua ração e seu soldo e há outros que se propõem as duas coisas. Mas, foi dito acima: *Ninguém pode servir a dois senhores*[386].

Devemos, portanto, fazer o bem a todos com um coração simples, somente tendo em vista o reino de Deus e não para nos propiciar vantagens temporais; seja exclusivamente, seja conjuntamente com o reino de Deus. Vantagens que o Senhor reúne sob a expressão dia de amanhã, quando ele nos diz: *Não vos preocupeis com o dia de amanhã*[387]. Pois esta expressão só tem aplicação no tempo, onde o futuro sucede ao passado. Por consequência, quando fazemos algum bem, não pensemos nas coisas do tempo, mas nas da eternidade e assim a obra será boa e perfeita.

O dia de amanhã terá as suas preocupações próprias, continua o Senhor. Ou seja, tome seu alimento, sua bebida, sua roupa, quando precisar, quando a necessidade se fizer sentir. Pois tudo será encontrado, já que nosso Pai sabe do que necessitamos.

---

[386] Mateus 6: 24.
[387] Mateus 6: 34.

A cada dia basta o seu cuidado, diz o Senhor. Ou seja, já basta a necessidade que nos força a usar as coisas do mundo. Quanto à palavra *cuidado*, eu penso que ela foi escolhida para nos indicar que é uma punição para nós, já que ele é o resultado da fragilidade e da mortalidade a que somos sujeitos por causa do pecado[388]. Não agravemos, portanto, o peso desse castigo. Isso acontece quando, ao invés de simplesmente nos contentarmos em sofrer as necessidades temporais, buscamos no serviço de Deus os meios de satisfazê-las.

Capítulo 57

Não julguemos o provedor servo de Deus.

Devemos tomar muito cuidado ao acusar de desobediência ao divino preceito e de preocupação com o dia de amanhã a um servidor de Deus que vemos atento em prover as coisas necessárias, seja para ele mesmo ou para aqueles cujo cuidado lhe foi confiado. Pois o próprio Senhor, servido por anjos[389], dignou-se __ como uma forma de exemplo e para que ninguém se escandalizasse em ver um dos seus servidores se prover das coisas necessárias __ em ter uma bolsa com dinheiro, para prover as necessidades da vida. Bolsa esta que Judas, o traidor, foi guardião e ladrão uma vez, como está escrito[390].

O próprio Apóstolo Paulo também poderia passar por preocupado com o dia de amanhã, quando escreveu: *Quanto à coleta em benefício*

[388] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 9.
[389] Cf. Mateus 4: 11.
[390] Cf. João 12: 6.

dos santos, segui também vós as diretrizes que eu tracei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que tiver podido poupar, para que não esperem a minha chegada para fazer as coletas. Quando chegar, enviarei, com uma carta, os que tiverdes escolhido para levar a Jerusalém a vossa oferta. Se valer a pena que eu também vá, irão comigo. Irei ter convosco, depois que tiver passado pela Macedônia; apenas passarei por lá. Talvez fique convosco ou até passe todo o inverno, para que me leveis aonde eu tenho de ir. Desta vez, quero vos ver não somente de passagem, mas espero demorar-me algum tempo convosco, se o Senhor o permitir. Ficarei em Éfeso até Pentecostes[391].

Lemos também nos Atos dos Apóstolos que eles estavam se provendo de víveres, com a espera de uma fome próxima. *Por aqueles dias desceram alguns profetas de Jerusalém a Antioquia. Um deles, chamado Ágabo, levantou-se e deu a entender pelo Espírito que haveria uma grande fome em toda a terra. Esta, com efeito, veio no reinado de Cláudio. Os discípulos resolveram, cada um conforme as suas posses, enviar socorro aos irmãos da Judeia. Assim o fizeram e o enviaram aos anciãos por intermédio de Barnabé e Saulo*[392].

Ora, quando Saulo se põe ao mar, as provisões que lhe oferecem parecem ser muito além do necessário para um só dia[393].

---

[391] 1 Coríntios 16: 1-8.
[392] Atos 11: 27-30.
[393] Cf. Atos 28: 10.

Quanto a esta passagem de uma de suas cartas: *Quem era ladrão não torne a roubar, antes trabalhe seriamente por realizar o bem com as suas próprias mãos, para ter com que socorrer os necessitados*[394], quem não as compreende bem pode ver aí uma contradição com o preceito do Senhor: *Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros*[395] e também: *Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam*[396], já que o Apóstolo prescreve que se trabalhe com as próprias mãos para dar aos necessitados. Também é o caso quando, falando dele mesmo, ele diz que trabalhou com suas próprias mãos para não ser um encargo para ninguém[397]. O mesmo quando ele escreve dizendo que havia se juntado a Áquila, para trabalhar com ele e ganhar a vida[398]. Em todas estas passagens não parece que ele tenha imitado os pássaros do céu e nem os lírios dos campos.

Mas, em todas estas passagens das Escrituras e muitas outras do mesmo gênero, vemos bem que o Senhor não desaprova aquele que provê seus recursos através de meios humanos. Ele somente desaprova o ministro de Deus que trabalha com vistas a obter vantagens temporais e não ao Reino de Deus.

---

[394] Efésios 4: 28.
[395] Mateus 6: 26.
[396] Mateus 6: 28.
[397] Cf. 1 Tessalonicenses 2: 9 e 2 Tessalonicenses 3: 8.
[398] Cf. Atos 18: 2 e 3.

Capítulo 58

Também se admite o aprovisionamento necessário para o serviço do reino.

Portanto, todo o mandamento se reduz a esta regra: "Que se pense no Reino de Deus, mesmo quando se busca as coisas materiais e que não se pense nas coisas materiais quando se combate para o Reino de Deus". Com isso, mesmo quando esses recursos nos faltarem __ o que Deus permite frequentemente para nos exercitar __ não apenas nossa resolução não seja abalada, mas que seja provada e firmada. Pois, diz o Apóstolo: *Gloriamos-nos até das tribulações. Pois sabemos que a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade e a fidelidade, comprovada, produz a esperança. E a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[399].

E dos sofrimentos que ele passa em revista, Paulo não menciona somente as prisões, os naufrágios e as outras provas deste gênero, mas também a fome e a sede, o frio e a nudez[400].

Não pensemos, no entanto, ao ler isso, que o Senhor tenha faltado com suas promessas, por que, ao buscar o Reino de Deus e sua justiça, o Apóstolo sofreu a fome, a sede e a nudez, mesmo que nos tenha sido dito: *Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas*

[399] Romanos 5: 3-5.
[400] Cf. 2 Coríntios 11: 23-27.

estas coisas vos serão dadas em acréscimo[401]. O médico a quem fomos confiados sem reserva, de quem recebemos as promessas da vida presente e da vida futura, sabe quando deve, em nosso interesse, nos conceder e nos tirar esses recursos. Ele que nos governa e nos dirige nesta vida, através das consolações e das provas, para nos estabelecer solidamente em seguida no repouso eterno. O próprio ser humano, ao retirar o alimento algumas vezes de seu animal de carga, não o está maltratando, mas agindo para lhe restabelecer a saúde.

Capítulo 59

Interpretação liberal e positiva das intenções interiores.

E como, tanto para prover esses recursos para o futuro ou ao reservá-los, se não for o caso de utilizá-los no momento, pode-se agir com intenções diferentes __ com um coração simples ou com um coração duplo __ o Senhor tem razão em acrescentar: *Não julgueis, e não sereis julgados. Porque do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida com que tiverdes medido, também vós sereis medidos*[402].

Aqui, eu penso, o Senhor nos ordena simplesmente interpretar em boa parte os atos cuja intenção é duvidosa, da maneira mais positiva possível. Com efeito, quando ele diz: *Pelos seus frutos os conhece-*

[401] Mateus 6: 33.
[402] Mateus 7: 1 e 2.

reis[403], ele fala das ações cujo objetivo é manifesto e que não podem proceder de um bom princípio; como, por exemplo, os crimes contra o pudor, as blasfêmias, os roubos, a embriaguês e outros do mesmo gênero, que nos são permitidos julgar, no dizer do Apóstolo: *Pois que tenho eu de julgar os que estão fora? Não são os de dentro que deveis julgar?*[404]

Mas, quanto à natureza dos alimentos, como se pode, com uma intenção correta, um coração simples e alheio a toda concupiscência, utilizar indiferentemente de qualquer alimento próprio ao ser humano, o mesmo Apóstolo não quis que aqueles que comiam carne e bebiam vinho fossem julgados por aqueles que se abstinham desses alimentos. *Quem come de tudo não despreze aquele que não come. Quem não come não julgue aquele que come, porque Deus o acolhe do mesmo modo*[405], ele disse. E acrescenta: *Quem és tu, para julgares o servo de outros? Que esteja firme, ou caia, isto é lá com o seu senhor*[406].

Os romanos gostavam, com efeito, sendo apenas humanos, de julgar ações que podiam proceder de uma intenção correta, simples, elevada, como também de um mau princípio e pronunciar uma sentença contra os segredos do coração, cujo julgamento está reservado para Deus.

[403] Mateus 7: 20.
[404] 1 Coríntios 5: 12.
[405] Romanos 14: 3.
[406] Romanos 14: 4.

Capítulo 60

O juízo humano das ações manifestas e a inibição sobre as intenções ocultas.

Também relacionado a este tema está o que disse o Apóstolo em outro lugar: *Não julgueis antes do tempo; esperai que venha o Senhor. Ele porá às claras o que se acha escondido nas trevas. Ele manifestará as intenções dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que merece*[407].

Há, portanto, certas ações indiferentes, cujo motivo nos é desconhecido, que podem proceder de um bom ou de um mau princípio e que é temerário julgar e, sobretudo, condenar. Ora, virá um tempo em que elas serão julgadas, quando o Senhor colocará às claras o que está escondido nas trevas e manifestará os pensamentos secretos dos corações.

O mesmo Apóstolo diz ainda em outro lugar: *Os pecados dos homens às vezes são conhecidos já antes de levados a juízo; outras vezes o serão depois*[408]. Por pecados conhecidos entendem-se os atos cuja intenção é evidente. Estes precedem aqueles que serão conhecidos no julgamento; ou seja, o julgamento deles não é temerário.

Depois vem as ações secretas, mas que serão conhecidas a seu tempo. Isso se aplica também às boas obras, pois o Apóstolo acrescenta:

---

[407] 1 Coríntios 4: 5.
[408] 1 Timóteo 5: 24.

Da mesma forma, as boas obras: ou já são manifestas ou não poderão permanecer ocultas[409].

Julguemos então o que é manifesto e deixemos que Deus julgue o que está oculto, por que aquilo que está escondido, seja bom ou mau, não poderá permanecer assim quando vier o dia das manifestações.

Capítulo 61

Prevenção sobre juízos temerários.

Ora, o julgamento temerário deve ser evitado em dois casos: quando se ignora o motivo de uma ação e quando não se sabe o que vai acontecer com aquele que age, pareça ele bom ou mau.

Por exemplo, uma pessoa se queixa do estômago e deixa de jejuar. Você não acredita no que ela diz e a acusa de gula; isso é um julgamento temerário. Ou então, sua gula e sua embriagues são manifestas, mas, ao censurá-la, você a considera como incorrigível; isso também é um julgamento temerário.

Não condenemos, portanto, os atos cujo motivo ignoramos e, quando eles são claramente maus, não nos desesperemos com o doente. Com isso, evitaremos o julgamento do que é dito: *Não julgueis e não sereis julgados*[410].

---

[409] 1 Timóteo 5: 25.
[410] Mateus 7: 1.

Capítulo 61

A temeridade prejudica o temerário.

Pode-se espantar com estas palavras: *Do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida com que tiverdes medido, também vós sereis medidos*[411].

O quê!? Se julgamos temerariamente, Deus nos julgará também temerariamente? Ou se medimos com uma medida injusta, Deus também usará uma medida injusta para nos medir? Sem dúvida que aqui medida significa julgamento.

Não! Deus jamais julga temerariamente e não usa uma medida injusta para com ninguém. Essa linguagem quer dizer que a temeridade com a qual você julga o próximo é, necessariamente, matéria de punição para você. A menos que se imagine que a injustiça prejudique aquele a quem ela se dirige e não àquele de quem ela procede; o que acontece, geralmente, é bem o contrário. Geralmente ela não faz mal ao primeiro e necessariamente prejudica o segundo.

Que mal causou aos mártires a injustiça de seus perseguidores? E ela fez muito mal aos próprios perseguidores. Mesmo que alguns deles tenham se convertido, no entanto, sua malícia os cegou quando eram perseguidores.

Da mesma forma, o julgamento temerário não prejudica comumente aquele sobre quem ele recai, mas é inevitável que ele prejudique

[411] Mateus 7: 2.

aquele que o faz. Foi, eu acho, obedecendo a essa regra que foi dito: *Todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão*[412].

Quantos são os que usam da espada e não perecem pela espada, como o próprio Pedro? Mas que não se pense que foi por causa da remissão de seus pecados que o apóstolo escapou dessa punição. Primeiramente, não seria considerar como mais terrível a morte pela espada, que Pedro não sofreu, do que a morte pela cruz, que lhe aconteceu?

Então, o que se dirá dos ladrões crucificados com o Senhor[413], em que um mereceu seu perdão, após ter sido crucificado, enquanto que o outro não o mereceu? Esses dois ladrões tinham crucificado todos aqueles que eles mataram e mereceram por isso sofrer esse suplício? Seria ridículo pensar assim.

O que significam então estas palavras: *Todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão*, se não é que qualquer pecado provoca a morte da alma?

Capítulo 63

O ódio é a ira inveterada que não procura correção.

Tudo o que o Senhor diz aqui tem por objetivo nos manter em guarda contra o julgamento temerário e injusto, por que ele quer que em todas as nossas ações tenhamos um coração simples e somente Deus em vista, por que, sendo desconhecido o motivo de muitas ações, é temerá-

[412] Mateus 26: 52.
[413] Cf. Lucas 23: 33-43.

rio julgar e aqueles que se deixam levar mais facilmente pelo julgamento e pela censura são aqueles que mais amam criticar e condenar do que melhorar e corrigir, o que é uma falta típica do orgulho e da inveja.

Por todas essas razões, o Senhor acrescenta: *Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu?*[414]

Por exemplo: uma pessoa pecou pela cólera e você pecou pelo ódio. Pois bem! Há tanta distância entre a cólera e o ódio quanto entre uma palha e uma trave. O ódio é uma cólera inveterada que tomou uma dimensão tal com o tempo, que se tem razão em chamá-la de trave. Pode acontecer de, mesmo se encolerizando contra alguém, você deseja corrigi-lo. Mas isso não é possível com o ódio.

Capítulo 64

A bondade e a benevolência são aptas para corrigir os vícios.

Como ousas dizer a teu irmão: Deixa-me tirar a palha do teu olho, quando tens uma trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave de teu olho e assim verás para tirar a palha do olho do teu irmão[415].

Ou seja, expulse primeiro o ódio de seu coração e depois poderá corrigir quem você ama. É com razão que é dito *hipócrita*, pois, acusar os vícios é próprio dos justos e benevolentes. Quando fazem isso, os maus usurpam um papel que não lhes pertence. Como os atores que

[414] Mateus 7: 3.
[415] Mateus 7: 4 e 5.

escondem com uma máscara o que são e representam um personagem que não são.

Sob a palavra hipócrita deve-se entender aqui as pessoas dissimuladas. É uma vingança funesta e contra a qual é preciso se manter atento. Eles se arvoram, por ódio ou inveja, em acusadores de todos os vícios e querem se passar por sábios conselheiros.

Devemos, portanto, quando a necessidade nos obriga a repreender ou a censurar alguém, agir com bondade e prudência e nos perguntar seriamente se esse vício é daqueles que nunca tivemos ou do qual estamos curados. Se for assim, lembremos que somos humanos e que poderíamos tê-lo e se nós o tivemos, sejamos indulgentes para com uma fraqueza comum, para que nossa censura ou nossas reprovações não sejam inspiradas pelo ódio, mas pela compaixão. De maneiras que, o culpado se beneficiando de nossos conselhos ou se tornando pior, já que o resultado é incerto, estejamos pelo menos certos de que nosso olho permaneceu simples.

Mas, se ao refletirmos, descobrimos em nós o defeito que nos dispomos a censurar, evitemos reprovar e repreender. Somente lamentemos com o culpado e o convidemos, não à ceder às nossas ponderações, mas a se curar conosco.

Capítulo 65

Paulo, modelo de adaptação sem simulação.

Para os judeus fiz-me judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da lei, fiz-me como se eu estivesse debaixo da lei, embora o não esteja, a fim de ganhar aqueles que estão debaixo da lei. Para os que não têm lei, fiz-me como se eu não tivesse lei, ainda que eu não esteja isento da lei de Deus - porquanto estou sob a lei de Cristo -, a fim de ganhar os que não têm lei. Fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos[416].

Quando o Apóstolo disse isso, não foi por dissimulação __ como alguns afirmaram, quando quiseram justificar sua detestável hipocrisia invocando a autoridade de um modelo tão formidável __ mas por caridade. Ele se apropriava, por assim dizer, da enfermidade daquele que ele queria libertar. Ele tinha primeiro se prevenido, dizendo: *Embora livre de sujeição de qualquer pessoa, eu me fiz servo de todos para ganhar o maior número possível*[417]. E, para nos mostrar que não agia por dissimulação, mas em virtude da caridade que nos faz compadecer de pessoas fracas como nós, ele nos disse, em outro lugar: *Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não abuseis, porém, da liberdade como pretexto para prazeres carnais. Pelo contrário, fazei-vos servos uns dos outros pela caridade*[418]. Ora, isso só pode acontecer se olharmos como

[416] 1 Coríntios 9: 20-22.
[417] 1 Coríntios 9: 19.
[418] Gálatas 5: 13.

nossa a enfermidade do próximo e se a suportarmos com paciência, até que aquele que se quer salvar esteja curado.

Capítulo 66

Prudência na correção e parcimônia nos castigos.

Portanto, é apenas raramente e em caso de muita necessidade que se deve reprovar. E quando se fizer isso, é preciso que não seja em interesse próprio, mas tendo em vista o serviço de Deus, pois Deus é o fim último. Por consequência, não façamos nada com um coração hipócrita e retiremos primeiro de nosso olho a trave do ciúme, da malícia, da dissimulação, antes de pensar em retirar a palha do olho de nosso irmão. Desta forma, veremos essa palha com os olhos da pomba, com os olhos que se louva na Esposa de Cristo[419]. A gloriosa Igreja que Deus escolheu e que não tem mácula e nem ruga[420], ou seja, que é pura e simples.

Capítulo 67

Prudência na apresentação da verdade, com atenção ao receptáculo.

Mas, como alguns, mesmo desejosos de obedecer aos mandamentos de Deus, poderiam ser enganados pela palavra simplicidade e pensar que é culpável esconder algumas vezes a verdade __ como é mentir algumas vezes __ de sorte que, revelando coisas àqueles a quem se dirigem, coisas que eles não podem suportar, isso seria mais nocivo do que

[419] Cf. Cânticos 4: 1.
[420] Cf. Efésios 5: 27.

se essas coisas permanecessem em um eterno silêncio; para evitar, eu digo, esse inconveniente, o Senhor teve um grande cuidado em acrescentar: *Não lanceis aos cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as calquem com os seus pés, e, voltando-se contra vós, vos despedacem*[421].

O próprio Senhor, embora jamais tenha mentido, nos mostrou, no entanto, que escondia algumas verdades, quando disse: *Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora*[422].

Também o Apóstolo Paulo: *A vós, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas como a carnais, como a criancinhas em Cristo. Eu vos dei leite a beber e não alimento sólido que ainda não podíeis suportar. Nem ainda agora o podeis, porque ainda sois carnais*[423].

Capítulo 68

O significado de cães, porcos, coisas santas e pérolas.

Mas, com relação à proibição de dar coisas santas aos cães e jogar pérolas aos porcos, devemos examinar cuidadosamente o que se entende por coisas santas, por pérolas, por cães e por porcos.

Uma coisa santa é o que não se pode violar e manchar sem cometer um crime. E esse crime é imputado somente com a tentativa, somen-

[421] Mateus 7: 6.
[422] João 16: 12.
[423] 1 Coríntios 3: 1 e 2.

te com a vontade, mesmo que a coisa propriamente permaneça inviolada e incorrupta.

As pérolas são todos os bens espirituais, que se deve ter em alta estima. Como elas estão escondidas, são tiradas, de alguma forma, do fundo do abismo e encontradas ao se quebrar o invólucro alegórico que lhes serve, por assim dizer, de concha.

É razoável pensar que *coisa santa* e *pérola* são aqui uma coisa só. Santa por que não se deve manchá-la e pérola por que não se deve desprezá-la. Ora, tenta-se corromper o que não se quer deixar em sua integridade e despreza-se o que se considera como vil, como abaixo de nós, que é digno de ser esmagado com nossos pés.

Assim, como os cães se lançam para dilacerar e não deixam inteiro o que dilaceram, o Senhor diz: "Não forneça as coisas santas aos cães. Por que, embora a verdade não possa ser dilacerada e nem corrompida, que ela permaneça inteira e inviolada. É preciso então ver a intenção daqueles que resistem a ela, como inimigos encarniçados e que se esforçam ao máximo para aniquilá-la. Quanto aos porcos, mesmo que eles não mordam como os cães, eles sujam, no entanto, ao esfregar com seus pés. Não jogue, portanto, suas pérolas aos porcos, para que eles não as sujem com seus pés e, voltando-se para vocês, vos dilacerem".

Podemos assim, sem ferir o sentido, aplicar a palavra cães àqueles que atacam a verdade e a de porcos àqueles que a desprezam.

Capítulo 69

Ocultar a verdade não é falsidade.

Voltando-se contra vós, vos despedacem. Despedacem você e não as pérolas.

Com efeito, aos esmagar com os pés __ mesmo quando eles se voltam para ouvir alguma coisa __ eles dilaceram aquele que lhes jogou as pérolas que eles esmagaram com os pés. Seria difícil encontrar um meio de agradar quem esmaga pérolas com os pés, ou seja, que despreza verdades divinas descobertas com grande dificuldade. Eu não vejo mesmo como se pode instruir pessoas assim, sem indignação e sem desgosto.

Tanto o cão quanto o porco são animais imundos. É preciso, portanto, tomar cuidado para não revelar nada àquele que não compreende. É melhor que ele procure o que está oculto do que se aborrecer ou desdenhar do que lhe é revelado. Não se vê por qual outra razão eles repelem verdades evidentes e de grande importância, se não for por ódio e por desprezo. O ódio os fez receber o título de cães e o desprezo o de porcos.

No entanto, toda impureza, seja ela qual for, deve sua origem ao apego às coisas temporais, ou seja, ao amor pelas coisas deste mundo. O mundo ao qual somos ordenados a renunciar para sermos puros.

Portanto, quem deseja ter o coração puro e simples não deve se considerar culpado por esconder alguma coisa, se aquele de quem se

esconde não está em condições de compreender. Mas, não se pode concluir disso que é permitido mentir, pois esconder a verdade não é mentir. É preciso primeiro trabalhar para afastar os obstáculos que impedem a compreensão. Se for por causa da impureza que aquele a quem se dirige não compreende, deve-se, na medida do possível, purificá-lo através de palavras e ações.

Capítulo 70

Jesus, modelo de atuação evangélica, mesmo com interrogatórios.

Por que se vê o Nosso Senhor dizer certas coisas que muitos de seus ouvintes não aceitam __ seja por resistência, seja por desprezo __ não se pode acreditar que ele deu as coisas santas aos santos e jogou pérolas aos porcos. Pois ele não falava para quem não podia compreendê-lo, mas para aqueles que eram capazes disso. A impureza de uns não era razão para negligenciar os outros.

Quando aqueles que queriam tentá-lo faziam perguntas e ele lhes respondia de maneiras a lhes fechar as bocas; mesmo que eles se consumissem em seu próprio veneno, ao invés de consumirem o alimento que lhes era oferecido; mesmo assim, ele fornecia, àqueles que podiam compreender, uma oportunidade de aprender muitas coisas úteis.

Eu digo isso para que, quando não se puder responder uma questão, não se desculpe dizendo que não se quer dar coisas santas aos cães ou jogar pérolas aos porcos. Com efeito, aquele que puder responder

deve responder; pelo menos para aqueles que poderiam se desencorajar, se ficassem convencidos de que a questão proposta não tem solução. Eu suponho que se trate de coisas úteis e que tocam a doutrina da salvação, pois, desocupados podem muito bem fazer perguntas supérfluas, inúteis e muitas vezes até mesmo nocivas e, no entanto, é preciso responder alguma coisa; pelo menos para explicar e fazer compreender que isso deve ser evitado.

É preciso responder quando são feitas perguntas úteis, como fez o Senhor quando os saduceus lhe perguntaram a quem pertenceria, por ocasião da ressurreição, uma mulher que teve sete maridos. Ele lhes respondeu que, por ocasião da ressurreição, não se terá mulher, não se casará, mas que se será como os anjos no céu[424].

Algumas vezes é preciso interrogar sobre outro assunto àquele que questiona, para que ele assim responda a ele mesmo, se conseguir. E se ele não responder, os presentes não considerarão ruim que se deixe sua questão sem resposta.

Este foi o caso quando perguntaram a Cristo, para tentá-lo, se ele deixava de pagar os tributos. Ele perguntou, por sua vez, de quem era a imagem estampada na moeda que lhe apresentavam. Ao dizerem que era a imagem de César, os fariseus responderam à sua própria questão.

[424] Cf. Mateus 22: 23-30, Marcos 12: 25 e Lucas 20: 35.

Cristo, concluindo, lhes disse: *Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*[425].

Numa outra ocasião, os príncipes dos sacerdotes e os anciões do povo lhe perguntaram com que autoridade ele fazia o que fazia. Ele lhes fez uma pergunta sobre o batismo de João e, como eles não quiseram lhe responder, por que sua resposta se voltaria contra eles e por que não ousavam falar mal de Jesus por causa da multidão, ele lhes disse: *Pois eu tampouco vos digo com que direito faço estas coisas*[426]. Ora, aqueles que estavam lá acharam que isso foi muito justo, pois os fariseus pretendiam ignorar o que eles sabiam perfeitamente, mas não queriam dizer.

De fato, era justo que, pedindo uma resposta à sua questão, eles primeiro fizessem o que eles próprios exigiam e, ao fazê-lo, eles seriam respondidos.

Com efeito, eles tinham ido perguntar a João quem ele era. Ou melhor, eles tinham enviado sacerdotes e levitas, pensando que ele era o Cristo. Ele negou formalmente, invocando o testemunho do Senhor[427].

Ora, confessando esse testemunho, eles teriam compreendido com que autoridade Cristo agia. Mas eles fingiram ignorá-lo e colocaram uma questão para ter oportunidade de caluniar o Salvador.

---

[425] Mateus 22: 21.
[426] Mateus 21: 27.
[427] Cf. João 1: 19-27.

Capítulo 71

Pedir é necessário para a cura da alma; buscar é necessário para encontrar a verdade.

Com relação a essa proibição de dar as coisas santas aos cães e de jogar pérolas aos porcos, um ouvinte que tenha consciência de sua enfermidade e ficando sabendo que é proibido dar o que ele ainda não tem, poderia se apresentar e dizer: "Que coisas santas são essas que eu não devo dar aos cães e essas pérolas que me são proibidas de jogar aos porcos? Eu não acho que as tenha".

Foi, portanto, muito a propósito que o Senhor acrescentou[428]: *Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Por que todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á*[429].

Pedir tem por objetivo obter a saúde e a força de alma necessárias para cumprir os mandamentos e buscar tem por objetivo descobrir a verdade. Com efeito, consistindo a felicidade perfeita na ação e no conhecimento, a ação exige a livre disposição das forças e a contemplação a manifestação das coisas. É necessário, portanto, pedir uma para obtê-la e buscar a outra para encontrá-la. Ora, o conhecimento nesta vida é menos aquele do bem a possuir do que aquele da via a seguir. Mas, quando se tiver encontrado o verdadeiro caminho, se conseguirá a posse do bem que, no entanto, só será concedido àquele que bate.

---

[428] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. XIX, seção 9.
[429] Mateus 7: 7 e 8.

Capítulo 72

Exemplo do triplo passo: pedir, buscar, encontrar.

Para tornar claras essas três coisas: pedir, buscar, bater, damos um exemplo.

Suponhamos uma pessoa enferma dos pés e que não possa caminhar. Primeiro é preciso que se cure e se estabilize, para poder caminhar. Este é o objetivo do verbo *pedir*. Mas, de que serve caminhar e até mesmo correr, se seguirmos por um falso caminho?

O segundo passo é, portanto, encontrar o caminho que leva ao objetivo que se quer alcançar. Quando ele for encontrado e se chegar ao local que se quer habitar, se ele estiver fechado, não serviu de nada ter podido caminhar, ter caminhado e ter chegado ao objetivo, se ele não se abre.

Eis o motivo de o Senhor ter dito: *Bata!*

Capítulo 73

Diferença qualitativa entre as dádivas divinas e as humanas.

Ora, aquele cujas promessas não falham jamais nos deu e nos dá uma grande esperança, pois ele diz: *Todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á*[430]. É preciso, portanto, perseverança para obter o que pedimos, encontrar o que buscamos e conseguir que se abra quando batemos.

[430] Mateus 7: 8.

Da mesma forma como o Senhor nos citou o exemplo dos pássaros do céu e do lírio dos campos, para nos dar esperança de que o alimento e as vestimentas não nos faltariam, erguendo assim nosso pensamento do pequeno para o grande; aqui também se trata do mesmo.

Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? E, se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem[431], ele diz.

Como os maus podem dar coisas boas? Mas o Senhor chama de maus aqui os que amam este mundo e os pecadores. Quanto às boas coisas que eles dão, elas são boas sob o ponto de vista deles, por que eles as amam. Elas também são boas em sua natureza, mas passageiras e relativas a esta vida miserável. E os maus que as dão, não dão do que é deles, pois a terra e tudo o que está nela pertencem ao Senhor, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contém[432].

Muito então devemos esperar que Deus nos dê os bens que lhe pedimos e que não nos enganará, nos dando uma coisa por outra. Pois nós, que somos maus, sabemos dar o que nos pedem. Nós não enganamos nossos filhos e todas as coisas que lhes damos não vem de nós, mas de Deus.

[431] Mateus 7: 9-11.
[432] Cf. Salmo 23: 1 e Salmo 145: 6.

Capítulo 74

A reciprocidade na bondade das ações humanas.

A firmeza e a força necessárias para caminhar na via da sabedoria estão nos bons costumes e estes vão até à pureza e à simplicidade, que o Senhor mencionou há muito tempo. Após isso, ele tira esta conclusão: *Tudo o que quereis que os homens vos façam "de bom"*[433]*, fazei-o vós a eles. Esta é a lei e os profetas*[434].

Lemos nos exemplares gregos: *Tudo o que quereis que os homens vos façam, faça-o a eles também.* Eu acho que os latinos foram além, para melhor explicar o pensamento.

Com efeito, pode acontecer de alguém, invocando esse texto, peça que se faça por ele uma coisa criminosa __ como, por exemplo, estimular beber além da medida e mergulhar na embriaguês __ fazendo primeiro o que ele quer que o outro faça. Seria ridículo então pensar que o preceito foi cumprido. Foi, eu penso, para evitar essa falsa interpretação e para melhor precisar o sentido que, após as palavras *Tudo o que quereis que os homens vos façam*, foi acrescentado *de bom*. Se esta expressão falta nos exemplares gregos, é preciso corrigi-los; mas quem ousaria fazê-lo? Deve-se então admitir que o pensamento está completo, mesmo sem essa adição. Pois, é num sentido próprio e não de acordo

[433] A expressão "de bom" não existe na Vulgata e nem da Bíblia em português. Nota do tradutor para o português.
[434] Mateus 7: 12. *Omnia ergo quæcumque vultis ut faciant vobis homines, et vos facite illis. Hæc est enim lex, et prophetæ.*

com o significado comum que é preciso entender a expressão *Tudo o que quereis*.

Com efeito, só há propriamente vontade para os bens, já que, para as ações más e criminosas, o que impera é a paixão e não a vontade.

Não que as Escrituras sempre empreguem as palavras em seu sentido próprio, mas, quando é preciso, elas se atêm a ele de tal forma, que não é possível dar um outro a elas.

Capítulo 75

Os frutos são sinais de bondade ou maldade.

Este mandamento parece estar ligado ao amor ao próximo, mas não igualmente ao amor a Deus.

O Senhor nos diz, em outro lugar, que há *dois mandamentos nos quais se resumem toda a lei e os profetas*[435].

Com efeito, se o desejo fosse dizer "tudo o que quereis que vos faça, faça você mesmo", os dois mandamentos estariam em uma única frase. Seria apressado dizer que, como todos desejam ser amados por Deus e os seres humanos e dada a ordem de fazer o que se deseja que seja feito a nós mesmos, somos obrigados a amar a Deus e ao próximo.

Mas, como o Senhor disse expressamente: *Tudo o que quereis que os homens vos façam, faça-o a eles também*, parece que isso significa simplesmente: *Amarás teu próximo como a ti mesmo*.

[435] Mateus 22: 40.

No entanto, é preciso observar bem o que Cristo acrescenta aqui: *Esta é a lei e os profetas,* ou seja, todas as profecias. E, como ele não emprega aqui a palavra "toda", ele reserva, evidentemente, um lugar para outro mandamento: o mandamento do amor a Deus.

Neste instante trata-se de olhar aqueles que têm o coração simples e, como é de se temer que se tenha um coração hipócrita com relação àqueles cujo coração pode estar escondido __ ou seja, com relação aos humanos __ eis o porquê foi preciso dar esse mandamento.

Não há ninguém que queira se relacionar com alguém que tenha um coração hipócrita. Ora, só se pode entender que alguém concedeu algo a outro com um coração simples, se estiver excluído desse ato qualquer proveito temporal e isso for feito com a intenção desinteressada que explicamos muito bem quando falamos acima do olho simples.

Capítulo 76

A pureza da visão e a reta intenção são necessárias para ver Deus.

O olho purificado e autêntico será então capaz de ver e de contemplar sua luz interior, pois este é o olho do coração. Ora, tem esse olho aquele que, para fazer suas ações realmente boas, não se propõe o objetivo de agradar as pessoas, mas, caso consiga agradar, ele busca aí a salvação de seus irmãos e a glória de Deus e não uma vã ostentação; que não trabalha para a salvação do próximo com a intenção de conseguir as coisas necessárias à vida; que não condena temerariamente a

intenção e a vontade num ato cuja intenção e vontade não são manifestas; que faz às pessoas todos os bens possíveis com a mesma intenção que gostaria de receber, ou seja, sem esperar nenhum proveito temporal. Eis o coração simples e puro que Deus procura, já que, *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*[436]

Capítulo 77

O caminho apertado e a porta estreita para a vida.

Mas, como isso é um patrimônio de poucos, o Senhor começa a falar da busca e da posse da sabedoria, que é a árvore da vida.

Ora, para buscá-la e possuí-la __ ou seja, contemplá-la __ o olho foi preparado por tudo o que foi dito acima, de maneiras a conhecer o caminho apertado e a porta estreita. É isto o que diz em seguida o Senhor: *Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição e numerosos são os que por aí entram. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram*[437].

Não é dito com isso que o jugo do Senhor seja duro e nem que seu fardo seja pesado, mas apenas que muito poucos querem suportar o fardo até o fim, por falta de uma fé suficiente naquele que clama: *Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e*

[436] Mateus 5: 8.
[437] Mateus 7: 13 e 14.

humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve[438].

Foi precisamente assim que este sermão começou: falando daqueles que são humildes e mansos. Mas, muitos rejeitam e bem poucos aceitam esse jugo tão suave e esse fardo tão leve. Eis o porquê de ser apertado o caminho que conduz à vida e estreita a porta pela qual se entra nela.

Capítulo 78

Pelos frutos se conhece a árvore.

É necessário, portanto, ficar atento principalmente contra aqueles que prometem a sabedoria e o conhecimento da verdade que eles não possuem; como os heréticos, por exemplo, que se recomendam por causa de seu pequeno número.

Assim, após ter dito que bem poucos encontram a porta estreita e o caminho apertado e temendo que seus seguidores pensem ser esse pequeno número, Cristo acrescenta: *Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores*[439].

[438] Mateus 11: 28-30.
[439] Mateus 7: 15.

Mas, esses lobos não enganam o olho simples, que sabe distinguir a árvore por seus frutos. Então, diz o Senhor: *Pelos seus frutos os conhecereis*[440].

Em seguida, ele faz comparações: *Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos? Toda árvore boa dá bons frutos; toda árvore má dá maus frutos. Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, bons frutos. Toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Pelos seus frutos as conhecereis*[441].

Capítulo 79

Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, bons frutos.

Com relação a isso, é preciso sobretudo desconfiar do erro daqueles que entendem essas duas árvores como sendo duas naturezas: a natureza de Deus e outra que não é a de Deus e não provém de Deus.

Eu já discuti longamente esse erro em outros livros e, se for preciso, discutirei mais ainda. Agora se trata de mostrar que ele não pode se apoiar na comparação das duas árvores.

Primeiramente Cristo fala aqui dos seres humanos e isso está tão claro que, lendo o que precede e o que segue, é de se espantar a cegueira desses heréticos.

---

[440] Mateus 7: 16.
[441] Mateus 7: 16-20.

Depois, eles insistem nas palavras: *Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, bons frutos* e pensam que uma alma má não pode melhorar e nem uma alma boa se deteriorar. Como se tivesse sido dito: "Uma árvore boa não pode se tornar má e nem uma árvore má se tornar boa", invés do texto: *Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, bons frutos*.

Ora, a árvore é a própria alma, o próprio ser humano e o fruto da árvore, as obras do ser humano. Um ser humano mau não pode, portanto, fazer o bem e nem o ser humano bom, o mal. Por consequência, se o ser humano mau quer fazer o bem, é preciso primeiro que ele se torne bom. É isto o que o Senhor expressa mais claramente em outro lugar: *Ou fazes a árvore boa e seu fruto bom, ou a fazes má e seu fruto, mau*[442].

Ora, se as duas árvores significassem as duas naturezas que falam esses heréticos, Cristo não diria *fazes*, pois quem entre os humanos pode fazer uma natureza? Em seguida, no mesmo lugar, após ter falado das duas árvores, o Senhor acrescenta: *Raça de víboras, maus como sois, como podeis dizer coisas boas? Porque a boca fala do que lhe transborda do coração. O homem de bem tira boas coisas de seu bom tesouro. O mau, porém, tira coisas más de seu mau tesouro*[443].

---

[442] Mateus 12: 33. *Aut facite arborem bonam et fructum ejus bonum : aut facite arborem malam et fructum ejus malum*.
[443] Mateus 12: 33-35.

Portanto, enquanto se for mau não se pode produzir bons frutos e se se produz bons frutos, é por que não se é mau. É também como se pode dizer com exata verdade: a neve não poderia ser quente, pois, se fosse quente, não a chamaríamos de neve, mas sim de água. No entanto, pode-se fazer com que o que era neve não o seja mais, mas não que a neve seja quente.

Da mesma forma, pode acontecer que aquele que era mau deixe de sê-lo. No entanto, é impossível que uma pessoa má faça o bem, embora, às vezes, ela possa ser útil. Mas então, não é ela que faz o bem; o bem é feito, na ocasião, pela ação da divina Providência.

Foi por isso que foi dito dos fariseus: *Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*[444]. Se eles diziam boas coisas e se o que diziam era útil para ouvir e praticar, isso não era obra deles. Pois, disse o Senhor: *Sentaram-se na cadeira de Moisés*[445]. Podiam, portanto, ser úteis, pregando a Lei de Deus e fazer o bem aos seus ouvintes, sem fazê-lo a eles mesmos.

Foi de pessoas assim que um profeta disse, em outro lugar: S*emearam trigo e só colheram espinhos*[446], por que ensinavam o bem e faziam o mal. Quem as escutava e colocava suas máximas em prática não colhia uvas *dos* espinhos, mas colhia uvas *através dos* espinhos. É como se alguém, passando a mão através de uma cerca, colhesse uma uva

[444] Mateus 23: 3.
[445] Mateus 23: 2.
[446] Jeremias 12: 13.

no cacho que a cerca protege. Isso seria um fruto bom; não dos espinhos, mas da vinha.

Capítulo 80

Os frutos das boas obras implicam na retidão da intenção.

Tem-se, certamente, uma razão muito grande em perguntar a quais frutos o Senhor quer que prestemos atenção para conhecer a árvore. Muitos consideram como frutos o que faz parte da vestimenta das ovelhas e, com isso, são enganados por lobos. É o caso dos jejuns, por exemplo, das preces ou das esmolas; tudo isso são obras que podem ser realizadas por hipócritas. Não fosse assim, não seria dito acima: *Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles*[447].

Transmitido este princípio, o Senhor detalha estas três espécies de boas obras: a esmola, a prece e o jejum. Muitos são os que doam abundantemente aos pobres; não por piedade, mas por ambição. Muitos rezam __ ou melhor, parecem rezar __ sem ter Deus em vista, mas na esperança de agradar às pessoas. Muitos jejuam e exibem uma abstinência prodigiosa aos olhos daqueles que veem essa virtude como difícil e honrosa. Com essa fraude, eles seduzem e enganam, por um lado, com falsas aparências. Por outro lado, eles pilham e matam aqueles que não sabem reconhecer os lobos nas peles de ovelhas.

[447] Mateus 6: 1.

O Senhor nos adverte, no entanto, que não são esses frutos que nos permitem julgar uma árvore. Com efeito, quanto tudo isso procede de um coração correto e sincero, aí estão verdadeiras vestimentas de ovelhas. Mas, quando um erro culposo é a fonte de tudo isso, tudo não passa de cobertura para lobos.

No entanto, as ovelhas não devem repudiar suas vestes, por que lobos algumas vezes se servem delas para se esconder.

Capítulo 81

Quais são os frutos das más e das boas obras.

É então o Apóstolo que nos dirá com quais frutos reconheceremos a árvore má.

Ora, as obras da carne são estas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, superstição, inimizades, brigas, ciúmes, ódio, ambição, discórdias, partidos, invejas, bebedeiras, orgias e outras coisas semelhantes. Dessas coisas vos previno, como já vos preveni: os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus! Ao contrário, o fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança[448].

É preciso saber que a palavra *alegria* é tomada aqui em um sentido próprio, pois, a rigor, os maus não podem gostar da alegria, mas somente de se divertir. Como dissemos acima que a palavra *vontade* tem seu sentido próprio e que não poderia se aplicar aos maus no pensamen-

[448] Gálatas 5: 19-23.

to deste texto: *Tudo o que quereis que os homens vos façam, faça-o a eles também*. O profeta também dá o mesmo significado à palavra alegria e supõe que ela só existe entre os bons, quando diz: *Não há alegria para os ímpios, diz o Senhor*[449].

Acontece o mesmo com a fé que, estritamente, não se entende como uma fé qualquer, mas da verdadeira fé.

Tudo isso é apenas um simulacro entre as pessoas más e impostoras, a ponto de enganar quem não tem ainda um coração simples para identificar tudo.

Estava, portanto, correta a ordem de falar primeiro da necessidade de purificar o olho e dizer em seguida contra o que é preciso se manter atento.

Capítulo 82

Não basta falar; tem que praticar.

Mas, como, mesmo com um olho puro, ou seja, com um coração simples e sincero, não se pode ler nos corações alheios, são as tentações que colocam às claras o que os atos ou as palavras não mostram.

Mas, há dois tipos de tentações: ou a esperança de adquirir alguma vantagem temporal ou o medo de perdê-la. É preciso tomar cuidado, mesmo buscando a sabedoria __ que só se pode encontrar em Cristo, *no*

[449] Isaías 48: 22. Na Vulgata, a palavra usada é *pax* (paz) e não *gaudere* (alegria): *Non est pax impiis, dicit Dominus.*

qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência[450] __ em não se deixar ser enganado, sob o nome de Cristo, por heréticos ou por pessoas pouco esclarecidas e amantes deste mundo.

Por isso o Senhor continua e nos diz: *Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus*[451]. Com isso somos advertidos a não pensar que basta dizer "Senhor, Senhor", para ser uma árvore boa e gerar bons frutos. Os bons frutos consistem em fazer a vontade do Pai que está nos céus, de acordo com o exemplo que o próprio Senhor nos deus com sua pessoa.

Capítulo 83

Ninguém pode dizer: "Jesus é o Senhor", se não estiver sob a ação do Espírito Santo.

Poderíamos ter alguma dificuldade em relacionar esta passagem com esta outra do Apóstolo: *Ninguém, falando sob a ação divina, pode dizer: "Jesus seja maldito" e ninguém pode dizer: "Jesus é o Senhor", senão sob a ação do Espírito Santo*[452].

Com efeito, por um lado, não podemos dizer que pessoas que tenham o Espírito Santo não entrarão no reino dos céus, se elas perseverarem até o fim. Por outro lado, não podemos afirmar que aqueles que

[450] Colossenses 2: 3.
[451] Mateus 7: 21.
[452] 1 Coríntios 12: 3.

dizem “Senhor, Senhor” e não entram no reino dos céus têm o Espírito Santo.

O que significa então *dizer: Jesus é o Senhor*, se não é que, sob a palavra “dizer”, o Apóstolo subentende a vontade e a inteligência daquele que fala?

Por seu lado, o Senhor falou em geral: *Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus*. Pois aquele que não compreende ou não aceita o que ele diz, diz isso da boca para fora. Somente diz com verdade, aquele que expressa sua vontade e seu pensamento pelo som de sua voz.

Foi assim que, acima, na enumeração dos frutos do Espírito Santo, a palavra *alegria* foi tomada em um sentido próprio e não naquele empregado pelo Apóstolo, quando disse: A caridade *não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade*[453]. Como se fosse possível se alegrar com a injustiça! É como se houvesse aí uma agitação, uma perturbação da alma e não a alegria, que só os bons podem experimentar.

Portanto, pode-se dizer da boca para fora, quando se fica contente só em falar, sem compreender e sem praticar o que é dito. É neste sentido que o Senhor diz: *Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus*. Mas somente aqueles que falam verdadeira e propriamente, em quem a vontade e a inteligência estão de acordo com

[453] 1 Coríntios 13: 6.

as palavras. Foi sob este ponto de vista que o Apóstolo disse: *Ninguém pode dizer: "Jesus é o Senhor", senão sob a ação do Espírito Santo*.

Capítulo 84

O cuidado com as maravilhas aparentes.

Um ponto muito importante e relacionado com este tema é que, ao buscar conhecer a verdade, não nos deixemos enganar, não somente por aqueles que falam em nome de Cristo sem que sua conduta corresponda ao que é dito, como também por certos sinais e certos prodígios, como o Senhor realizou com vistas aos infiéis, mas sempre nos advertindo para não nos deixarmos influenciar por isso e nem supor uma sabedoria invisível onde vemos um milagre visível.

Por isso, ele acrescenta: *Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome, e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres? E, no entanto, eu lhes direi: Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!*[454] O Senhor só reconhecerá, portanto, aqueles que praticarem a justiça.

Ele até mesmo proibiu seus discípulos de se alegrarem com tais coisas. Como, por exemplo, de que os demônios os obedeciam. Ele lhes disse: *Não vos alegreis porque os espíritos vos estão sujeitos, mas alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus*[455]. Creio que

[454] Mateus 7: 22 e 23.
[455] Lucas 10: 20.

ele se referia à Jerusalém celeste, onde reinarão somente os justos e os santos. *Acaso não sabeis que os injustos não hão de possuir o Reino de Deus?*[456], diz o Apóstolo.

Capítulo 85

Até os iníquos podem fazer milagres.

Talvez alguém possa dizer que os iníquos não podem fazer milagres visíveis e considerará mentirosos aqueles que disserem: *Foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres*.

Que eles leiam então sobre tudo o que fizeram os mágicos do Egito, em oposição a Moisés, o servidor de Deus[457]. Ou, se não quiserem, por que os mágicos não agiam em nome de Cristo, que leiam pelo menos o que o próprio Cristo disse, ao falar dos falsos profetas: *Então se alguém vos disser: Eis, aqui está o Cristo! Ou: Ei-lo acolá!, não creiais. Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, que farão milagres a ponto de seduzir, se isto fosse possível, até mesmo os escolhidos*[458].

Capítulo 86

A sensibilidade do coração leva à paz e à estabilidade da sabedoria.

Quão necessário é, portanto, um olho puro e simples, para encontrar o caminho da sabedoria, em torno do qual os perversos empregam

[456] 1 Coríntios 6: 9.
[457] Êxodo 7 e 8.
[458] Mateus 24: 23 e 24.

tantos artifícios e erros! Escapar de todos os seus embustes é ter a paz assegurada na imóvel e sólida sabedoria.

É para se temer cuidadosamente não ver, no calor da discussão e da disputa, o que só é dado a alguns poucos verem. Que seja pequeno o ruído da contradição; a menos que você mesmo também o produza.

É a isto que estão relacionadas estas palavras do Apóstolo: *Não convém a um servo do Senhor altercar; bem ao contrário, seja ele condescendente com todos, capaz de ensinar, paciente em suportar os males*[459]. Pois, *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!*[460]

Capítulo 87

Conclusão de todo o sermão: é somente agindo que se dá solidez ao que se ouve e ao que se compreende.

É preciso, portanto, prestar bem atenção à terrível conclusão de todo esse sermão: *Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha*[461]. Com efeito, é somente agindo que se dá solidez ao que se ouve e ao que se compreende.

E, se Cristo é a pedra, como ensinam várias passagens das Escrituras[462], quem constrói sobre Cristo, que coloca suas lições em prática, *Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram*

[459] 2 Timóteo 2: 24.
[460] Mateus 5: 9.
[461] Mateus 7: 24.
[462] Cf. 1 Coríntios 10: 4.

contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha[463].

Este não teme as supertições tenebrosas, pois a chuva não tem outro significado, quando ela é tomada em um mau sentido; nem os rumores humanos inúteis, que podem ser comparados aos ventos, eu acho; nem as torrentes desta vida, que trazem as concupiscências carnais que inundam, por assim dizer, a terra.

Com efeito, eis os três tipos de adversidades que se abatem sobre o ser humano seduzido pela prosperidade, mas que não tem nada a temer, quando tem uma casa construída sobre a rocha, ou seja, que não se contenta em ouvir as ordens do Senhor, mas que as põe em prática.

Aquele que, pelo contrário, as ouve e não as pratica, está grandemente exposto a todos esses perigos, pois ele não tem uma fundação sólida. Ao ouvir e não praticar, ele ergue um edifício fadado à ruína.

E Cristo continua, então: *Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína. Quando Jesus terminou o discurso, a multidão ficou impressionada com a sua doutrina. Com efeito, ele a ensinava como quem tinha autoridade e não como os seus escribas*[464].

---

[463] Mateus 7: 25.
[464] Mateus 7: 26-29.

Eu afirmei acima que tudo tinha sido previsto pelo Salmista, quando disse: *As palavras do Senhor são palavras sinceras, puras como a prata acrisolada, isenta de ganga, sete vezes depurada*[465].

Foi o número sete que me fez relacionar esses preceitos às sete sentenças que o Senhor pronunciou no começo deste sermão e às sete operações do Espírito Santo mencionadas pelo profeta Isaías[466].

Mas, seja adotando esta divisão, seja preferindo outra, é preciso praticar o que aprendemos com o Senhor, se queremos construir sobre uma rocha.

[465] Salmo 11: 7.
[466] Cf. Isaías 11: 2: *Sobre ele repousará o Espírito do Senhor, Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de temor ao Senhor*.

Créditos

Original: *De Sermone Domini in Monte*

© 418: Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018: Teodoro Editor – Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

Revisão, edição e notas adicionais: Souza Campos, E. L. de.

Traduzido de *Explication du Sermon sur La Montagne*, por Souza Campos, E. L. de.

Tradução do latim de Abbé Devoille in *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-le-Duc: Poujoulat & Raulx, 1871.

Cotejado com: *El Sermón de La Montaña*. Tradução de Carlos Morán, OSA.

Conteúdo

O sermão da montanha 2
Introdução 2
1 2
2 3
3 3
4 4
5 5
6 6
7 8
8 9
9 10
Livro I 12
Capítulo 1 12
A regra perfeita da vida cristã descrita no sermão da montanha. 12
Capítulo 2 13
O significado da montanha. 13
Capítulo 3 14
O reino dos céus é dos pobres de espírito. 14
Capítulo 4 16
Os mansos possuirão a terra. 16
Capítulo 5 16

Os que choram serão consolados. 16
Capítulo 6 17
Os que têm fome de justiça serão saciados. 17
Capítulo 7 17
Os misericordiosos alcançarão a misericórdia. 17
Capítulo 8 18
Os puros verão Deus. 18
Capítulo 9 18
Os pacíficos serão chamados filhos de Deus. 18
Capítulo 10 19
A gradação admirável das oito beatitudes. 19
Capítulo 11 22
Os sete graus da perfeição igualmente marcados em Isaías, mas por gradação descendente. 22
Capítulo 12 24
O multiforme único prêmio, que varia de acordo com os graus. 24
Capítulo 13 26
Sofrer pela justiça e por Jesus Cristo. 26
Capítulo 14 28
A diferença entre insulto e difamação. 28
Capítulo 15 29

A recompensa futura nos céus. 29
Capítulo 16 30
O sal da terra. 30
Capítulo 17 31
A luz do mundo. 31
Capítulo 18 33
A glória de Deus deve ser a finalidade de nossas obras. 33
Capítulo 19 35
A integração dos Testamentos. 35
Capítulo 20 35
Duas maneiras de cumprir a Lei. 35
Capítulo 21 37
A justiça mais perfeita sob a lei da graça. 37
Capítulo 22 39
Os graus no inferno. 39
Capítulo 23 39
Raca, o impulso da alma em cólera. 39
Capítulo 24 40
Três imputações e culpabilidades. 40
Capítulo 25 42
Três sentenças sem causa. 42

Capítulo 26 _____ 43

A reconciliação antes da oferenda. _____ 43

Capítulo 27 _____ 44

A fé como interpretação alegórica do altar. _____ 44

Capítulo 28 _____ 46

A humildade reconciliadora como antídoto à soberba. ___ 46

Capítulo 29 _____ 46

O juiz, o ministro, o adversário. _____ 46

Capítulo 30 _____ 47

A expiação total. _____ 47

Capítulo 31 _____ 49

Quem é o adversário? _____ 49

Capítulo 32 _____ 51

O magistério divino, protetor dos humildes. _____ 51

Capítulo 33 _____ 53

Justiça menor e maior. _____ 53

Capítulo 34 _____ 54

Triplo processo gradual do pecado. _____ 54

Capítulo 35 _____ 56

Três momentos diferenciais do pecado. _____ 56

Capítulo 36 _____ 57

Adultério ou concupiscência libidinosa. 57
Capítulo 37 58
O olho direito. 58
Capítulo 38 59
Os outros membros escandalizadores. 59
Capítulo 39 60
O casamento sob a Lei de Moisés e sob a Lei da graça. 60
Capítulo 40 62
A aversão ao temporal, para amar o eterno. 62
Capítulo 41 64
Amar a criatura humana renovada. 64
Capítulo 42 65
O matrimônio cristão ideal. 65
Capítulo 43 67
Paridade conjugal de direitos. 67
Capítulo 44 69
Uma coisa é um mandamento, outra coisa é um conselho, outra coisa é uma concessão. 69
Capítulo 45 71
No casamento, o fiel santifica o infiel. 71
Capítulo 46 72

Analogia de fornicações. _____ 72
Capítulo 47 _____ 72
Paridade conjugal de obrigações. _____ 72
Capítulo 48 _____ 73
A reciprocidade do adultério. _____ 73
Capítulo 49 _____ 74
A ilicitude permissiva da bigamia conjugal._____ 74
Capítulo 50 _____ 75
O singular e discutível caso de um adultério permitido. __ 75
Capítulo 51 _____ 77
O abuso do juramento e o risco de perjúrio._____ 77
Capítulo 52 _____ 80
O juramento implica em Deus onipresente. _____ 80
Capítulo 53 _____ 82
O sentido espiritual dos conceitos de céu e terra._____ 82
Capítulo 54 _____ 83
O amor pela justiça e a misericórdia. _____ 83
Capítulo 55 _____ 84
Semelhança e diferença entre mansidão e misericórdia. __ 84
Capítulo 56 _____ 85
A generosidade e a condescendência._____ 85

Capítulo 57 _____ 86

Da discórdia à concórdia misericordiosa._____ 86

Capítulo 58 _____ 88

O simbolismo da face direita._____ 88

Capítulo 59 _____ 91

A generosidade na bondade._____ 91

Capítulo 60 _____ 92

A túnica é mais do que uma vestimenta. _____ 92

Capítulo 61 _____ 92

Acompanhamento generoso._____ 92

Capítulo 62 _____ 94

O duplo tipo de injúria._____ 94

Capítulo 63 _____ 95

A punição e a correção. _____ 95

Capítulo 64 _____ 96

A correção com amor, inclusive mediante a morte. _____ 96

Capítulo 65 _____ 97

Um exemplo do livro não canônico de Tomás. _____ 97

Capítulo 66 _____ 98

Há injustiças que podem ser reparadas inteiramente._____ 98

Capítulo 67 _____ 100

Prestatividade sem passividade. _____ 100
Capítulo 68 _____ 101
Doação benévola ou simples empréstimo. _____ 101
Capítulo 69 _____ 102
Amor evangélico também ao inimigo. _____ 102
Capítulo 70 _____ 103
A lei do ódio era uma concessão à fraqueza. _____ 103
Capítulo 71 _____ 103
Aparentes contradições. _____ 103
Capítulo 72 _____ 104
Previsões proféticas, mais que maldições desejadas. ____ 104
Capítulo 73 _____ 106
Distintas gravidades dos pecados. _____ 106
Capítulo 74 _____ 108
A diversidade de arrependimentos e penitências._____ 108
Capítulo 75 _____ 109
O pecado contra o Espírito Santo não será perdoado. ___ 109
Capítulo 76 _____ 111
A ausência de intercessão não é contra intercessão._____ 111
Capítulo 77 _____ 112

É sincera e plena de justiça e misericórdia a vingança dos mártires, para a derrubada do reino do pecado. _____ 112
Capítulo 78 _____ 113
Os filhos adotivos por renascimento espiritual. _____ 113
Capítulo 79 _____ 114
O simbolismo do sol e da chuva espirituais para os bons. 114
Capítulo 80 _____ 116
A grande misericórdia para os grandes misericordiosos. _ 116
Livro II _____ 118
Capítulo 1 _____ 118
Para ver Deus é necessário que o coração seja puro. ____ 118
Capítulo 2 _____ 119
A necessária intenção correta. _____ 119
Capítulo 3 _____ 120
A exemplaridade sobre-humana de Paulo. _____ 120
Capítulo 4 _____ 122
Devemos evitar procurar os louvores humanos._____ 122
Capítulo 5 _____ 122
Deve-se evitar a hipocrisia._____ 122
Capítulo 6 _____ 124
A mão direita e a mão esquerda._____ 124
Capítulo 7 _____ 125

Não se deve cometer fraudes para conquistar a bondade de Deus. 125
Capítulo 8 126
A mão esquerda é a busca da louvação humana. 126
Capítulo 9 128
Elogio ao anonimato da esmola. 128
Capítulo 10 129
A condenação da oração hipócrita. 129
Capítulo 11 130
O elogio à oração interior. 130
Capítulo 12 131
A oração sem palavreado. 131
Capítulo 13 132
Palavras carregadas de afeto. 132
Capítulo 14 133
A oração da conversão e da generosidade. 133
Capítulo 15 133
O Pai nosso, modelo de oração de louvor e clamor. 133
Capítulo 16 135
A seriedade da afirmação *Pai nosso*. 135
Capítulo 17 137

O pai nosso que está no céu dos santos e virtuosos. _____ 137
Capítulo 18 _____ 138
Analogia entre o céu a onipresença de Deus. _____ 138
Capítulo 19 _____ 139
Os significados de Santificado seja vosso nome. _____ 139
Capítulo 20 _____ 140
Venha a nós o vosso reino, manifestado, reconhecido, final. _____ 140
Capítulo 21 _____ 141
Seja feita a vossa vontade. _____ 141
Capítulo 22 _____ 143
Outra forma de entender *Seja feita vossa vontade*._____ 143
Capítulo 23 _____ 144
Céu e terra são o espírito e a carne. _____ 144
Capítulo 24 _____ 145
Seja feita a vossa vontade, na Igreja como em Cristo. ___ 145
Capítulo 25 _____ 146
O pão nosso de cada dia._____ 146
Capítulo 26 _____ 147
A oração perfeita. _____ 147
Capítulo 27 _____ 148

Os três sentidos do pão nosso de cada dia. _____ 148
Capítulo 28 _____ 149
A remissão ampla e generosa. _____ 149
Capítulo 29 _____ 151
A correspondência entre o perdão divino e o fraterno.___ 151
Capítulo 30 _____ 152
Tentação e não indução. _____ 152
Capítulo 31 _____ 153
O autoconhecimento que vem da provação._____ 153
Capítulo 32 _____ 154
Tentados sim, caídos não._____ 154
Capítulo 33 _____ 157
Satã pede para tentar e Jesus pede para fortalecer._____ 157
Capítulo 34 _____ 158
Deus não permite a tentação além de nossas forças. ____ 158
Capítulo 35 _____ 159
Sétimo e último pedido: Mas livrai-nos de todo mal.____ 159
Capítulo 36 _____ 160
Os três primeiros pedidos são temporais e eternos. _____ 160
Capítulo 37 _____ 161
A temporalidade dos quatro últimos pedidos. _____ 161

Capítulo 38 _____ 162

Correspondência entre os sete pedidos e os sete dons do Espírito Santo._____ 162

Capítulo 39 _____ 164

A prevalência do perdão na oração do Pai Nosso. _____ 164

Capítulo 40 _____ 165

A purificação do coração pelo jejum escondido. _____ 165

Capítulo 41 _____ 166

O perigo da ostentação arrogante até no desalinho. _____ 166

Capítulo 42 _____ 167

Limpeza e alegria interior e exterior no jejum._____ 167

Capítulo 43 _____ 169

O amor proveniente da pureza de coração, da boa consciência e da fé autêntica. _____ 169

Capítulo 44 _____ 170

Entesourar no céu. _____ 170

Capítulo 45 _____ 171

A luz dos olhos é o símbolo da intencionalidade. _____ 171

Capítulo 46 _____ 172

A intenção ilumina a ação. _____ 172

Capítulo 47 _____ 173

A dualidade intencional antitética condenável. _____ 173
Capítulo 48 _____ 174
A misericórdia e a severidade no mesmo senhor._____ 174
Capítulo 49 _____ 175
A confiança na providência, sem falsidades. _____ 175
Capítulo 50 _____ 176
Alma significa aqui a vida neste mundo. _____ 176
Capítulo 51 _____ 177
É preciso confiar na Providência divina. _____ 177
Capítulo 52 _____ 178
Coisas de ordem inferior representam coisas de ordem superior. _____ 178
Capítulo 53 _____ 179
O reino de Deus é nosso bem e nosso fim._____ 179
Capítulo 54 _____ 180
Comer para evangelizar e não evangelizar para comer. __ 180
Capítulo 55 _____ 183
Meios temporais orientados para os fins intemporais. ___ 183
Capítulo 56 _____ 184
Primazia ao reino de Deus e sua Justiça. _____ 184
Capítulo 57 _____ 186

Não julguemos o provedor servo de Deus. _____ 186
Capítulo 58 _____ 189
Também se admite o aprovisionamento necessário para o serviço do reino. _____ 189
Capítulo 59 _____ 190
Interpretação liberal e positiva das intenções interiores. _ 190
Capítulo 60 _____ 192
O juízo humano das ações manifestas e a inibição sobre as intenções ocultas. _____ 192
Capítulo 61 _____ 193
Prevenção sobre juízos temerários._____ 193
Capítulo 61 _____ 194
A temeridade prejudica o temerário. _____ 194
Capítulo 63 _____ 195
O ódio é a ira inveterada que não procura correção. ____ 195
Capítulo 64 _____ 196
A bondade e a benevolência são aptas para corrigir os vícios. _____ 196
Capítulo 65 _____ 198
Paulo, modelo de adaptação sem simulação. _____ 198
Capítulo 66 _____ 199
Prudência na correção e parcimônia nos castigos. _____ 199

Capítulo 67 _____ 199

Prudência na apresentação da verdade, com atenção ao receptáculo._____ 199

Capítulo 68 _____ 200

O significado de cães, porcos, coisas santas e pérolas. __ 200

Capítulo 69 _____ 202

Ocultar a verdade não é falsidade. _____ 202

Capítulo 70 _____ 203

Jesus, modelo de atuação evangélica, mesmo com interrogatórios. _____ 203

Capítulo 71 _____ 206

Pedir é necessário para a cura da alma; buscar é necessário para encontrar a verdade. _____ 206

Capítulo 72 _____ 207

Exemplo do triplo passo: pedir, buscar, encontrar. _____ 207

Capítulo 73 _____ 207

Diferença qualitativa entre as dádivas divinas e as humanas. _____ 207

Capítulo 74 _____ 209

A reciprocidade na bondade das ações humanas._____ 209

Capítulo 75 _____ 210

Os frutos são sinais de bondade ou maldade. _____ 210

Capítulo 76 _____ 211

A pureza da visão e a reta intenção são necessárias para ver Deus. _____ 211

Capítulo 77 _____ 212

O caminho apertado e a porta estreita para a vida. _____ 212

Capítulo 78 _____ 213

Pelos frutos se conhece a árvore. _____ 213

Capítulo 79 _____ 214

Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, bons frutos. _____ 214

Capítulo 80 _____ 217

Os frutos das boas obras implicam na retidão da intenção. 217

Capítulo 81 _____ 218

Quais são os frutos das más e das boas obras. _____ 218

Capítulo 82 _____ 219

Não basta falar; tem que praticar. _____ 219

Capítulo 83 _____ 220

Ninguém pode dizer: “Jesus é o Senhor”, se não estiver sob a ação do Espírito Santo. _____ 220

Capítulo 84 _____ 222

O cuidado com as maravilhas aparentes. _____ 222

Capítulo 85 _____ 223

Até os iníquos podem fazer milagres._____ 223

Capítulo 86 _____ 223

A sensibilidade do coração leva à paz e à estabilidade da sabedoria. _____ 223

Capítulo 87 _____ 224

Conclusão de todo o sermão: é somente agindo que se dá solidez ao que se ouve e ao que se compreende. _____ 224

Créditos _____ 227

Conteúdo _____ 228